

VANESSA APARECIDA MOREIRA DE BARROS

**A APOSENTADORIA RURAL E AS MUDANÇAS NOS MODOS DE VIDA DOS
IDOSOS QUE VIVEM NO CAMPO: EM ANÁLISE OS MUNICÍPIOS DE
PIRANGA E SÃO MIGUEL DO ANTA, MINAS GERAIS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

**VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2014**

Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa

T

B277a
2014 Barros, Vanessa Aparecida Moreira de, 1988-
A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos
idosos que vivem no campo : em análise os municípios de
Piranga e São Miguel do Anta, Minas Gerais / Vanessa
Aparecida Moreira de Barros. – Viçosa, MG, 2014.
xxiv, 150f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui anexo.

Inclui apêndices.

Orientador: Ana Louise de Carvalho Fiúza.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 123-127.

1. Aposentados - Vida rural. 2. Idosos - Relações com a
família. 3. Estilo de vida. 4. Previdência social rural. 5. Piranga.
6. São Miguel do Anta. I. Universidade Federal de Viçosa.
Departamento de Economia Rural. Programa de Pós-graduação
em Extensão Rural. II. Título.

CDD 22. ed. 155.672

VANESSA APARECIDA MOREIRA DE BARROS

A APOSENTADORIA RURAL E AS MUDANÇAS NOS MODOS DE VIDA DOS IDOSOS QUE VIVEM NO CAMPO: EM ANÁLISE OS MUNICÍPIOS DE PIRANGA E SÃO MIGUEL DO ANTA, MINAS GERAIS.

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 16 de junho 2014.


Rômulo Soares Barbosa


Luciano Rodrigues Costa


Ana Louise de Carvalho Fiúza
(Orientadora)

Dedico essa dissertação aos meus pais, Sérvulo e Nilza e aos meus avós paternos (in memoriam) e maternos que na vida simples e humilde construíram a base para que eu pudesse chegar aqui.

“Até aqui nos socorreu o Senhor”
(I Samuel, 7:12)

AGRADECIMENTOS

À Deus, meu Soberano, essência do meu viver, causa da minha alegria, sustento que me fortalece em cada passo, me guia através da presença do Espírito Santo e aponta caminhos que jamais pensei percorrer, sempre com a certeza de que eu “tudo posso naquele que me fortalece”.

À presença doce de Nossa Senhora, sempre passando à frente das dificuldades com amor materno.

Aos meus pais, Nilza e Sérvulo, por todo carinho, amor, cuidado e pelo apoio sem limites para minha formação profissional, por me ensinarem a ser justa e ter um coração caridoso.

À minha família, que sempre me apoiou em cada momento. Em especial, agradeço à Tia Filinha, pelo incentivo e amor aos estudos e por me ensinar a valorizar a oportunidade que ela tanto quis e não teve.

Ao meu namorado, Gustavo, por todo incentivo, cuidado, amor e paciência que tornou o caminho mais leve e agradável.

Ao Ministério Universidades Renovadas de Viçosa da Renovação Carismática Católica, por me formar enquanto profissional renovada para fazer a diferença na sociedade. Em especial, ao Grupo de Oração Universitário Morada do Espírito Santo, refúgio e fonte de renovação em cada semana, pela convivência fraterna com os irmãos que se tornaram família, em especial a Thalyta, Ana Luiza, Patrícia, Rodrigo e Maikely.

À minha família de república, Deiziane, Leilane, Alessandra e agregados (Roni), por acompanharem cada momento, pelas partilhas, apoio, desabafo, conselho, momentos de descontração, enfim, pela amizade sincera e carinho.

À Patrícia pela amizade nascida do interesse por trabalhar com Extensão Rural e pela companhia em cada momento, pela amizade e exemplo. Eu agradeço por toda motivação em cada etapa da Graduação e do Mestrado e por me mostrar os talentos escondidos.

À Fátima e ao Zé do Carmo, pais espirituais de Viçosa, pelas orações, acolhida e cuidado.

Aos amigos de perto e de longe, que me apoiaram em cada etapa, em especial, à Luciana, pelos conselhos, orações, incentivo e amizade que me deram forças para que eu pudesse ir além.

Ao Departamento de Economia Rural e aos funcionários pela solicitude.

Ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural por subsidiar a minha formação enquanto pesquisadora e pelas oportunidades oferecidas.

Aos professores pelo aprendizado profundo e reflexivo.

Aos colegas da turma de Mestrado em Extensão Rural de 2012, pelo apoio, troca de experiências, aprendizado e exemplo.

À minha orientadora, professora Ana Louise de Carvalho Fiúza, por quem eu não tenho nem palavras para expressar minha gratidão por tudo, pelo incentivo, pela doação de tempo para aperfeiçoar o trabalho e pelo exemplo de determinação. Eu agradeço ainda por toda força que me levou a avançar no meu crescimento profissional em cada etapa, por acreditar na minha capacidade, confiando nos caminhos que fui trilhando e nas portas que foram se abrindo. Muito obrigada Ana!

Ao Grupo de Estudo Rurais: Agricultura e Ruralidades (GERAR), por me proporcionar um ambiente de aprendizado e formação enquanto pesquisadora, pela convivência fraterna e construtiva, no apoio aos trabalhos para compartilhar dificuldades e conquistas. Aqui, agradeço em especial à Nayhara, pela amizade tão preciosa, pelas correções e valiosas dicas; à Érica, pela contribuição para a formulação inicial do projeto de Mestrado; à Lidiane, pelo exemplo, companheirismo nas disciplinas, conselhos na hora do cafezinho, disponibilidade em ensinar; ao Bruno, pelas sugestões na reta final da organização da dissertação e à Lívia pela tradução do resumo e pela boa vontade.

Ao Departamento de Economia Doméstica, aos professores e ao Programa de Educação Tutorial que foram primordiais para a minha formação profissional, em especial às parceiras de pesquisa, Glauciane e Camila.

Ao ERGOPLAN por me acolher nos momentos antecedentes à defesa. A convivência com vocês foi maravilhosa: Jacqueline com a companhia agradável e as valiosas caronas, Emília pelo exemplo e apoio, Núbia pelo companheirismo e partilhas e a profa. Simone por abrir a porta em um momento necessário para finalizar a dissertação.

À prefeitura e a EMATER de Piranga e São Miguel do Anta pelo apoio na realização da pesquisa de campo. Em especial às técnicas Janaina e Cormarie, da EMATER de São Miguel do Anta, que não mediram esforços para me auxiliarem na coleta de dados.

Ao Departamento Municipal de Saúde de Piranga, por meio da ajuda valiosa das gerentes do Programa Saúde da Família: Help, Sabrina, Samantha; as enfermeiras Heloísa, Hellen e Marcilene, as técnicas e as agentes de saúde da família que me conduziram aos locais da coleta de dados. Vocês foram especiais para o bom êxito da pesquisa, muito obrigada!

Aos meus coorientadores, prof. Rennan Mafra e profa. Simone Caldas Tavares Mafra, pelo apoio na realização da pesquisa.

À profa. Neide Maria de Almeida Pinto, por aceitar debater o seminário de dissertação, pelas contribuições e pela correção atenta e detalhada.

À Maikely, pela revisão ortográfica, realizada com carinho e dedicação.

Aos membros da banca de defesa da dissertação, prof. Rômulo Barbosa e prof. Luciano Costa, pelas relevantes contribuições para o arremate final da dissertação.

Ao CNPq, por ter concedido a bolsa que me possibilitou cursar o Mestrado.

Enfim, à todos os idosos que aceitaram participar da pesquisa e contribuíram para que esse trabalho ficasse com a riqueza de detalhes presente em cada página. Guardarei as lembranças no coração.

BIOGRAFIA

Vanessa Aparecida Moreira de Barros, filha de Sêrvulo de Barros Pinto e Nilza da Consolação Moreira de Barros, nasceu em 17 de julho de 1988, em Senador Firmino, Minas Gerais. Coursou até a 4ª série do ensino fundamental na Escola Municipal Padre Jacinto Trombert e da 5ª série ensino fundamental ao ensino médio na Escola Professor Cícero Torres Galindo. No ano de 2007, mudou-se para Viçosa, Minas Gerais e ingressou-se no curso de graduação de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa. Durante a graduação, foi bolsista do Programa de Educação Tutorial em Economia Doméstica por três anos e meio e executou projetos e atividades em interface com a extensão, o ensino e a pesquisa, com ênfase na realização de projeto com jovens e mulheres rurais. Em 2012, iniciou o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, do Departamento de Economia Rural da UFV.

SUMÁRIO

	Página
LISTA DE SIGLAS	x
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	xii
LISTA DE QUADROS.....	xvii
LISTA DE TABELAS.....	xviii
RESUMO.....	xxi
ABSTRACT	xxiii
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 Objetivos	2
1.2 Hipóteses.....	3
1.3 Procedimentos Metodológicos.....	3
CAPÍTULO 1	
A INVERSÃO DO TOPO DA PIRÂMIDE: O ENVELHECIMENTO POPULACIONAL E O PERFIL DEMOGRÁFICO NO BRASIL E NA MICRORREGIÃO DE VIÇOSA.....	21
1.1. O envelhecimento populacional no Brasil.....	21
CAPÍTULO 2	
“DE PRIMEIRO ERA ASSIM (...)”: A TRANSFORMAÇÃO DO MODO DE VIDA DOS IDOSOS RURAIS.....	37
2.1 A concepção de modo de vida	37
2.2 O perfil dos idosos rurais.....	42
2.3 Um modo de vida rural: “De rancho em rancho a gente vai vivendo”	45
2.4 O trabalho e a produção dos idosos na propriedade.....	55
2.4.1 “Trabalhar na roça é bão demais. Só traz fartura!”	57
2.4.2 A produção para o autoconsumo em um campo ruralizado.....	68
2.5 A alimentação, o vestuário, a fabricação de móveis, de objetos e de utensílios como expressão de um modo de vida rural no campo.....	72
2.5.1 A alimentação.....	72
2.5.2 Confeção e aquisição das roupas.....	75
2.5.3 A fabricação dos móveis, utensílios e objetos: um modo rural de se morar.....	77
CAPÍTULO 3	
A PREVIDÊNCIA SOCIAL NO BRASIL: A APOSENTADORIA RURAL E OS IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS PARA OS IDOSOS RURAIS.....	90
3.1 O histórico da Previdência Social e a germinação da aposentadoria rural....	90
3.2 Impactos da aposentadoria rural para os idosos rurais: os resultados de várias pesquisas.....	94
3.3 O “habitus previdenciário” na vida dos idosos rurais de Piranga e São Miguel do Anta	96

3.3.1 O recebimento da aposentadoria como bênção de Deus.....	97
3.3.2 Os efeitos da aposentadoria rural na vida das mulheres.....	104
3.3.3 Investimentos com a renda previdenciária.....	106
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	123
ANEXO	128
Anexo 1- Parecer consubstanciado do CEP-UFV.....	128
	130
APÊNDICES	
Apêndice 1 - Roteiro de Entrevista Semiestruturada.....	130
Apêndice 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	141
Apêndice 3 – Termo de Autorização de Uso de Imagens e Depoimentos.....	144
Apêndice 4 - Pedido de autorização para a realização da pesquisa de campo encaminhado aos prefeitos dos municípios pesquisados.....	145
Apêndice 5 - Declaração de apoio do Escritório da EMATER de Piranga e São Miguel do Anta para a realização da pesquisa de campo.....	147
Apêndice 6 - Autorização do Prefeito de Piranga e São Miguel do Anta para a realização da pesquisa de campo.....	149

LISTA DE SIGLAS

ABEP - Associação Brasileira de Estudos Populacionais
AED - Análise Exploratória de Dados
PIB – Produto Interno Bruto
CAP's - Caixas de Aposentadorias e Pensões
CEBRAP - Centro Brasileiro de Análise e Planejamento
CUT - Central Única dos Trabalhadores
CONTAG - Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura
CRB - Confederação Rural Brasileira
DESER - Departamento de Estudos Socioeconômicos Rurais
EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
LOPS - Lei Orgânica de Previdência Social
FJP – Fundação João Pinheiro
FUNRURAL - Fundo de Assistência e Previdência do Trabalhador Rural
FGTS - Fundo de Garantia por Tempo de Serviço
GERAR – Grupo de Estudos Rurais: Agriculturas e Ruralidades
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IAP's - Institutos de Aposentadorias e Pensões
IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano do Município
IEPHA – Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico
INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária -
INPS - Instituto Nacional de Previdência Social
IPHAN – Instituto de Patrimônio Histórico Nacional
IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
PIR – Piranga
PSF – Programa de Saúde da Família
PRÓ-RURAL - Programa de Assistência ao Trabalhador Rural
SMA – São Miguel do Anta
SNA - Sociedade Nacional de Agricultura
SRB - Sociedade Rural Brasileira
TICs - Tecnologias de Informação e Comunicação
ULTAB - União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil

UFV – Universidade Federal de Viçosa

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Mapa de localização dos municípios pesquisados	05
FIGURA 2 – Circuito do Ouro.	07
FIGURA 3 – Igreja Matriz de Piranga construída no século XVIII e demolida em 1966.	08
FIGURA 4 – Atual Igreja Matriz de Piranga construída no local da primeira	08
FIGURA 5 – Capela de Santo Antônio do Bacalhau em Piranga construída em 1743 e tombada pelo IEPHA.	09
FIGURA 6 – Santuário do Senhor Bom Jesus de Matozinhos em Piranga tombado pelo IPHAN.	09
FIGURA 7 – Memorial próximo ao Santuário indicando os conflitos finais da Guerra dos Emboabas, Piranga, MG.	09
FIGURA 8 – Espada à frente do Santuário como símbolo da Guerra dos Emboabas, Piranga, MG.	09
FIGURA 9 – Museu e Memorial Cesário Alvim, Piranga, MG.	10
FIGURA 10 – Primeira Igreja Matriz de São Miguel do Anta.	10
FIGURA 11 – Atual Igreja Matriz de São Miguel do Anta.	10
FIGURA 12 - Visão aérea da cidade de São Miguel do Anta	11
FIGURA 13 - Taxa de fecundidade total – Brasil – 1940/2010	22
FIGURA 14 - Distribuição percentual das taxas específicas de fecundidade segundo os grupos de idade – Brasil 2000 e 2010	24
FIGURA 15 - Pirâmide Etária do Brasil	25
FIGURA 16 - Proporção da população de 60 anos ou de mais idade, segundo Unidade da Federação 2000/2010.	26
FIGURA 17 - Proporção de pessoas, por grupos de idade, segundo as classes de tamanho da população dos municípios – 2010.	27
FIGURA 18 - Pirâmide Etária da População de Minas Gerais em 2000.	30
FIGURA 19 - Pirâmide Etária da População de Minas Gerais em 2010.	30
FIGURA 20 - Pirâmide Etária da População de Piranga em 2000.	31

FIGURA 21 - Pirâmide Etária da População de Piranga em 2010.	31
FIGURA 22 - Pirâmide Etária da População de São Miguel do Anta em 2000.	32
FIGURA 23 - Pirâmide Etária da População de São Miguel do Anta em 2000.	32
FIGURA 24 - Mapa de distribuição de idosos em Piranga por sexo e setores censitários.	33
FIGURA 25 - Mapa de distribuição de idosos em São Miguel do Anta por sexo e setores censitários	34
FIGURA 26 - Sexo dos entrevistados de Piranga e São Miguel do Anta, MG.	42
FIGURA 27 - Fazenda na comunidade do Bom Retiro, Piranga, MG.	46
FIGURA 28 - Fazenda antiga na comunidade do Bom Retiro, Piranga, MG.	46
FIGURA 29 - Fazenda antiga na comunidade de São Francisco, Piranga, MG.	47
FIGURA 30 - Casa com parede barreada	49
FIGURA 31 - Fachada da casa barreada e pintada com barro amarelo, Piranga, MG.	49
FIGURA 32 - Parede barreada e pintada com barro branco, Piranga, MG.	50
FIGURA 33 - Fachada da casa com as paredes barreadas, Piranga, MG.	50
FIGURA 34 - Casa com as paredes reformada e pintada com tinta, Piranga, MG.	50
FIGURA 35 - Casa com as paredes pintadas com tinta, São Miguel do Anta, MG.	50
FIGURA 36 - Banheiro improvisado no lugar de um quarto, Piranga, MG.	53
FIGURA 37 - Foça Negra que era utilizada pelo idoso entrevistado, São Miguel do Anta, MG.	53
FIGURA 38 - Banheiro construído recentemente, São Miguel do Anta, MG.	54
FIGURA 39 - Banheiro reformado recentemente, São Miguel do Anta, MG.	54
FIGURA 40: Idosa entrevistada preparando o polvilho, Piranga, MG.	62
FIGURA 41: Arroz colhido pelo idoso entrevistado, Piranga, MG.	62
FIGURA 42: Idosa entrevistada mostrando um painel com diferentes transportes utilizados pela sua família, São Miguel do Anta, MG.	63
FIGURA 43 - Idoso entrevistado a frente conduzindo o vizinho ao moinho para	64

processar o milho, Piranga, MG.

FIGURA 44: Idoso entrevistado mostrando o funcionamento do moinho movido pela água, Piranga, MG.	64
FIGURA 45: Relação do trabalho na agricultura do início da vida para “hoje”	66
FIGURA 46 - Grau de satisfação do idoso com relação à atividade agrícola	67
FIGURA 47: Quadro com o Diploma de Produtor Modelo recebido pelo idoso entrevistado, São Miguel do Anta, MG.	68
FIGURA 48: Engenho de Cana preparado para a fabricação de rapadura, Piranga, MG.	70
FIGURA 49: Idoso entrevistado moendo a cana para a fabricação de rapadura Piranga, MG.	70
FIGURA 50: Sabão preto produzido por uma idosa entrevistada Piranga, MG.	71
FIGURA 51: Sabão de soda produzido por uma idosa entrevistada, São Miguel do Anta, MG.	71
FIGURA 52: Gamela utilizada para levar as refeições para os trabalhadores	74
FIGURA 53: Coité utilizado para transportar alimentos dentro da gamela, São Miguel do Anta, MG.	74
FIGURA 54: Idosa entrevistada preparando as marmitas para trabalhadores, Piranga, MG.	74
FIGURA 55: Colchão de Capim Mumbeca, Piranga, MG.	77
FIGURA 56: Esteira da Palha da Bananeira, Piranga, MG.	77
FIGURA 57: Guarda-roupa antigo, São Miguel do Anta, MG.	79
FIGURA 58: Caixa de guardar roupas, Piranga, MG.	79
FIGURA 59: Caixa de guardar roupas, Piranga, MG.	79
FIGURA 60: Vara para guardar as roupas, Piranga, MG.	79
FIGURA 61: Pá de mexer angu de fabricação própria, Piranga, MG.	80
FIGURA 62: Mancebo que dá suporte ao coador de café, Piranga, MG.	80
FIGURA 63: Panela de ferro, São Miguel do Anta, MG.	80
FIGURA 64: Panela de pedra, Piranga, MG.	80

FIGURA 65: Fogão a lenha barreado e pintado com barro colorido, Piranga, MG.	81
FIGURA 66: Fogão a lenha revestido de cerâmica, Piranga, MG.	81
FIGURA 67: Latas para guardar alimentos, São Miguel do Anta, MG.	81
FIGURA 68: Lampião, São Miguel do Anta, MG.	81
FIGURA 69: Chuveiro de Balde ao lado do elétrico, São Miguel do Anta, MG.	82
FIGURA 70: Macete de amassar feijão na gamela, Piranga, MG.	82
FIGURA 71: Peneira de Taquara, Piranga, MG.	83
FIGURA 72: Bacia de tomar banho “de primeiro”, Piranga, MG.	83
FIGURA 73: Pilão, Piranga, MG.	83
FIGURA 74: Ferro de passar roupa esquentado com brasa, São Miguel do Anta, MG.	83
FIGURA 75: Moedor de café torrado, São Miguel do Anta, MG.	83
FIGURA 76: Ralador, Piranga, MG.	83
FIGURA 77: Santuário à esquerda e a direita as casa com os cômodos para “ranchar”.	84
FIGURA 78: Casas para “ranchar” a esquerda do Santuário, Piranga, MG.	84
FIGURA 79: Divisão dos cômodos que os idosos “ranchavam”, Piranga, MG.	84
FIGURA 80: Estrutura dos cômodos que os idosos “ranchavam”, Piranga, MG.	84
FIGURA 81: Rádios antigos, São Miguel do Anta, MG.	82
FIGURA 82 - Grau de satisfação dos idosos entrevistados em morar no campo.	88
FIGURA 83 – Quantidade de Benefícios concedidos por tipo para população por tipo para população rural – 1980 a 2005.	94
FIGURA 84 - Tipo de benefício previdenciário concedido aos idosos entrevistados de São Miguel do Anta e Piranga, MG.	98
FIGURA 85: Número de Salário advindo da aposentadoria por entrevistado de São Miguel do Anta e Piranga, MG.	99
FIGURA 86: Número de Salário advindo da aposentadoria por família dos entrevistados de São Miguel do Anta e Piranga, MG.	100

FIGURA 87: Melhorias na vidados idosos entrevistados após a aposentadoria rural	102
FIGURA 88: Granja de Frango, São Miguel do Anta, MG.	104
FIGURA 89: Equipamentos pelo PRONAF.	104
FIGURA 90: Casa antiga a direita e a nova a esquerda, São Miguel do Anta, MG.	111
FIGURA 91: Casa reformada com o recurso da aposentadoria rural idosa, Piranga, MG.	111

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Níveis de significância utilizados com maior frequência	14
QUADRO 2 - Características constitutivas do perfil relativo ao “Modo de vida rural” e ao “Modo de vida Urbano”.	40
QUADRO 3 - Média de Idade dos entrevistados em Piranga e São Miguel do Anta, MG.	43
QUADRO 4 – Tempo como aposentados rurais	98
QUADRO 5 – Média de aquisição de eletrodomésticos e móveis pelos idosos rurais de Piranga e São Miguel do Anta, MG.	112

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Dados da Microrregião de Viçosa.	04
TABELA 2 - Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil, Minas Gerais, Piranga e São Miguel do Anta, MG.	06
TABELA 3 - Dados percentuais da distribuição da população rural e urbana na Microrregião de Viçosa nas décadas dos anos 1970, 1980, 2000 e 2010	06
TABELA 4 – Naturalidade dos entrevistados de Piranga, MG.	11
TABELA 5 - Naturalidade dos entrevistados de São Miguel do Anta, MG.	12
TABELA 6 - Número de entrevistados por setor rural do PSF em Piranga, MG.	15
TABELA 7 - Número de entrevistados por setor rural do PSF em São Miguel do Anta, MG.	16
TABELA 8 - Taxa de fecundidade total e diferença relativa, segundo as grandes Regiões -2000/2010	23
TABELA 9 - Taxa de mortalidade infantil, segundo as grandes Regiões - 2000/2010	23
TABELA 10 - Distribuição relativa das taxas específicas de fecundidade, por idade, segundo Grandes Regiões – 2000/2010	24
TABELA 11 - Relação do número de idoso com 60 anos ou mais no Brasil, na região Sudeste, em Minas Gerais e na Microrregião de Viçosa.	28
TABELA 12: Grupo de Idosos por sexo de acordo com a faixa etária diferente	29
TABELA 13 - Índice de Envelhecimento na Microrregião de Viçosa	35
TABELA 14 - Número de famílias de idosos com filhos solteiros em Piranga e São Miguel do Anta, MG.	44
TABELA 15 – Situação dos imóveis dos entrevistados em Piranga e São Miguel do Anta, MG.	47
TABELA 16: Estrutura da parede na casa dos idosos “de primeiro” e “hoje” em Piranga e São Miguel do Anta, MG.	48
TABELA 17: Acabamentos da parede na casa dos idosos em Piranga e São Miguel do Anta, MG.	49
TABELA 18: Tipo de telhado na casa dos idosos “de primeiro” e “hoje” em Piranga e São Miguel do Anta	50

TABELA 19 - Tipo de piso na casa dos idosos “de primeiro” e “hoje” em Piranga e São Miguel do Anta.	51
TABELA 20: Estrutura do banheiro na casa dos idosos “de primeiro” e “hoje” em Piranga e São Miguel do Anta.	52
TABELA 21: Atividades realizadas “de primeiro” e “hoje” nas cidades de Piranga e São Miguel do Anta	56
TABELA 22: Motivo de mudança nas práticas de trabalho em Piranga e São Miguel do Anta	60
TABELA 23: Utilização de insumos nas cidades de Piranga e São Miguel do Anta	61
TABELA 24: Máquinas e equipamentos utilizados em Piranga e São Miguel do Anta	64
TABELA 25: Finalidade da produção agrícola nas cidades de Piranga e São Miguel do Anta, MG.	68
TABELA 26: Tipo de atividades lúdicas de “de primeiro” em Piranga e São Miguel do Anta, MG.	86
TABELA 27: Tipo de Programa de televisão assistido pelos idosos em Piranga e São Miguel do Anta, MG.	87
TABELA 28: Tipo de grupo frequentado pelos idosos de Piranga e São Miguel do Anta, MG.	88
TABELA 29: Responsável por receber o benefício em Piranga e de São Miguel do Anta, MG.	107
TABELA 30: Frequência de deslocamento em Piranga e de São Miguel do Anta, MG.	107
TABELA 31: Tipo de transporte utilizado para deslocamento em Piranga e de São Miguel do Anta, MG.	108
TABELA 32: Investimento dos idosos (as) na casa e na propriedade em Piranga e São Miguel do Anta, MG.	102
TABELA 33: Total de eletrodomésticos presentes na casa dos idosos e eletrodomésticos adquiridos após a aposentadoria rural em Piranga, MG.	113
TABELA 34: Total de eletrodomésticos presentes na casa dos idosos e eletrodomésticos adquiridos após a aposentadoria rural em São Miguel do Anta,	114

MG.

TABELA 35: Total de móveis presentes na casa dos idosos e móveis adquiridos após a aposentadoria rural em Piranga, MG. 115

TABELA 36: Total de móveis presentes na casa dos idosos e móveis adquiridos após a aposentadoria rural em São Miguel do Anta, MG. 115

TABELA 37: Aquisição de eletrodomésticos e móveis pelos entrevistados de Piranga e São Miguel do Anta, MG antes e depois da aposentadoria rural. 116

RESUMO

BARROS, Vanessa Aparecida Moreira de, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, junho de 2014. **A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos que vivem no campo: em análise os municípios de Piranga e São Miguel do Anta, Minas Gerais.** Orientadora: Ana Louise de Carvalho Fiúza. Coorientadores: Rennan Lanna Martins Mafra e Simone Caldas Tavares Mafra.

A presente dissertação teve como objetivo investigar os efeitos da aposentadoria rural no modo de vida das famílias com aposentados. Buscou-se analisar as mudanças nos modos de vida das famílias com idosos a partir da institucionalização do “*habitus* previdenciário” em sua vida. Embora a pesquisa não tenha tratado a aposentadoria rural como uma variável causal em relação às mudanças dos modos de vida das famílias com aposentados, ela procurou incidir sobre a vida destas famílias. Para efeitos de classificação e considerando-se o objetivo desta pesquisa, pode-se enquadrá-la como descritiva-explicativa. Em termos metodológicos utilizou-se procedimentos de coleta e análise de dados quantitativos e qualitativos, com a aplicação de um *survey* com perguntas abertas e fechadas. Para a realização do estudo escolheu-se os municípios de Piranga e São Miguel do Anta, ambos pertencentes à Microrregião de Viçosa. A escolha se deveu ao fato de ambos apresentarem diferentes conotações da ruralidade. A amostra da pesquisa foi representativa da população, tendo sido constituída por 117 idosos rurais: 64 em Piranga e 53 em São Miguel do Anta. Os dados foram categorizados, analisados e testados por meio do *software StatisticalPackage for Social Science (SPSS)* versão 20.0. Os resultados da pesquisa mostraram que houve a institucionalização do que se poderia definir como um “*habitus* previdenciário” na vida dos aposentados rurais, em função dos mesmos terem incorporado uma nova forma de perceber o tempo e se organizar perante ele. O horizonte do futuro adentrou a vida das famílias com aposentados, que mediante a segurança do dinheiro recebido, mensalmente, desenvolveram hábitos e práticas de médio e longo prazo. Um modo de vida hibridizado com elementos da vida urbana passaram a se combinar com costumes e práticas tradicionais. As famílias com aposentados rurais mantinham vivos elementos da cultura rural. Assim, os seus modos de vida se mostraram híbridos, apresentando uma síntese entre a influência da cultura urbana e a herança rural. Tal fato pôde ser constatado através das mudanças na estrutura da casa, na aquisição de utensílios e eletrodomésticos, nos investimentos tecnológicos na propriedade e, até mesmo no consumo de alimentos e roupas. O crediário e o investimento em bens parcelados, assim

como o investimento nos estudos dos netos e filhos, foram algumas das práticas que apontaram para as alterações que se estavam dando nos seus modos de vida, os quais se aproximaram dos padrões de vida urbanos. Os dados mostraram que tais transformações se institucionalizaram em suas vidas com o recebimento mensal da aposentadoria, a qual materializou um “*habitus* previdenciário”, marcado pelo horizonte do futuro planejado. O medo da fome e a incerteza em relação ao amanhã ficaram para trás. A segurança do recebimento do benefício previdenciário, mês após mês, introduziu o “futuro” em suas vidas. Um tempo vindouro, através do qual passam a fazer projetos de melhoramento na casa, de aquisição de bens e de auxílio aos projetos dos parentes próximos, à medida que conseguiam poupar parte do que recebiam para investir. O “dinheiro certo” mostrou-se como um fator de afastamento do medo de gastar com algum investimento na propriedade, pois, doravante, não precisavam se arriscar a comprar implementos e tecnologias agrícolas, se endividando no banco. O recebimento da aposentadoria rural criou, assim, uma predisposição para planejar o amanhã. Verificou-se, por fim, que a renda previdenciária teve um impacto diferenciado na vida de homens e mulheres: estas, que eram acostumadas a trabalhar, mas não a receber pelo trabalho que realizavam, com a aposentadoria rural passaram de “dependente” a “autônomas”, decidindo sobre a forma de usar o dinheiro que recebiam.

ABSTRACT

BARROS, Vanessa Aparecida Moreira de, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, June, 2014. **The rural retirement and changes in way of life of elderly who live in the countryside: analysis of the municipalities of Piranga and São Miguel do Anta, Minas Gerais.** Advisor: Ana Louise de Carvalho Fiúza. Second Advisors: Rennan Lanna Martins Mafra and Simone Caldas Tavares Mafra.

This thesis aimed to investigate the effects of rural retirement in the way of life of families with retirees. We sought to analyze the changes in lifestyles of families with elderly from the institutionalization of "pension habitus" in their life. Although the research has not treated the rural retirement as a causal variable in relation to changes in way of life of families with retirees, it sought concerned the lives of these families. For classification purposes and considering the purpose of this research, you can frame it as a descriptive-explanatory. In methodological terms it was used procedures for collecting and analyzing quantitative and qualitative data, with the application of a survey with open and closed questions. For the study was chosen municipalities of São Miguel do Anta and Piranga, both belonging to the microregion of Viçosa. The choice was due to the fact both have different connotations of rurality. The survey sample was representative of the population, consisting by 117 rural elderly: Piranga 64 in and 53 in São Miguel do Anta. The data were categorized, analyzed and tested through Statistical Package software for Social Science (SPSS) version 20.0. The research results revealed that there was the institutionalization of what might be described as a "pension habitus" in the lives of rural retirees, according to the same have incorporated a new way of perceiving time and get organized before him. The horizon of the future entered the lives of families with retirees, who through security money received, each month, developed habits and practices of medium and long term. A hybridized way of life with elements of urban life start to combine with traditional customs and traditional practices. The Families with rural retirees kept alive elements of rural culture. Thus, their ways of life proved hybrids showing a synthesis between the influence of urban culture and rural heritage. This fact could be verified through changes in the structure of the house, the purchase of utensils and appliances, in the technological investments, in property and even the consumption of food and clothing. The credit and investment in goods paid in installments, as well as investment in studies of children and grandchildren, were some of the practices that pointed to the changes that were giving us their ways of life, which approached the patterns of urban life. The data showed that

such transformations were institutionalized in their lives with the monthly income from retirement, which materialized a 'pension habitus ', marked by the horizon of the future planned. The fear of hunger and the uncertainty about tomorrow left behind. The safety of receipt of social security benefits, month after month, introduced the "future" in their lives. A time to come, through which pass to make in home improvement projects, procurement of goods and aid to projects of close relatives, as they could save part of what they received to invest. The security of receiving the money showed up as a factor of *removal* of fear of spending with some investment in the property, as henceforth not need to risk buying agricultural implements and technologies into debt in the bank. The receipt of rural retirement, thus created a predisposition to plan for tomorrow. Finally, It has been found, that the welfare income had a differential impact on the lives of men and women: the women who were used to working, but not getting the work they did, with the rural pension went from "dependent" to "autonomous ", deciding on how to use the money they received.

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação buscou verificar as possíveis mudanças nos modos de vida dos idosos a partir do recebimento da aposentadoria rural, temática que tem sido amplamente discutida pelo protagonismo econômico dos idosos no campo, desde a década de 90, quando então, os idosos de ambos os sexos tiveram acesso à previdência social¹. A aposentadoria rural trouxe mudanças para a dinâmica dos municípios, para a unidade produtiva familiar e para o modo de vida de toda a família. A estabilidade no recebimento do benefício permitiu aos rurais o planejamento em termos de gastos futuros, propiciando-lhes fazer financiamentos de bens de consumo duráveis, tais como melhorar a casa, além de lhes propiciar assumir despesas voltadas para as necessidades da família como alimentação, transporte, saúde, estudo dos filhos e netos etc. Todavia, embora todas estas mudanças advindas da aposentadoria rural venham impactar sobre o modo de vida dos rurais não se tem tantos estudos voltados para este tema, o que evidencia o caráter inovador da pesquisa realizada.

A motivação para a realização desta pesquisa surgiu nas discussões do Grupo de Estudos Rurais²: agricultura e ruralidades (GERAR), quando uma das pesquisadoras participou do IV Encontro de Estudos Rurais e apresentou ao grupo as agendas de pesquisa em destaque, na qual os estudos com os idosos rurais foram considerados como pouco expressivos, ainda, no Brasil. A identificação com o tema está relacionada também com as origens da pesquisadora, filha de lavradores que sempre conviveu com trabalhadores rurais, com os idosos rurais e, mais intimamente, com os avós, acompanhando a vivência dos mesmos enquanto aposentados rurais, ouvindo os casos de “antigamente” e observando seus costumes e lembranças, que a permitiram aprofundar-se no tema da pesquisa, a partir de conhecimentos já adquiridos.

Com as considerações empíricas paralelas à experiência da pesquisadora, tanto pessoal como acadêmica junto aos jovens, mulheres e com as famílias que vivem no campo como um todo, em projetos de pesquisa e extensão realizados através da UFV, pôde-se perceber que o idoso rural vem ganhando espaço dentro da propriedade. Mesmo com a idade avançada, este realiza investimentos e continua a realizar o seu trabalho

¹ DELGADO E CARDOSO JR., (2000; 2004); SCHWARZER (2000); BRUMER (2002); BARBOSA (2003); BELTRÃO ET AL. (2004; 2005); WERNECK VIANNA, (2004); BELTRÃO ET AL. (2005); AQUINO E SOUZA (2007); QUEIROZ (2008); SANTOS (2008) e TONEZER (2009).

² Grupo de Pesquisa vinculado ao CNPq.

agrícola e outras atividades que contribuem, sobremaneira, para a reprodução da família. Para além destes fatores, o recebimento da aposentadoria rural por parte dos idosos pode contribuir para que se amplie a percepção em torno das dinâmicas entre campo – cidade³, em virtude das transformações que esta renda fixa vem promovendo no campo, em se tratando da realidade brasileira. Assim, observar como os idosos têm se constituído no eixo através do qual um novo modo de vida vem se configurando no campo pode contribuir para a elaboração de programas e projetos dentro da extensão rural e áreas afins direcionados a esse público e, até mesmo, na formulação de políticas públicas.

Nesse contexto, propõe-se nesta pesquisa analisar as seguintes questões: De que forma a aposentadoria rural recebida pelos idosos incide sobre a vida da família e na dinâmica da propriedade? Que efeitos a segurança econômica, advinda do recebimento da aposentadoria, gera no modo de vida da família? De que forma o “*habitus*⁴ previdenciário”, institucionalizado com o recebimento da aposentadoria rural, afeta o modo de vida das famílias que moram no campo nas cidades de Piranga e São Miguel do Anta?

1.1 Objetivos

Tais questões de investigação têm o objetivo de verificar as mudanças nos modos de vida dos idosos frente à influência exercida pela aposentadoria rural. Com o intuito de alcançar tal objetivo buscou-se especificamente: 1) descrever as condições socioeconômicas dos idosos, da propriedade e da unidade doméstica; 2) verificar a presença de indicadores que apontem para a transformação ou permanência do modo de vida dos idosos; 3) identificar e verificar os hábitos, costumes e utensílios de outrora, que permanecem presentes após a incorporação do “*habitus* previdenciário” nas famílias dos idosos que recebem este benefício; 4) apreender o significado da aposentadoria rural para os idosos; e 5) identificar as mudanças realizadas na casa e nos padrões de consumo a partir da incorporação do “*habitus* previdenciário” na vida da família.

³ Para a realização do presente estudo consideramos campo e cidade como espaços físicos e rural e urbano como modos de vida (RAMBAUD, 1973; ENDLICH, 2010; SPOSITO, 2010).

⁴ Considera-se o *habitus* como uma predisposição para agir. Na página 96 o conceito será trabalhado detalhadamente.

1.2 Hipóteses

Com base, fundamentalmente, nas perspectivas teóricas de Placide Rambaud, Pierre Bourdieu e Karl Mannheim⁵ formulou-se três hipóteses de pesquisa, sendo: 1) A previdência social rural reestrutura o “*habitus* tradicional” do idoso em “*habitus* previdenciário”, o qual altera a relação da família com o tempo e também com o seu ambiente mais próximo; 2) o recebimento da aposentadoria rural tende a diferenciar as práticas dos idosos no campo; 3) o tempo de introjeção do “*habitus* previdenciário” é determinante para a consolidação do “*habitus* urbanizado”.

1.3 Procedimentos Metodológicos

De acordo com os objetivos formulados e as hipóteses definidas, esta pesquisa pode ser classificada como descritiva-explicativa, visto que procura, ao mesmo tempo, descrever as características do modo de vida das famílias com idosos aposentados que viviam no campo e explicar as mudanças nos seus modos de vida, a partir da incorporação do “*habitus* previdenciário”. Segundo Gil (2010) a pesquisa descritiva tem como finalidade a descrição das diferentes características apresentadas pelos grupos estudados. Já a pesquisa explicativa procura entender a razão da ocorrência dos eventos estudados, buscando assim identificar o que contribuiu para a ocorrência de determinado fenômeno.

A pesquisa caracterizou-se, ainda, pela abordagem quantitativa e qualitativa. Optou-se por trabalhar com ambas em função das mesmas se complementarem. De acordo com Minayo e Sanches (1993, p. 5) “nenhuma das duas abordagens é mais científica do que a outra” o que importa é saber trabalhar com cada uma, pois, “o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente e vice versa”. Assim, as mesmas não precisam ser consideradas como opostas, segundo Minayo (2012). Landim et al. (2006, p.5) comungam desta mesma perspectiva afirmando que “em muitas circunstâncias, a utilização de uma única abordagem pode ser insuficiente para abarcar toda a realidade observada”, daí a importância de serem [pensadas como complemento uma da outra] complementares.

Para a realização da pesquisa escolheu-se dois municípios: São Miguel do Anta e Piranga, ambos pertencentes à Microrregião de Viçosa, localizada na região da Zona da

⁵ (RAMBAUD, 1973); (MANNHEIM, 1986) e (BOURDIEU, 1996; 2006).

Mata Mineira. A Microrregião de Viçosa é formada por 20 cidades, sendo interessante destacar que metade das cidades apresenta população rural maior que a população urbana. Com exceção de Viçosa, as demais cidades contam com no máximo 20 mil habitantes, destacando-se também o número significativo de idosos entre a população total, como podemos ver na Tabela 1, na qual apresenta, ainda, outras informações que situam o contexto no qual foi realizada a pesquisa. Além das informações demográficas têm-se os aspectos econômicos que envolvem as duas cidades: em Piranga, o Produto Interno Bruto (PIB) que se destaca é o PIB Serviços representando R\$67.071; já em São Miguel do Anta o realce, também no PIB Serviços, apresenta o valor de R\$27.969, os demais valores estão na Tabela 2. O Índice de Desenvolvimento Humano do Município (IDHM) da população piranguense é 0,600 e da população de São Miguel do Anta é de 0,644. Ambos os valores de IDHM são considerados pelo ATLAS (2013) dentro do padrão médio de desenvolvimento humano.

Logo após as Tabelas 1 e 2 apresenta-se o mapa de localização da área de pesquisa (Figura 1).

Tabela 1 - Dados da Microrregião de Viçosa.

Município	Área (Km ²)	Densidade Demográfica (Hab/Km ²)	População Total	População Urbana	População Rural	População Idosa
Alto Rio Doce	518,05	23,47	12159	5070	7089	1964
Amparo do Serra	145,91	34,63	5053	2642	2411	820
Araponga	303,79	26,83	8152	3041	5111	849
Brás Pires	223,35	20,76	4637	2223	2414	770
Cajuri	83,04	48,74	4047	2096	1951	586
Canaã	174,9	26,46	4628	1859	2769	691
Cipotânea	153,48	42,66	6547	3014	3533	964
Coimbra	106,88	66	7054	5156	1898	1059
Ervália	357,49	50,2	17946	9470	8476	2225
Lamim	118,6	29,11	3452	1511	1941	550
Paula Cândido	268,32	34,55	9271	4936	4335	1277
Pedra do Anta	163,45	20,59	3365	2192	1173	628
Piranga	658,81	26,16	17232	5958	11274	2327
Porto Firme	284,78	36,58	10417	4831	5586	1481
Presidente Bernardes	236,8	23,38	5537	1642	3895	915
Rio Espera	238,6	25,44	6070	2403	3667	1026
São Miguel do Anta	152,11	44,44	6790	3746	3014	996
Senhora de Oliveira	170,75	33,28	5683	3256	2427	827
Teixeiras	166,74	68,1	11355	7623	3732	1751
Viçosa	299,42	241,2	72220	67305	4915	7976

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

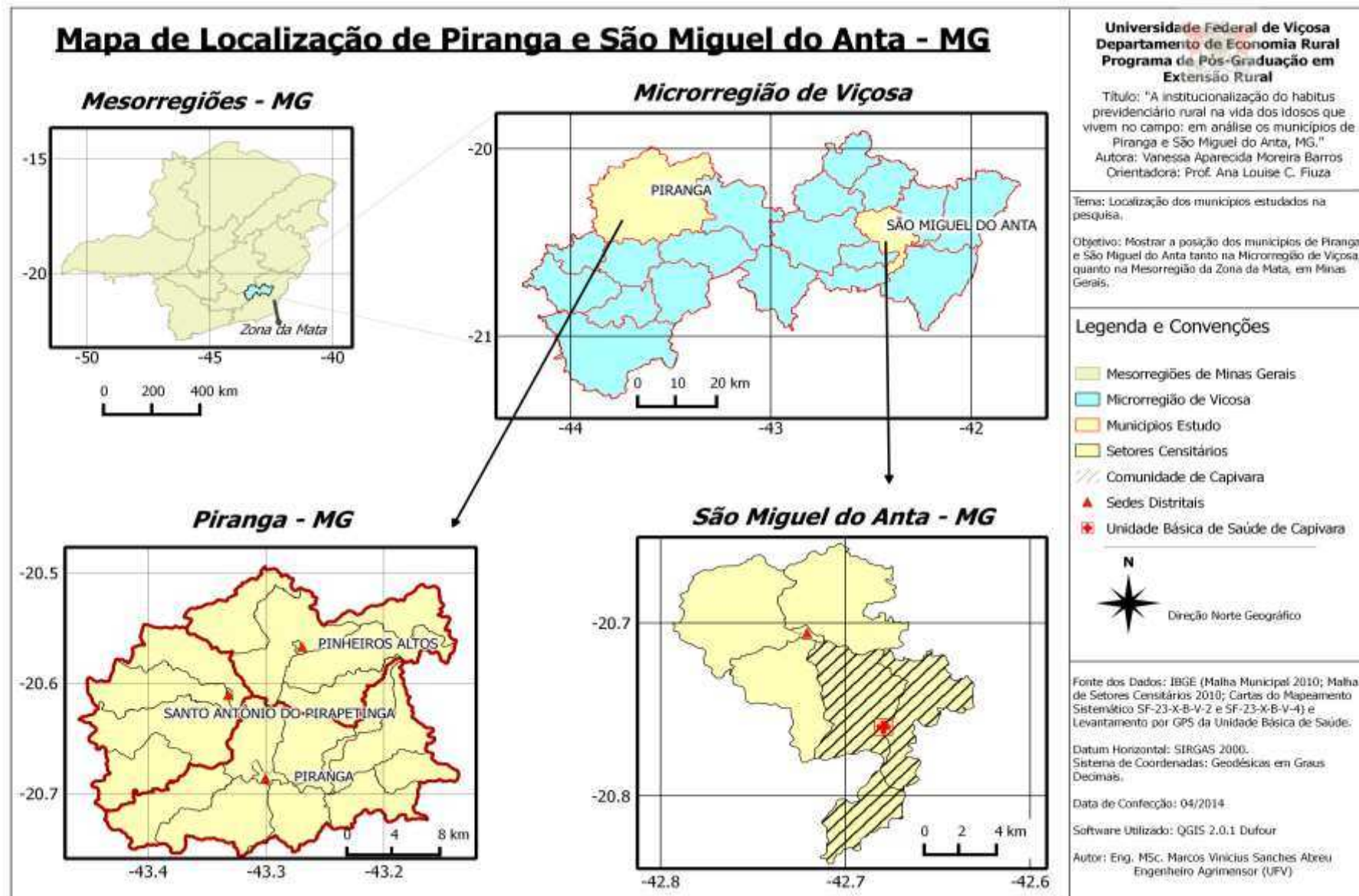


Figura 1: Mapa de localização dos Municípios pesquisados.
Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 2010

Na Tabela 2 temos dados econômicos das duas cidades logo após os valores a nível de Brasil e de Minas.

Tabela 2 – Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil, Minas Gerais, Piranga e São Miguel do Anta, MG.

	PIB Agropecuário	PIB Industrial	PIB Serviços	PIB <i>percapita</i>
Brasil	105.163.000	539.315.998	1.197.774.001	-
Minas Gerais	15.568.048	54.306.183	97.398.820	-
Piranga	18.134	10.537	67.071	5.718,16
São Miguel do Anta	20.460	4.495	27.969	8.004,07

Fonte: IBGE, 2009.

Estes dados demonstram que tanto São Miguel do Anta como Piranga podem ser considerados pequenos municípios, segundo a conceituação de Veiga (2000), sendo ambos grandemente influenciados pela economia agrícola. Contudo, podemos também considerar que Piranga é um município com um perfil mais ruralizado que São Miguel do Anta, por conta da sua menor densidade demográfica e maior população rural que urbana, embora a porcentagem do número de idosos entre as duas cidades não difiram consideravelmente. Tal aspecto pode ser interessante para se analisar o impacto da aposentadoria rural em municípios com diferentes configurações de ruralidade

Nos municípios pesquisados, como aconteceu em grande parte do Brasil, a população rural foi diminuindo ao longo das décadas. Em Piranga e São Miguel do Anta a população rural correspondia a 82% e 71,6% em 1970, respectivamente, caindo para 65,4% e 44,6%, respectivamente, em 2010.

Tabela 3: Dados percentuais da distribuição da população rural e urbana na Microrregião de Viçosa nas décadas dos anos 1970, 1980, 2000 e 2010.

Município	População 1970		População 1980		População 1990		População 2000		População 2010	
	RUR ¹	URB ²	RUR	URB	RUR	URB	RUR	URB	RUR	URB
Alto Rio Doce	80,8	19,2	77,8	22,2	72	28	64,6	35,4	58,3	41,7
Amparo do Serra	82,1	17,9	75,4	24,6	65	35	54,2	45,8	47,8	52,2
Araponga	84,8	15,2	83,4	16,6	79,2	20,8	68	32	62,7	37,3
Brás Pires	86,9	13,1	84,7	15,3	76	24	64,7	35,3	52	48
Cajuri	72	28	61,3	38,7	54	46	45,4	54,6	48,2	51,8
Canaã	86,6	13,4	82,6	17,4	79,3	20,7	70,3	29,7	59,9	40,1
Cipotânea	81	19	80,3	19,7	74	26	61,9	38,1	54	46
Coimbra	65,3	34,7	54,4	45,6	46	54	46,6	53,4	30	73
Ervália	75,1	24,9	73,7	26,3	67,7	32,3	55,6	44,4	47,2	52,8
Lamim	83	17	77,4	22,6	71,3	28,7	62	38	56,2	43,8
Paula Cândido	79,4	20,6	71,4	28,6	63,8	36,2	57	43	46,8	53,2
Pedra do Anta	85,8	14,2	76,8	23,2	62,7	37,3	47	53	34,9	65,1
Piranga	82	18	80,3	19,7	76,3	23,7	70,1	29,9	65,4	34,6
Porto Firme	80,6	19,4	77	23	70,7	29,3	58,9	41,1	53,7	46,3
Presidente Bernardes	90,9	9,1	87,9	12,1	84,6	15,4	76,7	23,3	70,3	29,7
Rio Espera	76,6	23,4	73,6	26,4	73,2	26,8	67,8	32,2	60,4	39,6
São Miguel do Anta	71,6	28,4	61,1	38,9	56	44	49,9	50,1	44,6	55,4

Senhora de Oliveira	72	28	63,7	36,3	54,9	45,1	51,8	48,2	42,8	57,2
Teixeiras	66,9	33,1	55,5	44,5	46,7	53,3	37,7	62,3	32,9	67,1
Viçosa	33,9	66,1	19,4	80,6	10	90	7,9	92,1	6,9	93,1

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010.

¹Rural

²Urbano

As Tabelas 1 e 3 revelam que a cidade de Piranga é a segunda com maior número de pessoas residentes no campo nesta Microrregião, o equivalente a 11.274 pessoas, representando 65,42% dos 17.232 habitantes de Piranga. Destes, 13,50% eram de idosos, correspondendo a 2.327 indivíduos. A escolha da cidade de Piranga se justificou pelo alto índice de pessoas morando no campo bem como pelo significativo número de pessoas idosas. Outra particularidade do município diz respeito ao fato dele estar entre as 19 cidades (Figura 2) que fazem parte do circuito do ouro, tendo um grande número de descendentes de ex-escravos vivendo no campo.



Figura 2: Circuito do Ouro

Fonte: <http://www.piranga.com.br/ciclo/index.htm>

Segundo os dados apresentados no site do município de Piranga gerenciado por Thiago Dias Neves e seus colaboradores⁶, a cidade começou a ser povoada pelos bandeirantes que vinham à procura do ouro no século XVIII e durante esse período ergueu-se a primeira Igreja matriz de Minas Gerais em homenagem à Nossa Senhora da Conceição (Figura 3). Assim, a cidade foi crescendo ao redor da Igreja como aconteceu na formação da maior parte dos povoados mineiros. As lembranças relativas ao período colonial se mostraram vivas na memória dos seus moradores, tendo sido citadas por vários idosos durante as entrevistas, os quais se remetiam principalmente aos episódios relacionados à escravidão. Atualmente, a antiga matriz foi substituída por outra, considerada mais moderna (Figura 4).



Figura 3: Igreja Matriz de Piranga construída no século XVIII e demolida em 1966.

Fonte: www.piranga.com.br/matriz/index.htm



Figura 4: Atual Igreja Matriz de Piranga construída no local da primeira.

Fonte: www.piranga.com.br/matriz/index.htm

A cidade de Piranga possui dois distritos que se constituem no berço dos acontecimentos históricos da época colonial: Pinheiros Altos e Santo Antônio do Pirapetinga. Este último, o mais antigo, foi palco dos conflitos finais da Guerra dos Emboabas. Santo Antônio do Pirapetinga conta com dois patrimônios históricos tombados: a Igreja de Santo Antônio (Figura 5), pelo Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA) e o Santuário do Bom Jesus de Matozinhos (Figura 6), pelo Instituto de Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN). Próximo aos patrimônios encontram-se elementos que comprovam o envolvimento da região na Guerra de

⁶ Dentre os colaboradores destacamos o Arquivo do Conhecimento Cláudio Manuel da Costa localizado na cidade de Piranga, Minas Gerais.

Emboabas, registrado no memorial próximo ao Santuário (Figura 7), e uma réplica de uma espada (Figura 8) que foi encontrada enterrada em uma fazenda vizinha.



Figura 5: Capela de Santo Antônio do Bacalhau em Piranga construída em 1743 e tombada pelo IEPHA.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 6: Santuário do Senhor Bom Jesus de Matozinhos em Piranga tombado pelo IPHAN.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 7: Memorial próximo ao Santuário indicando os conflitos finais da Guerra dos Emboabas, Piranga, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 8: Espada à frente do Santuário como símbolo da Guerra dos Emboabas, Piranga, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Pinheiros Altos é um local onde os tropeiros passavam à caminho de Mariana e Ouro Preto. Durante a pesquisa encontrou-se vestígios da escravidão como cartas e registros no cartório local. Demais documentos deste período estão no Museu e Memorial (Figura 9) que fica no referido distrito.



Figura 9: Museu e Memorial Cesário Alvim, Piranga, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Já no que diz respeito ao segundo município pesquisado, São Miguel do Anta, este contava, segundo o Censo Demográfico de 2010, com uma população de 6.760 habitantes, sendo 3746 (55,4%) residentes na cidade e 3014 (44,6%) no campo. A população de idosos acima de 60 anos era de 1066 representando (14,67%) do total da população. Optou-se em realizar parte da pesquisa em São Miguel do Anta por este município ser alvo de vários estudos realizados pelo grupo GERAR, do qual a pesquisadora é membro, o que facilitou a interação com as famílias dos entrevistados em função do contato prolongado dos membros do grupo de pesquisa com a comunidade. Tal como Piranga, a cidade de São Miguel do Anta cresceu em torno da Igreja Matriz, construída em honra à Nossa Senhora da Conceição por volta dos anos 1810 (Figura 10), que, posteriormente, foi demolida e reerguida uma nova igreja (Figura 11).



Figura 10: Primeira Igreja Matriz de São Miguel do Anta.

Fonte: www.saomigueldoanta.mg.gov.br



Figura 11: Atual Igreja Matriz de São Miguel do Anta construída no lugar da primeira.

Fonte: www.asminasgerais.com.br

Na Figura 12, têm-se uma visão panorâmica da cidade de São Miguel do Anta cercada pelas lavouras de café (atividade agrícola predominante na cidade).



Figura 12: Visão aérea da cidade de São Miguel do Anta
Fonte: www.saomigueldoanta.mg.gov.br

Com relação a naturalidade dos respondentes, em Piranga, 85,7% eram nativos do próprio município, como podemos ver na Tabela 4 a seguir.

Tabela 4 – Naturalidade dos entrevistados de Piranga, MG.

NATURALIDADE	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM VÁLIDA (%)
Piranga	54	85,7
Senhora de Oliveira	2	3,2
Porto Firme	1	1,6
Dores do Turvo	1	1,6
Presidente Bernardes	1	1,6
Guaraciaba	1	1,6
Entre Rios	1	1,6
Capela Nova	1	1,6
Acaiaca	1	1,6
TOTAL	63	100,0

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Já em São Miguel do Anta, embora a maioria dos entrevistados também fossem do próprio município, a porcentagem era mais baixa do que os de Piranga: 59,3%, conforme a Tabela 5.

Tabela 5 - Naturalidade dos entrevistados de São Miguel do Anta, MG.

NATURALIDADE	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM VÁLIDA (%)
São Miguel do Anta	32	59,3
Araponga	1	1,9
Pedra do Anta	4	7,4
Canaã	8	14,8
Viçosa	1	1,9
Cajuri	1	1,9
Ervália	4	7,4
Ponte Nova	1	1,9
Jequeri	2	3,7
TOTAL	54	100,0

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Segundo os entrevistados, a migração para as cidades vizinhas acontecia principalmente em decorrência do casamento, quando um dos noivos se mudava para o local que um deles havia recebido de herança, e quando acontecia de comprarem um pedaço de terra em uma determinada cidade. A migração se dava também em decorrência da busca de trabalho, principalmente para fazendas que ofereciam, além do posto de trabalho, uma casa para morar.

Após a escolha dos locais para a realização da pesquisa e a definição do perfil dos entrevistados, adotamos estratégias metodológicas a fim de verificarmos as possíveis mudanças nos modos de vida das famílias com idosos que recebiam a aposentadoria rural. O primeiro passo foi selecionar os idosos a serem entrevistados. Para a definição da amostragem buscou-se identificar as famílias de idosos⁷ ou com idosos que moravam no campo, que recebiam a aposentadoria rural. Para tanto, utilizou-se os dados cadastrais fornecidos pelo Programa de Saúde da Família (PSF) da Secretaria de Saúde dos dois municípios.

Na cidade de Piranga foi necessário que a pesquisadora agendasse uma reunião com o prefeito a fim de apresentar a pesquisa e obter o apoio logístico da prefeitura para

⁷ Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) pode-se considerar como idoso, nos países subdesenvolvidos, as pessoas com mais de 60 anos, no entanto incluiu-se as mulheres acima de 55 anos na amostra, pois essa é a idade mínima para as mesmas acerem a aposentadoria rural. Nos países desenvolvidos considera-se idoso a partir de 65 anos (CARVALHO, 2007).

o transporte e realização das entrevistas. Após a reunião com o Prefeito, a pesquisadora entrou em contato com o Secretário de Saúde que a encaminhou para o Departamento Municipal de Saúde. Por intermédio dos gerentes do PSF foi feito o agendamento de uma reunião com as líderes comunitárias de saúde, as quais mantinham relação com os idosos que viviam no campo. Na reunião com as líderes comunitárias de saúde, após a apresentação da pesquisa, entregou-se uma ficha a ser preenchida por cada uma das 24 líderes acerca do número total de idosos em cada setor rural⁸ por elas atendido. Obteve-se resposta de 23 das 24 líderes comunitárias de saúde, que repassaram as informações dos setores que possuíam idosos (homens acima de 60 anos e mulheres acima de 55 anos). A partir desse levantamento, constatou-se que havia 833 indivíduos nas faixas etárias definidas, que estavam divididos em 148 setores rurais atendidos pelo PSF.

Os dados do PSF da cidade de São Miguel do Anta já haviam sido organizados pela própria pesquisadora, a partir da necessidade de realizar um cálculo da amostra para uma pesquisa⁹ realizada anteriormente. Fez-se então um mapeamento do número de idosos em cada comunidade para a realização do sorteio e verificou-se um total de 257 idosos divididos em 16 setores rurais.

Para se chegar à definição de uma amostra representativa da população selecionou-se aleatoriamente os indivíduos. Segundo Gil (2010, p. 101) a amostragem aleatória e representativa da população “consiste em atribuir a cada elemento da população um número único para depois selecionar alguns desses elementos de forma casual”. Ou seja, partiu-se do princípio da representatividade que permitiu a cada entrevistado igual chance de seleção, independente de qualquer outro evento do processo de seleção (BABBIE, 2005). As amostras de Piranga e São Miguel do Anta foram calculadas separadamente a fim de se adequar as especificidades de cada uma das duas amostragens aos testes estatísticos que possibilitam a comparação da média de determinadas variáveis entre as duas cidades. O cálculo do tamanho da amostra foi realizado utilizando-se a fórmula da proporção finita (BOLFARINE e BUSSAB, 2005), correspondendo a:

⁸ Utilizou-se a nomenclatura setor rural porque era a forma como os municípios dividiam os locais atendidos por cada agente de saúde do PSF.

⁹ Os dados foram mapeados durante a realização do projeto de extensão em interface intitulado **Inclusão e Desenvolvimento Social na Agricultura Familiar**: a Ampliação do Campo de Possibilidades de Reprodução das Apanhadoras de Café de São Miguel do Anta – MG, que foi desenvolvido de agosto de 2010 a janeiro de 2012, financiado pela Fundação de Amparo a Pesquisa de Minas Gerais – FAPEMIG.

$$n = \frac{Z_{\alpha/2}^2 \times \hat{p} \times \hat{q} \times N}{Z_{\alpha/2}^2 \times \hat{p} \times \hat{q} + (N - 1)E^2}$$

Onde,

n = tamanho amostral

Z = valor tabelado de uma distribuição normal

N = tamanho populacional

E = margem de erro ou erro máximo de estimativa

p = proporção populacional de indivíduos que pertencem a categoria que estamos estudando

q = proporção populacional de indivíduos que não pertencem à categoria que estamos estudando (q = 1 - p).

α = nível de significância

Quando os valores populacionais p e q são desconhecidos, segundo Bolfarine e Bussab (2005), substituem-se cada um dos valores amostrais \hat{p} e \hat{q} por 0,5. Já o nível de significância é uma probabilidade definida sob a curva normal padronizada. Essa estatística estabelece, com o erro de amostragem, a precisão das estimativas. O valor complementar do nível de significância é o nível de confiança. Assim, quanto menor o nível de significância adotado, maior a confiabilidade das estimativas. Os valores dos níveis de significância mais adotados estão expressos no Quadro 1:

Quadro 1: Níveis de significância utilizados com maior frequência.

Nível de significância	1%	5%	10%
Valor de Z	2,58	1,96	1,64

Fonte: BOLFARINE e BUSSAB (2005)

O erro amostral corresponde à diferença entre o valor que a estatística pode acusar e o verdadeiro parâmetro que se deseja estimar. Assim, o erro amostral influencia a precisão das estimativas dos parâmetros da população e pode ser calculado de acordo com a equação a seguir:

$$e_p = \sqrt{\frac{p^*q}{n}} * 100$$

Em que:

e_p = erro com que se verifica um fenômeno para um desvio-padrão

p = percentagem com que se verifica um fenômeno

q = complementar de p

n = tamanho da amostra

Com o auxílio da fórmula para identificar o tamanho amostral (n) dos idosos rurais de Piranga inseriu-se os seguintes valores: Z , que é 1,64 conforme valor tabelado no Quadro 1; p e q , desconhecidos, mas substituídos por 0,5, já que adotamos 90% como margem de confiança e 10% de margem de erro; e o N , igual a 833. Quando esses valores foram “jogados” na equação obtivemos o seguinte resultado: $n = (1,64)^2 \times 0,5 \times 0,5 \times 833 / ((1,64)^2 \times 0,5 \times 0,5 + (833-1)(0,10)^2) = 63$. Sendo assim, notamos que a amostra de Piranga foi de 63 entrevistados, sorteados dentre os 833 indivíduos da população. A seguir, na Tabela 6, apresenta-se o número de idosos entrevistados nos 34 setores rurais do município.

Tabela 6 - Número de entrevistados por setor rural do PSF em Piranga, MG.

SETOR RURAL	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
1-São Bento	2	3,2
2- Mestre Campos	3	4,8
3- Mututa	1	1,6
4- Brejão	2	3,2
5- Simeão	2	3,2
6- Bom Retiro	2	3,2
7- Morro	1	1,6
8- Colégio	2	3,2
9- Santo Antônio	3	4,8
10- Cunhas	6	9,5
11- Bom Destino	1	1,6
12- Bar do Mané Gomes	2	3,2
13- Taquaraçu	1	1,6
14- Sapé	1	1,6
15- Samambaia	1	1,6
16- Diniz	2	3,2
17- Venda Nova	2	3,2
18- Serraia	1	1,6
19- Gaviões	1	1,6
20- Manja Léguas	2	3,2
21- Paiol	1	1,6
22- Santo Antônio do Pirapetinga	4	6,4
23- Paciência	1	1,6
24- São Francisco	1	1,6
25- Gaspar	1	1,6
26- São João	1	1,6
27- Carioca	2	3,2

28- Jacu	1	1,6
29- Pinheiros Altos	6	9,5
30- Ponte Funda	1	1,6
31- Quitéria	1	1,6
32- Folheta	2	3,2
33- Mata Onça	2	3,2
34- Santo Antônio do Guiné	1	1,6
TOTAL	63	100,0

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013)

Posteriormente calculou-se a amostra de idosos rurais de São Miguel do Anta considerando os seguintes valores: Z igual 1,64; p e q substituídos por 0,5 em decorrência de desconhecer os valores; 10% de margem de erro com 90% de margem de segurança; e N igual a 257. Obteve-se o seguinte resultado: $n = (1,64)^2 \times 0,5 \times 0,5 \times 257 / ((1,64)^2 \times 0,5 \times 0,5 + (257-1)(0,10)^2) = 54$. A partir do resultado obtido na mesma equação utilizada para o cálculo amostral de Piranga, obteve-se 54 indivíduos a serem entrevistados. Na Tabela 7 tem-se o número de idosos entrevistados por setores rurais.

Tabela 7: Número de entrevistados por setor rural do PSF em São Miguel do Anta, MG.

SETOR RURAL	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
1- Balança	4	7,4
2- Bom Jardim	1	1,9
3- Passatempo	2	3,7
4- Buraco do Tanque	2	3,7
5- Capivara	7	13,0
6- Capivara dos Coelho	4	7,4
7- Capivara dos Pingos	4	7,4
8- Cocais	5	9,3
9- Fatura	5	9,3
10- Fundação	8	14,8
11- Buraco do Canavial	1	1,9
12- Humaitá	2	3,7
13- Guaiana	2	3,7
14- Pinheiros	1	1,9
15- Monte Sinai	1	1,9
16- Sem Peixe	5	9,3
TOTAL	54	100,0

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Após a identificação dos entrevistados, passou-se para a etapa de aplicação do *Survey*. O método de *Survey* é utilizado nas pesquisas que trabalham com um segmento ou parcela da população, ou seja, com uma amostra selecionada de forma rigorosamente planejada do ponto de vista estatístico, a fim de que seja representativa do universo

desejado de pessoas (BABBIE, 2005; VASCONCELOS, 2002). Para coletar os dados utilizou-se a entrevista semiestruturada (APÊNDICE 1), visto que esse método permite “combinar perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender a indagação formulada” (MYNAIO, 2012, p.64).

A entrevista continha 44 questões fechadas, formuladas com base em estudos já realizados. Em quatro dessas questões utilizou-se a escala *likert* com o intuito de medir o grau de satisfação dos idosos sobre determinados temas. Para se identificar as mudanças nos modos de vida acrescentou-se em determinadas questões da entrevista a opção de dizerem o que possuíam “antigamente¹⁰” (com uma média de, no mínimo 25 anos¹¹ atrás) e “hoje” (após 25 anos até os dias de “hoje”) para analisar as variáveis que apontavam para as características rurais ou urbanas. As questões abertas foram 13 e tiveram o objetivo de aprofundar informações obtidas através da abordagem quantitativa. Para complementar os dados obtidos através das entrevistas também aproveitou-se os dados secundários das fontes estatísticas como os Censos Demográficos do IBGE e as pesquisas da Fundação João Pinheiro (FJP).

Para entrevistar os idosos em Piranga contou-se com o apoio do Departamento Municipal de Saúde que liberou a ida da pesquisadora para os setores rurais com a equipe do PSF. O agente do PSF responsável pelos setores rurais contemplados na pesquisa conduziu a pesquisadora até cada um dos entrevistados. Ressalta-se a importância da companhia do agente, pois, de início os idosos ficavam desconfiados, mas a apresentação por parte dos agentes parecia lhes transmitir segurança, visto que nos locais onde as entrevistas foram realizadas sem a presença do agente sentiu-se um estranhamento por parte dos entrevistados, que não conheciam a pesquisadora. Em São Miguel do Anta a pesquisadora recebeu o apoio dos técnicos da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (EMATER-MG) que a apresentava aos entrevistados. Alguns dos idosos destas comunidades rurais já a

¹⁰ O termo “antigamente” foi substituído na construção das tabelas e quadros porque os próprios idosos rurais utilizavam “de primeiro”, se referindo a tempo de “antigamente”.

¹¹ Padronizamos com a idade de 25 porque para as variáveis de antigamente perguntamos sobre o modo de viver a mais de 25 anos, que contempla a infância e o início da vida de casado; e o hoje para que os entrevistados respondessem dos últimos 25 anos até hoje apontando o modo de vida que os mesmos possuem.

conheciam em função de outros trabalhos realizados por pesquisadores do GERAR nas localidades sorteadas.

Esta etapa de realização das entrevistas foi primordial para a interação do pesquisador com o entrevistado, uma vez que este se constitui no momento em que acontece “uma interação com os atores que conformam a realidade e constroem um conhecimento empírico importantíssimo para quem faz a pesquisa” (MYNAIO, 2012, p. 61). A partir desta interação, a pesquisadora pôde conhecer, mais profundamente, a realidade dos idosos e o ambiente descrito por cada entrevistado. Entrevistou-se 117 idosos (as) rurais: 63 em Piranga e 54 em São Miguel do Anta. Para iniciar a discussão apresenta-se uma caracterização da vida dos idosos, bem como a percepção que os mesmos tinham da idade, das dificuldades enfrentadas, das questões da escolaridade, bem como das mudanças ocorridas em suas vidas depois da inserção da aposentadoria rural.

Após a pesquisa de campo tabulou-se as respostas obtidas nas entrevistas que foram categorizadas e descritas na forma de planilhas, gráficos, tabelas¹² e texto. Depois da extração dos dados e da organização das categorias, estes foram inseridos no *Excel* do *software da Microsoft Office* a fim de transportá-los para o programa estatístico *Statistical Package for Social Sciences - SPSS*, versão 20.0, para a realização da Análise Exploratória de Dados - AED, bem como para a realização dos demais testes estatísticos. Os testes “são aplicados nos mais diversos campos da atividade humana, pois sempre há a necessidade de se colocar alguma coisa à prova. (...). Aplicá-los significa medir, isto é, comparar com um critério determinado” (GIL, 2010, p. 150). Para executá-los escolheu-se o programa estático SPSS por se tratar de um *software* de análise estatística e tratamento de dados voltado para as Ciências Sociais (MARTINEZ & FERREIRA, 2007).

A AED possibilitou a descrição das variáveis da pesquisa, bem como a apresentação dos valores de frequência, porcentagens, média, mínimo, máximo, entre outros. De acordo com Triola (2011), a AED é caracterizada como um processo que utiliza ferramentas estatísticas úteis para a investigação dos dados extraídos de pesquisas com o objetivo de compreender as características importantes que compõem o corpo do trabalho. Após as AED's realizou-se o Teste de Hipótese (Teste t) para testar

¹² A soma das porcentagens apresentadas nas tabelas podem exceder a 100% devido ao arredondamento após extrair do *software spss* que deixa com 4 casas decimais após a vírgula.

afirmativas, já que “o teste t é apropriado para comparar dois conjuntos de dados quantitativos, em termos de seus valores médios” (BARBETTA, 2012, p. 201). Com o auxílio desse teste comparou-se as médias de variáveis métricas dos idosos de Piranga e São Miguel do Anta. Para comparar as médias, utilizou-se o Teste t de Amostras Independentes que comparou as médias das duas cidades.

As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos entrevistados e os dados das questões abertas foram decupadas com auxílio do *software Express Scribe*, versão 5.63 da NCH Software. O áudio das questões abertas e outras colocações feitas pelos idosos foram transcritas e utilizados no decorrer do texto para ilustrar e reafirmar os dados descritos. As falas foram citadas utilizando-se um nome fictício para cada entrevistado. Para enriquecer o trabalho utilizou-se uma câmera fotográfica para registro de lugares, objetos, estilo das casas, entre outros elementos pesquisados. Por fim, os dados foram analisados e discutidos à luz da teoria, voltada para atender aos objetivos deste projeto e confirmar ou refutar as hipóteses propostas para o mesmo.

Como a pesquisa trabalhou diretamente com seres humanos encaminhou-se o projeto de pesquisa para a avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa (CEP-UFV)¹³ antes de ir ao campo, em consonância com a Resolução nº. 196, de 10 de Outubro de 1996, do Conselho Nacional da Saúde (BRASIL, 1996). A presente pesquisa foi autorizada pelo CEP-UFV pelo parecer número 272.141 (ANEXO 1). Para a entrevista utilizou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE 2) assinado pelo sujeito entrevistado em duas vias, uma para o idoso e outra para a pesquisadora. O TCLE dos que não tinham condições de assinarem por condições físicas ou analfabetismo foi rubricado por um responsável. A liberação para fotografar os idosos e utilização das falas também foi realizada pela autorização dos mesmos mediante assinatura do Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimento (TAUID) (APÊNDICE 3).

Após todo este percurso metodológico e discussão dos dados estruturou-se os três capítulos seguintes que dão forma à presente dissertação: o Capítulo 1 apresenta o panorama geral do envelhecimento populacional no Brasil e o perfil demográfico na Microrregião de Viçosa discorrendo sobre as mudanças nas taxa de fecundidade, natalidade e mortalidade, bem como sobre a expectativa de vida de homens e mulheres, o processo de feminização da velhice e o índice de envelhecimento na Microrregião

¹³ Site do CEP-UFV: www.cep.ufv.br

pesquisada. O Capítulo 2 discute as mudanças nos modos de vida dos idosos relacionando-os com o processo de urbanização das sociedades rurais. O Capítulo 3 resgata o histórico da Previdência Social no Brasil mostrando o contexto de surgimento da Previdência Social Rural, com ênfase para a apresentação dos resultados da presente pesquisa nas cidades de Piranga e São Miguel do Anta, descrevendo a realidade dos idosos entrevistados bem como o uso da aposentadoria rural e a conseqüente formação do “*habitus* previdenciário”.

CAPÍTULO 1

A INVERSÃO DO TOPO DA PIRÂMIDE:

O envelhecimento populacional e o perfil demográfico no Brasil e na Microrregião de Viçosa

As discussões sobre o envelhecimento populacional têm sido objeto de estudo em diversas áreas de conhecimento. No presente capítulo descrevem-se aspectos relacionadas ao envelhecimento da população brasileira, analisando-se os dados da estrutura etária divulgados pelo Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, tais como: as taxas de fecundidade e de mortalidade, a expectativa de vida ao nascer, as características da população idosa, entre outras variáveis relacionadas à demografia voltadas, especificamente, para a microrregião de Viçosa que abrange as duas cidades, Piranga e São Miguel do Anta, onde a presente pesquisa foi realizada.

1.1. O envelhecimento populacional no Brasil

Segundo Motta (2010) os estudos relacionados à velhice são recentes, datando das décadas de 80 e 90, motivados pelo aumento no número de idosos com expectativa de vida cada vez maior. A autora francesa Attias - Donfut (2004) chama a atenção para esse fato como uma “nova era demográfica”, o prolongamento da vida que passa pela “revolução da longevidade” e que afeta em especial a população feminina. No Brasil, segundo Paiva e Wajnman (2005) os pioneiros na discussão da temática do envelhecimento populacional foram liderados pela professora Elza Berquó, vinculada ao Núcleo de Demografia do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP). As discussões sobre a temática também ganharam espaço no Encontro Nacional de Estudos Populacionais a partir da década de 70 realizado pela Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP) e passaram a discutir as questões sociais relevantes na “comunidade demográfica” brasileira.

Os estudos apresentados indicaram que o Brasil passa por um rápido processo de transição demográfica, apontando uma tendência de envelhecimento da população, que tem implicações para a sociedade como um todo, na promoção de políticas públicas e fiscais (PAIVA e WAJNMAN, 2005). Essas mudanças foram influenciadas pelo rápido

e generalizado declínio na fecundidade e na mortalidade. A pirâmide etária brasileira passa pelo processo contínuo de estreitamento da base e passa a larguear o topo, com o elevado índice de envelhecimento da população (SCHNEIDER e IRIGARAY, 2008). Segundo Nasri (2010), o processo de envelhecimento populacional está diretamente relacionado com o declínio da fecundidade e não da mortalidade. Assim a população vai envelhecendo à medida que o número de idosos aumenta e diminui o número dos mais jovens.

Quanto às taxas de fecundidade¹⁴, os Censos dos anos 1940, 1950 e 1960 apontaram para uma taxa de fecundidade total de um pouco mais de 6,0 filhos por mulher. A partir da metade da década de 1960 nota-se uma queda permanente desse indicador do nível da fecundidade. Segundo os resultados da amostra do Censo Demográfico de 2000 e 2010, a taxa de fecundidade total era de 2,38 e 1,90 filhos (Figura 13), respectivamente, apresentando uma queda de 20,1% na última década (Tabela 8). Observando os resultados dos Censos de 1940 e 2010 visualiza-se a diminuição no número de filhos nascidos vivos. No Sudeste a taxa de fecundidade passou de 2,10 para 1,70 filhos por mulher, com queda de 19% conforme a Tabela 8. Os dados referentes ao declínio da mortalidade são mostrados na Tabela 9 (IBGE, 2012).

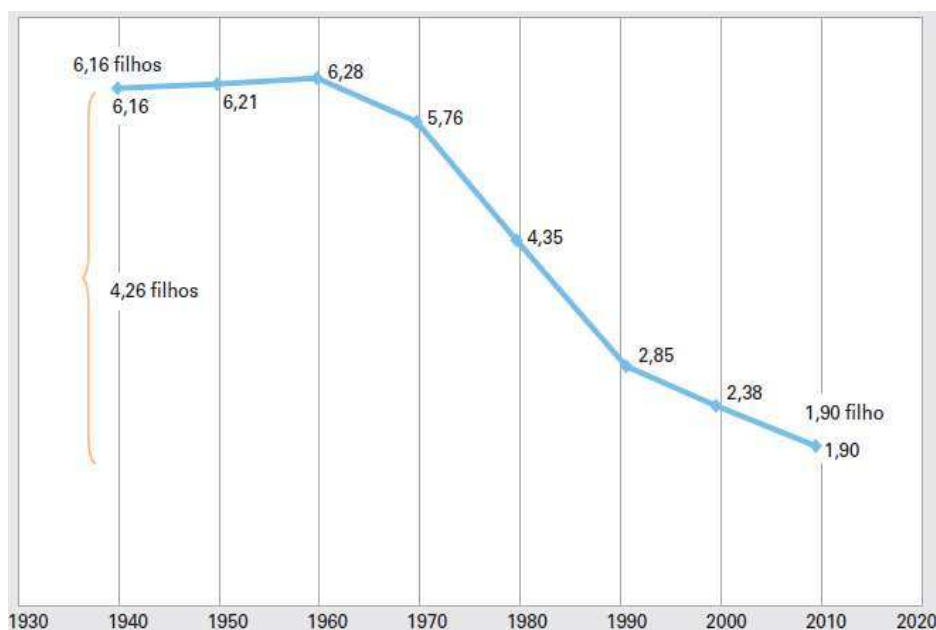


Figura 13: Taxa de fecundidade total – Brasil – 1940/2010

Fonte: IBGE (2010), Censos Demográficos 1940/2010

¹⁴A taxa de fecundidade total fornece o número médio de filhos que teria uma mulher ao final de seu período fértil (IBGE, 2012).

Tabela 8 - Taxa de fecundidade total e diferença relativa, segundo as Grandes Regiões -2000/2010

Grandes Regiões	Taxa de fecundidade total		Diferença Relativa 2000/2010 (%)
	2000	2010	
Brasil	2,38	1,90	(-) 20,1
Norte	3,16	2,47	(-) 21,8
Nordeste	2,69	2,06	(-) 23,4
Sudeste	2,10	1,70	(-) 19,0
Sul	2,24	1,78	(-) 20,6
Centro – Oeste	2,25	1,92	(-) 14,5

Fonte:IBGE (2010), Censos Demográficos 1940/2010

Tabela 9 - Taxa de mortalidade infantil, segundo as grandes Regiões - 2000/2010

Grandes Regiões	Taxa de mortalidade infantil	
	2000	2010
Brasil	29,7	15,6
Norte	29,5	18,1
Nordeste	44,7	18,5
Sudeste	21,3	13,1
Sul	18,9	12,6
Centro – Oeste	21,6	14,2

Fonte: IBGE (2010), Censo Demográfico 2000/2012

A partir dos dados apresentados verifica-se que a população brasileira até o ano 2000 mostrava um padrão de rejuvenescimento, indicado pelo aumento da concentração da população nas idades mais jovens, entre 15 e 24 anos de idade. Já entre 2001 e 2010 verifica-se a reversão desta tendência, ou seja, a fecundidade nos grupo de mulheres mais jovens, na faixa entre 15 e 19 anos e de 20 a 24 anos de idade correspondia a 18,8% e 29,3%, em 2000. Já em 2010 apresentou uma ligeira queda para 17,7% e 27,0% (Tabela 10). No que diz respeito ao grupo de mulheres de 20 a 24 anos de idade, este continua representando mais de $\frac{1}{4}$ da fecundidade brasileira. Outros dois indicadores relevantes estão relacionados ao aumento da idade média da fecundidade, que passou de 26,3 anos, em 2000, para 26,8 em 2010, bem como o aumento relativo da fecundidade nos grupos de mulheres acima de 30 anos de idade (Tabela 10 e Figura 14).

Tabela 10 - Distribuição relativa das taxas específicas de fecundidade, por idade, segundo Grandes Regiões – 2000/2010.

GRANDES REGIÕES	DISTRIBUIÇÃO RELATIVA DAS TAXAS ESPECÍFICAS DE FECUNDIDADE, (%)							
	Total	15 a 19 anos	20 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 34 anos	35 a 39 anos	40 a 44 anos	45 a 49 anos
2000								
Brasil	100,0	18,8	29,3	24,3	15,8	8,5	2,8	0,4
Norte	100,0	21,7	31,5	22,2	13,1	7,7	3,2	0,7
Nordeste	100,0	18,9	29,9	23,3	14,7	8,8	3,6	0,7
Sudeste	100,0	17,3	28,2	25,6	17,3	8,8	2,5	0,3
Sul	100,0	17,6	27,2	25,1	17,7	9,3	2,8	0,3
Centro – Oeste	100,0	22,3	32,8	23,5	13,5	5,9	1,7	0,4
2010								
Brasil	100,0	17,7	27,0	24,0	18,0	9,9	3,0	0,5
Norte	100,0	21,6	30,4	23,1	14,0	7,7	2,6	0,6
Nordeste	100,0	19,1	28,4	23,7	16,5	8,8	3,0	0,6
Sudeste	100,0	15,5	25,4	24,5	19,9	11,2	3,2	0,4
Sul	100,0	15,7	24,7	24,2	20,5	11,3	3,4	0,3
Centro – Oeste	100,0	18,7	28,0	24,3	17,5	9,0	2,1	0,5

Fonte: IBGE (2010), Censo Demográfico 2000/2010

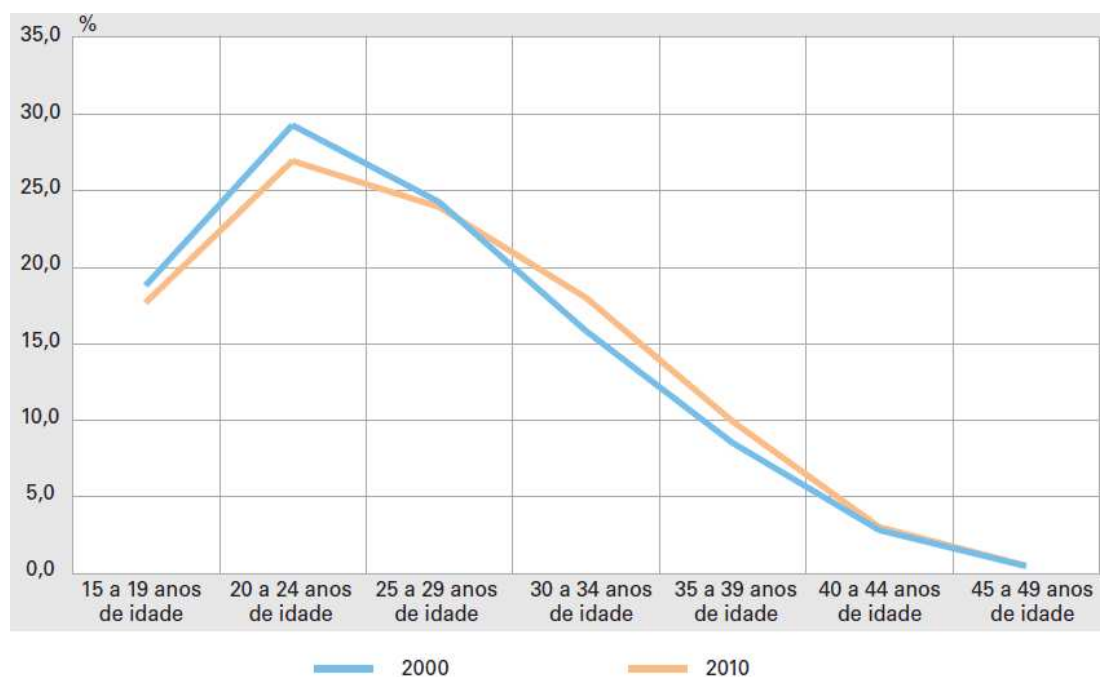


Figura 14 - Distribuição percentual das taxas específicas de fecundidade segundo os grupos de idade – Brasil 2000 e 2010

Fonte: IBGE (2010), Censos Demográficos 2000/2010

Diante dos resultados do Censo Demográfico (2010) observou-se que o perfil da fecundidade no país vem se alterando ao longo dos anos. Segundo as projeções para as

próximas décadas têm-se que o padrão etário de fecundidade por idade passará por mudança de pico. Os dados apontam para o envelhecimento da fecundidade no Brasil: a idade média em que as mulheres terão seu primeiro filho deve chegar a 28 anos em 2020 e 29,3 anos em 2030.

De acordo com as considerações do IBGE (2012) visualiza-se um cenário de aumento do número de idosos: vão nascer menos indivíduos em relação ao aumento no número de pessoas que chegarão a 60 anos. Quanto ao presente, os dados do Censo 2010 apontaram a existência de aproximadamente 20 milhões de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, o que representa pelo menos 10% da população brasileira. A Figura 15 apresenta a pirâmide etária da população brasileira.

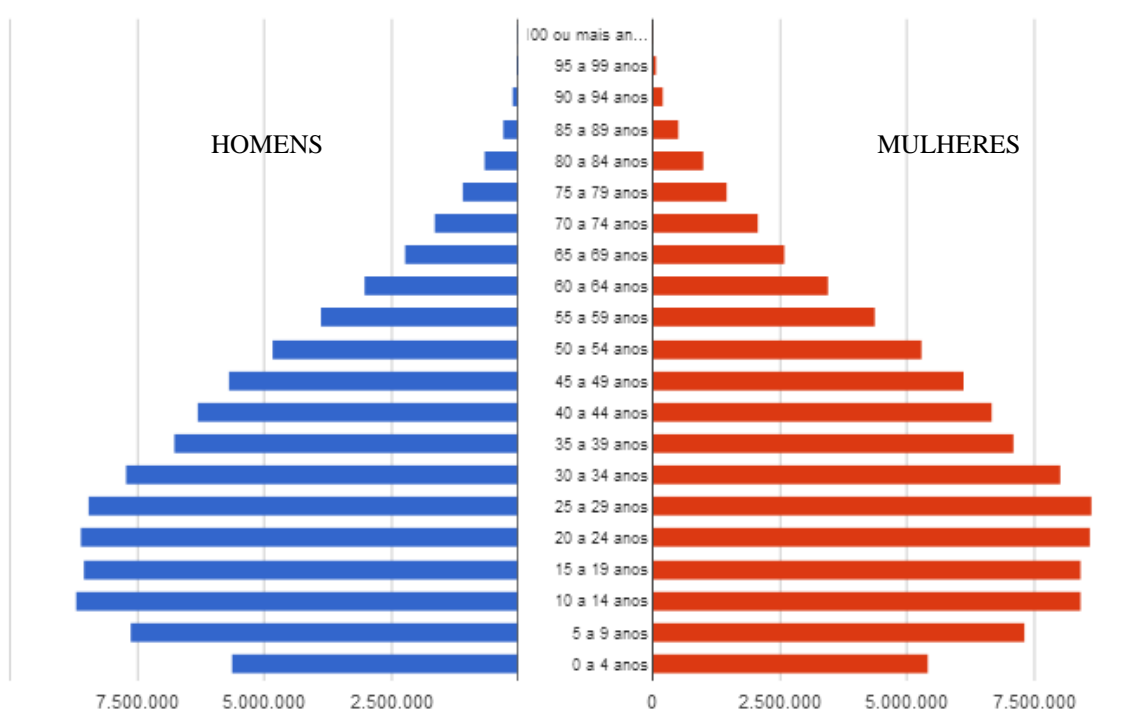


Figura 15 – Pirâmide Etária do Brasil
Fonte: IBGE, Censo 2010.

Segundo projeções estatísticas da Organização Mundial de Saúde (OMS), no período de 1950 a 2025 a pirâmide etária tende a alargar o topo: o grupo de idosos no país deverá aumentar em quinze vezes, enquanto a população total em cinco. Assim, o país ocupará o sexto lugar quanto ao contingente de idosos, alcançando, em 2025, cerca de 32 milhões de pessoas com 60 anos ou de mais idade (BRASIL, 2010). O

envelhecimento populacional também está distribuído nos estados em porcentagens próximas a do país, ressaltando que em 2000 somente os Estados do Rio de Janeiro, Paraíba e Rio Grande do Sul apresentavam população relativa de idosos superiores a 10%. Já no Censo 2010 todos os estados da Região Sudeste e Sul, bem como outros seis da Região Nordeste possuíam mais de 10% de pessoas com 60 anos ou mais. Assim, o percentual médio de idosos para o país também superou a marca dos 10% alcançando 10,8%, como podemos ver na Figura 16 abaixo.

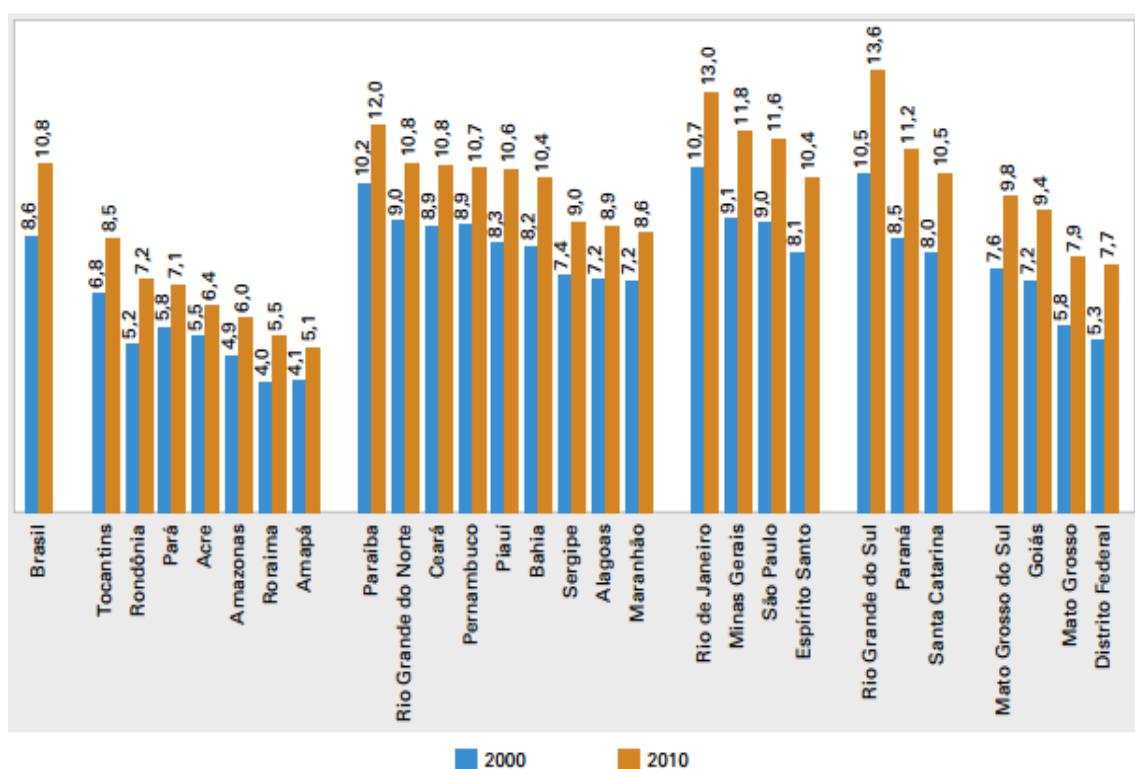


Figura 16 - Proporção da população de 60 anos ou de mais idade, segundo Unidade da Federação 2000/2010.

Fonte: IBGE (2010), Censo Demográfico 2000/2010.

O censo de 2010 revelou que havia 78 municípios com 20% da população com 60 anos ou de mais idade. Ou seja, nestes municípios, a cada cinco pessoas uma era idosa. Sessenta e quatro destes municípios estão localizados no Rio Grande do Sul, 12 em São Paulo e 2 em Minas Gerais (Córrego do Bom Jesus, com população total de 3.730, com 21,4% de idosos e Sem-Peixe com população total de 2.847 com 21,1% de idosos). Segundo estes dados do IBGE (2012) percebe-se que a longevidade foi mais expressiva em municípios de pequeno porte: 10 destes municípios possuíam população entre 5 000 e 10 000 habitantes; e 67 eram municípios com menos de 5 000 habitantes. Os dados

apresentados na Figura 17 mostram que nos municípios brasileiros até 5.000 habitantes a faixa etária de 60 anos ou mais possui a porcentagem mais elevada (13,8%) dentre os demais divididos por número de habitantes.

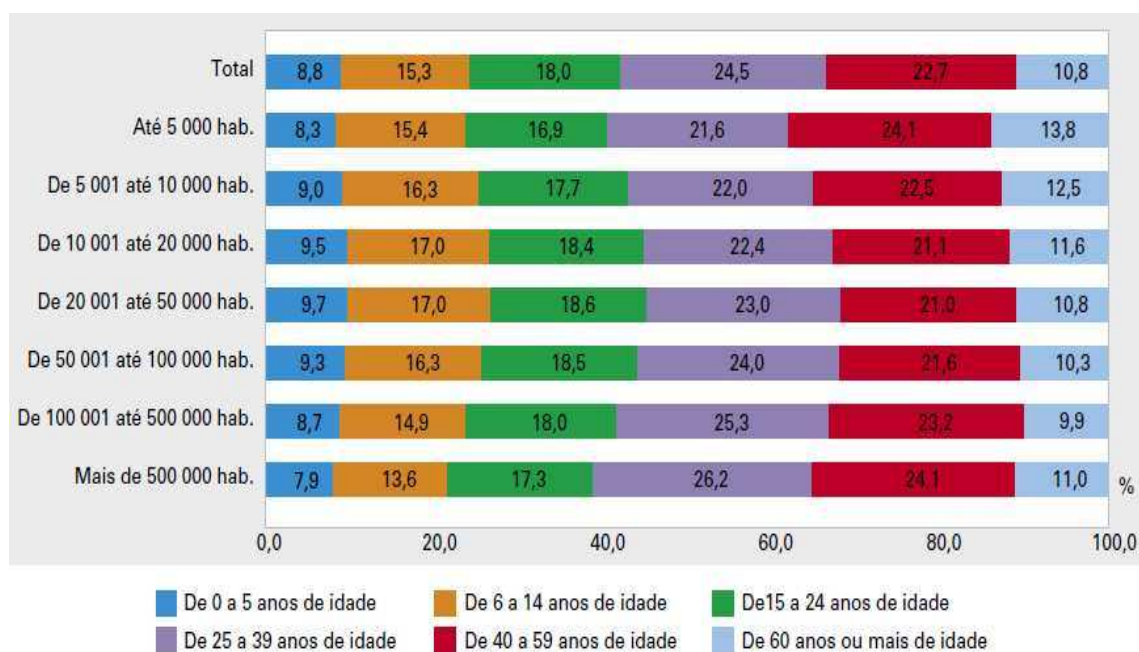


Figura 17 - Proporção de pessoas, por grupos de idade, segundo as classes de tamanho da população dos municípios – 2010

Fonte: IBGE (2010), Censo Demográfico 2010

No que diz respeito à Microrregião de Viçosa a Tabela 11 mostra que nas 19 cidades da micro-região a porcentagem de mulheres com 60 anos estava acima da porcentagem dos homens nessa faixa etária. Ou seja, a microrregião de Viçosa passa pelo processo de “feminização da velhice” com valores significativamente acima do nível total da população brasileira, assim como da Região Sudeste e de Minas Gerais. As porcentagens relativas ao número de homens com 60 anos ou mais no Brasil foram de 9,80%, na Região Sudeste e em Minas Gerais 10,55% e 10,78%, respectivamente. Já na Microrregião de Viçosa, só a cidade de Araponga, com 9,66% foi que ficou abaixo da porcentagem nacional, da Região e do Estado de Minas. As outras 19 cidades da Microrregião mantiveram as porcentagens acima do país, da região Sudeste e do Estado de Minas Gerais.

Tabela 11- Relação do número de idoso com 60 anos ou mais no Brasil, na região Sudeste, em Minas Gerais e na Microrregião de Viçosa.

Local	Mulheres		Homens		
	n ¹	%	n ²	%	
Brasil	11.434.487	11,74	9.156.112,00	9,80	
Região Sudeste	5.402.005	13,08	4.125.349,00	10,55	
Minas Gerais	1.270.952	12,76	1.039.613	10,78	
Microrregião de Viçosa	Alto Rio Doce	1056	17,43	908	14,88
	Amparo do Serra	446	17,36	374	15,06
	Araponga	444	11,21	405	9,66
	Brás Pires	405	17,49	365	15,72
	Cajuri	296	15,36	290	13,68
	Canaã	344	15,26	347	14,62
	Cipotânea	507	15,84	457	13,65
	Coimbra	562	16,03	497	14,01
	Ervália	1183	13,21	1042	11,59
	Lamim	280	16,40	270	15,47
	Paula Cândido	689	15,05	588	12,53
	Pedra do Anta	327	19,42	301	17,91
	Piranga	1293	15,06	1034	11,96
	Porto Firme	776	15,17	705	13,29
	Presidente Bernardes	481	17,45	434	15,61
	Rio Espera	531	17,69	495	16,13
	São Miguel do Anta	526	15,82	470	13,68
Senhora de Oliveira	441	15,56	386	13,55	
Teixeiras	896	15,42	855	15,42	
Viçosa	4424	11,89	3552	10,15	

n¹: número de mulheres idosas com 60 anos ou mais dentre o total de mulheres na população

n²: número de homens idosos com 60 anos ou mais dentre o total de homens na população

Fonte: IBGE/Censo Demográfico 2010.

Considerando o percentual da população idosa apresentada no Censo de 2000 e 2010 percebe-se que houve uma redistribuição nas diferentes faixas etárias, tanto em Minas Gerais como na Microrregião de Viçosa. Conforme os dados da Tabela 11 acima e da Tabela 12 a seguir, percebe-se que a população de idosos no Estado de Minas Gerais aumentou de 1.624.981 para 2.310.565 e na Microrregião de Viçosa passou de 23.001 para 29.682. A partir dessa descrição percebe-se que a proporção de idosos com mais de sessenta anos tem aumentado de forma significativa em Minas Gerais e na Microrregião estudada. Pode-se afirmar, ainda, que haverá proporções maiores de “idosos mais jovens” e de “idosos mais velhos” (CAMARANO, 2002).

Tabela 12: Grupo de Idosos por sexo de acordo com a faixa etária diferente.

FAIXA ETÁRIA	TOTAL DE IDOSOS EM FREQUENCIA E PORCENTAGENS			
	2000		2010	
	MINAS GERAIS			
	Frequência	%	Frequência	%
60 a 64 anos	514598	31,66	715378	30,96
65 a 69 anos	411030	25,29	541798	23,44
70 a 74 anos	303070	18,65	425228	18,50
75 a 79 anos	194099	11,94	298119	12,90
80 a 84 anos	114827	7,06	188322	8,15
85 a 89 anos	59034	3,63	91431	3,95
90 a 94 anos	19558	1,20	36738	1,50
95 a 99 anos	6000	0,36	10908	0,47
100 anos ou mais	2765	0,17	2643	0,11
TOTAL	1.624.981	100,0	2.310.565	100,0
	MICRORREGIAO DE VIÇOSA			
60 a 64 anos	6797	29,55	8482	28,57
65 a 69 anos	5905	25,67	6653	22,41
70 a 74 anos	4470	19,43	5611	18,90
75 a 79 anos	2940	12,78	4157	14,00
80 a 84 anos	1683	7,31	2758	9,29
85 a 89 anos	828	3,59	1334	4,49
90 a 94 anos	268	1,16	502	1,69
95 a 99 anos	82	0,35	150	0,50
100 anos ou mais	28	0,12	35	0,11
TOTAL	23.001	100,0	29.682	100,0

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000/2010.

Para ilustrar a realidade do envelhecimento com base nos Censos de 2000 e 2010 apresenta-se a seguir a pirâmide etária de Minas Gerais e das duas cidades da Microrregião de Viçosa: Piranga e São Miguel do Anta. Após as figuras das pirâmides etárias segue as Figuras 24 e 25 mostrando detalhadamente a concentração de idosos nos municípios pesquisados, chamando a atenção, mais uma vez, para a concentração de idosos no campo e, mais especificamente, com relação ao número de mulheres idosas, conforme distribuído no mapa de localização das cidades pesquisadas. Esse dado indica para a emergência de estudos que trabalhem mais especificamente sobre a feminização da velhice.

No que se refere à pirâmide etária do Estado de Minas Gerais, o formato do estreitamento da base, referente a 2010, aponta para uma maior expressividade dos percentuais acima dos 25 anos quando comparada a 2000, sendo esta tendência ainda mais expressiva entre as mulheres (Figuras 18 e 19).

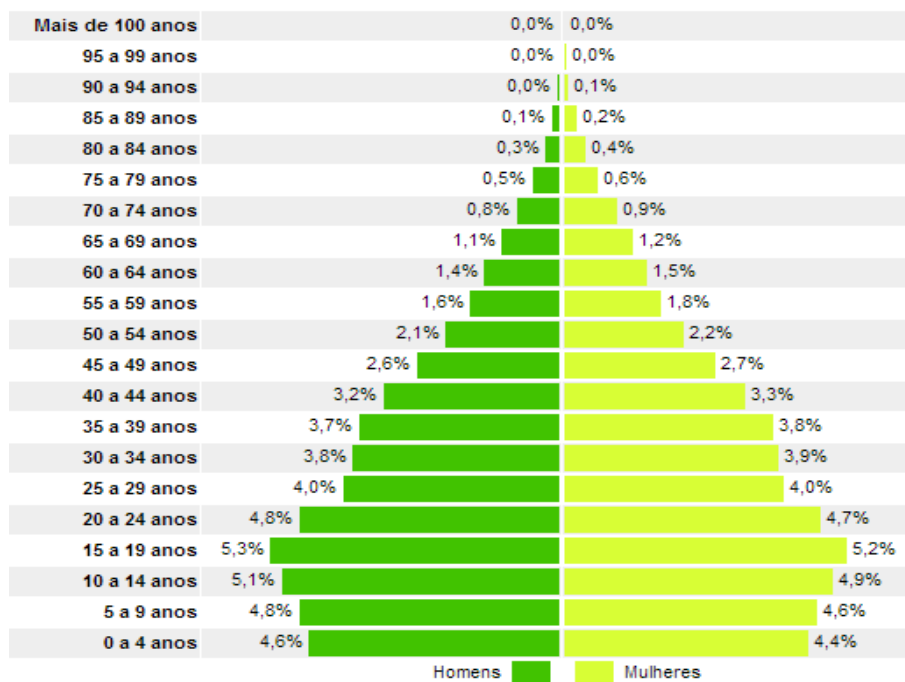


Figura 18 - Pirâmide Etária da População de Minas Gerais em 2000.
Fonte: IBGE/ Censo Demográfico 2000

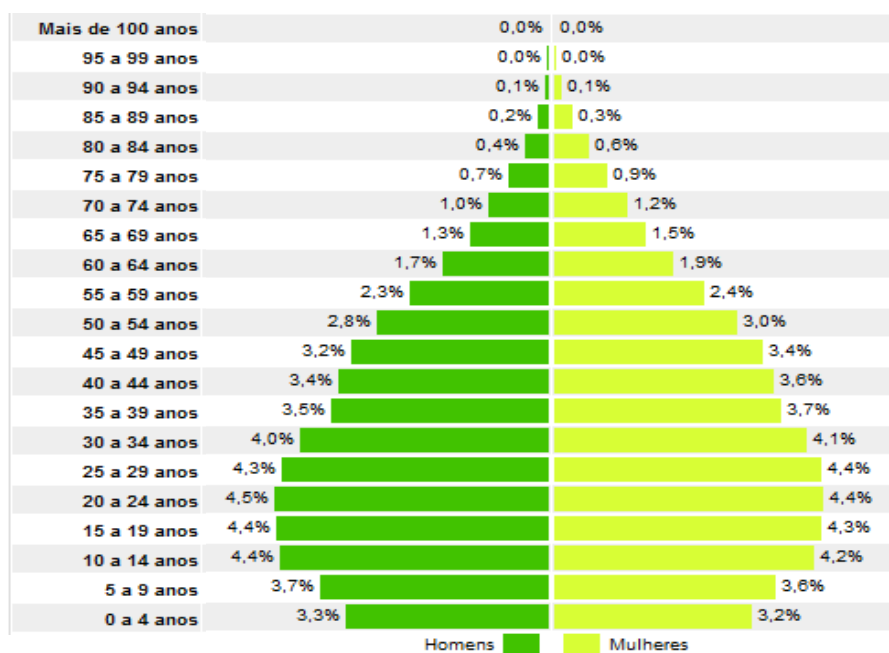


Figura 19 - Pirâmide Etária da População de Minas Gerais em 2010
Fonte: IBGE/ Censo Demográfico 2010

Em Piranga, observa-se estreitamento da base e aumento do topo da pirâmide, apontando para um crescente aumento do percentual nos estratos acima 25 anos. Do ponto de vista dos sexos, os homens foram mais expressivos até 54 anos e as mulheres

acima dos 55 anos, dentro da tendência de feminização da população idosa (Figuras 20 e 21).

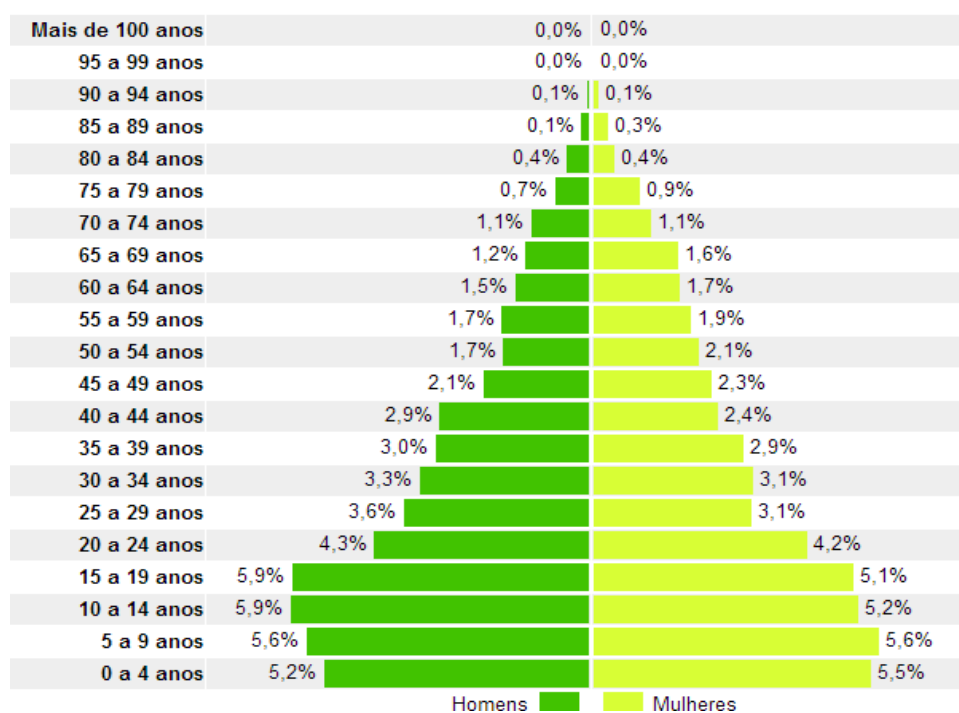


Figura 20: Pirâmide Etária da População de Piranga em 2000.

Fonte: IBGE/ Censo Demográfico 2000

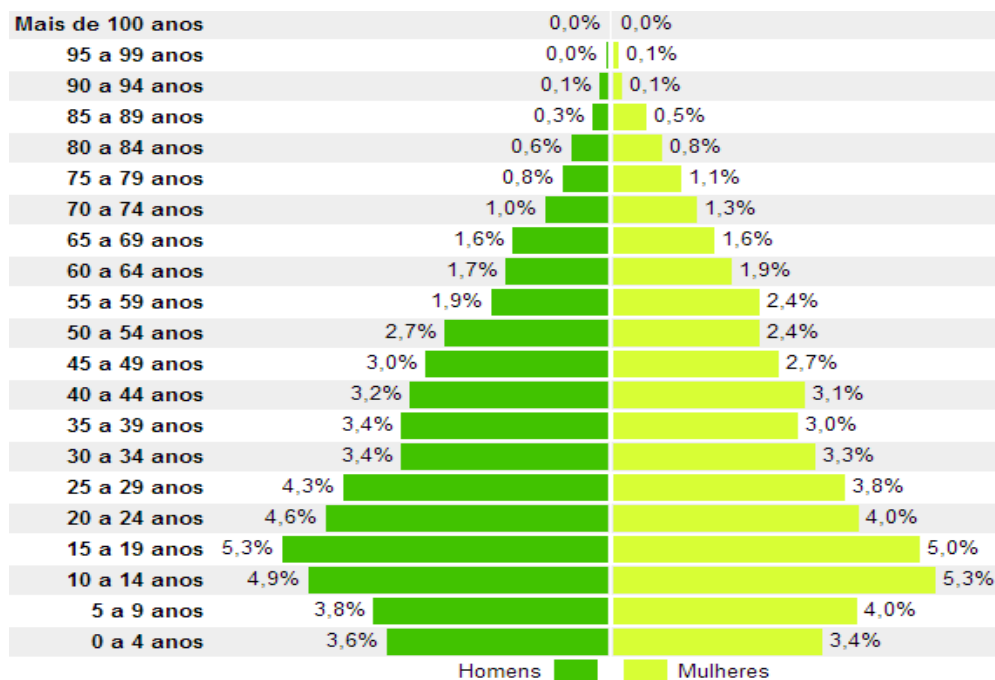


Figura 21: Pirâmide Etária da População de Piranga em 2010.

Fonte: IBGE/ Censo Demográfico 2010

Em São Miguel do Anta o alargamento do topo da pirâmide do Censo de 2000 para 2010 é menos uniforme que em Minas Gerais, mas segue o mesmo efeito de

dilatação dos percentuais acima dos 25 anos, sendo este também mais expressivo entre as mulheres do que nos homens. A base e o extremo da pirâmide se apresentaram mais estreitados na configuração de 2010, indicando que os mais jovens e os mais velhos, estes de forma ainda mais significativa, apresentam tendência de menor expressividade em relação às categorias intermediárias (Figuras 22 e 23).

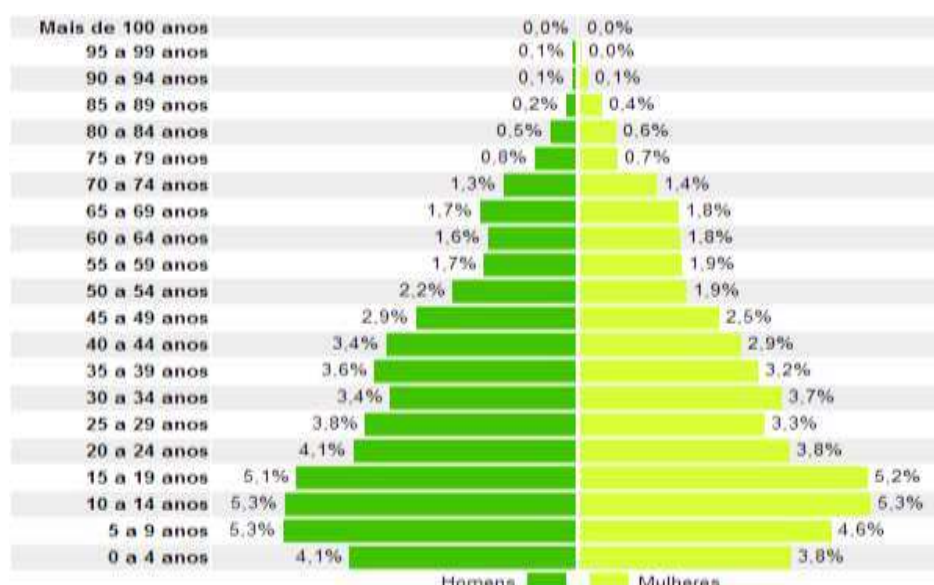


Figura 22: Pirâmide Etária da População de São Miguel do Anta em 2000.

Fonte: IBGE/ Censo Demográfico 2000

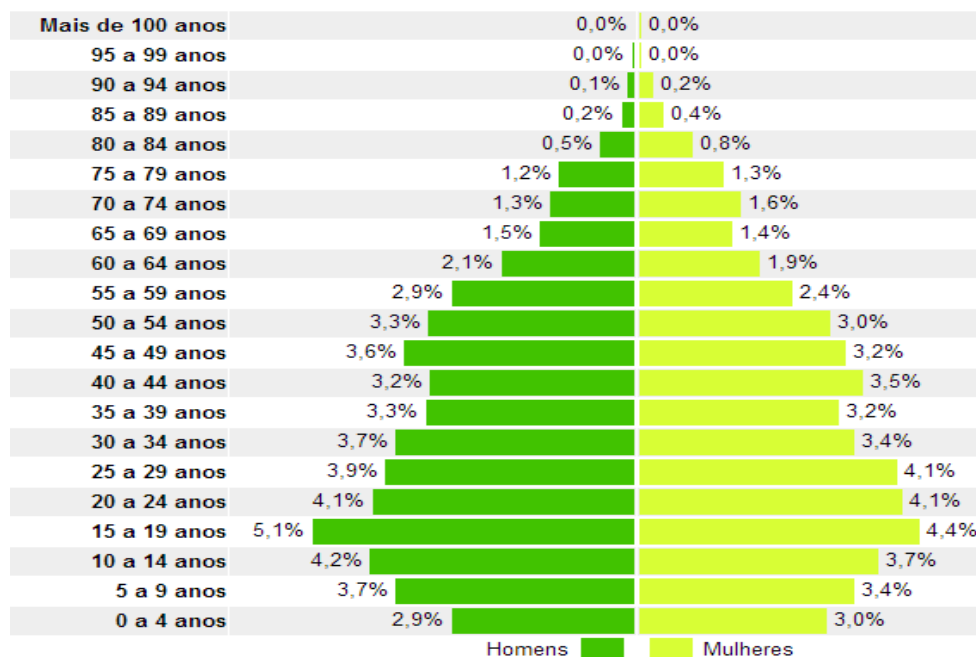


Figura 23: Pirâmide Etária da População de São Miguel do Anta em 2010

Fonte: IBGE/ Censo Demográfico 2010

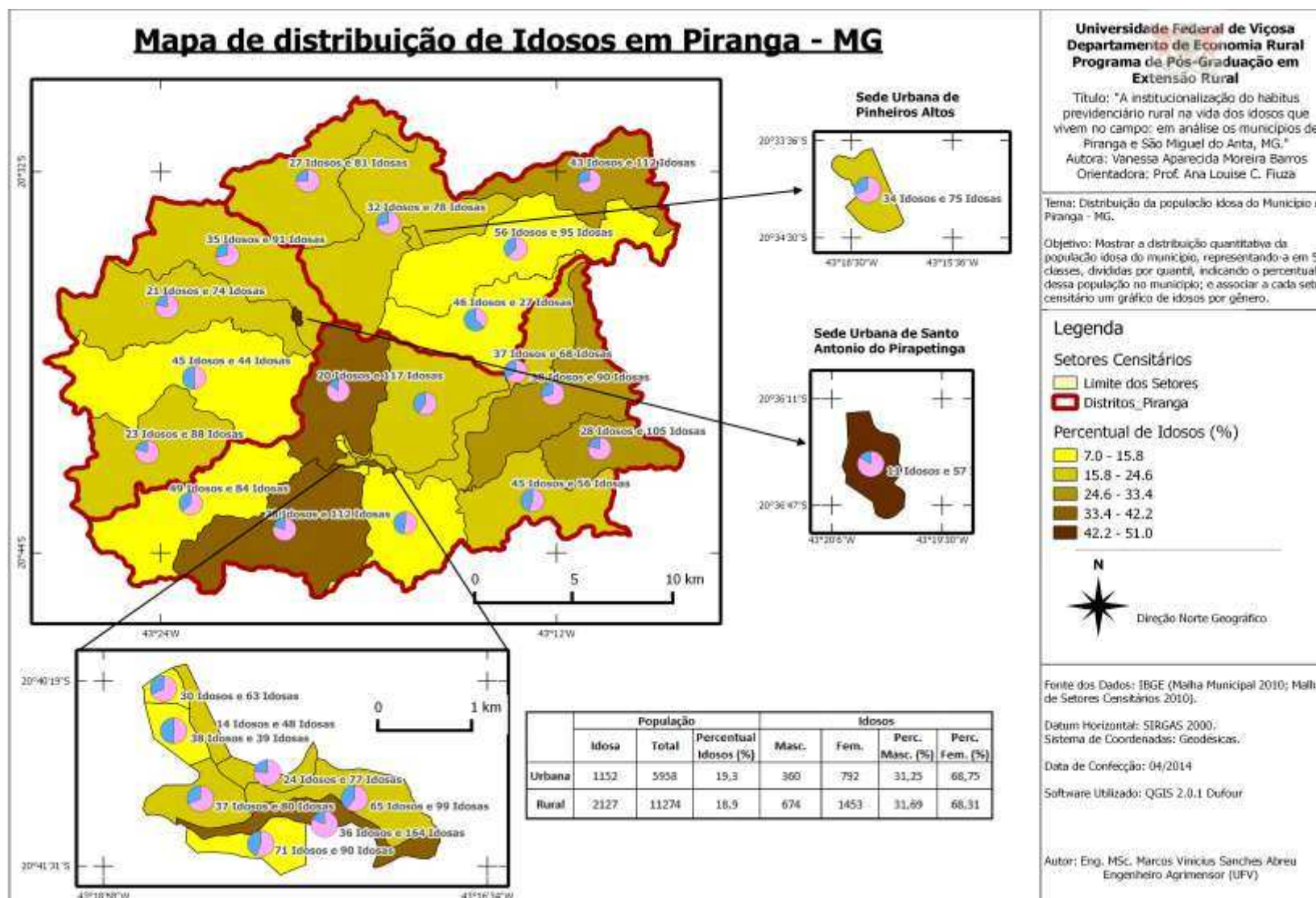


Figura 24: Mapa de distribuição de idosos em Piranga por sexo e setores censitários.
Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 2010

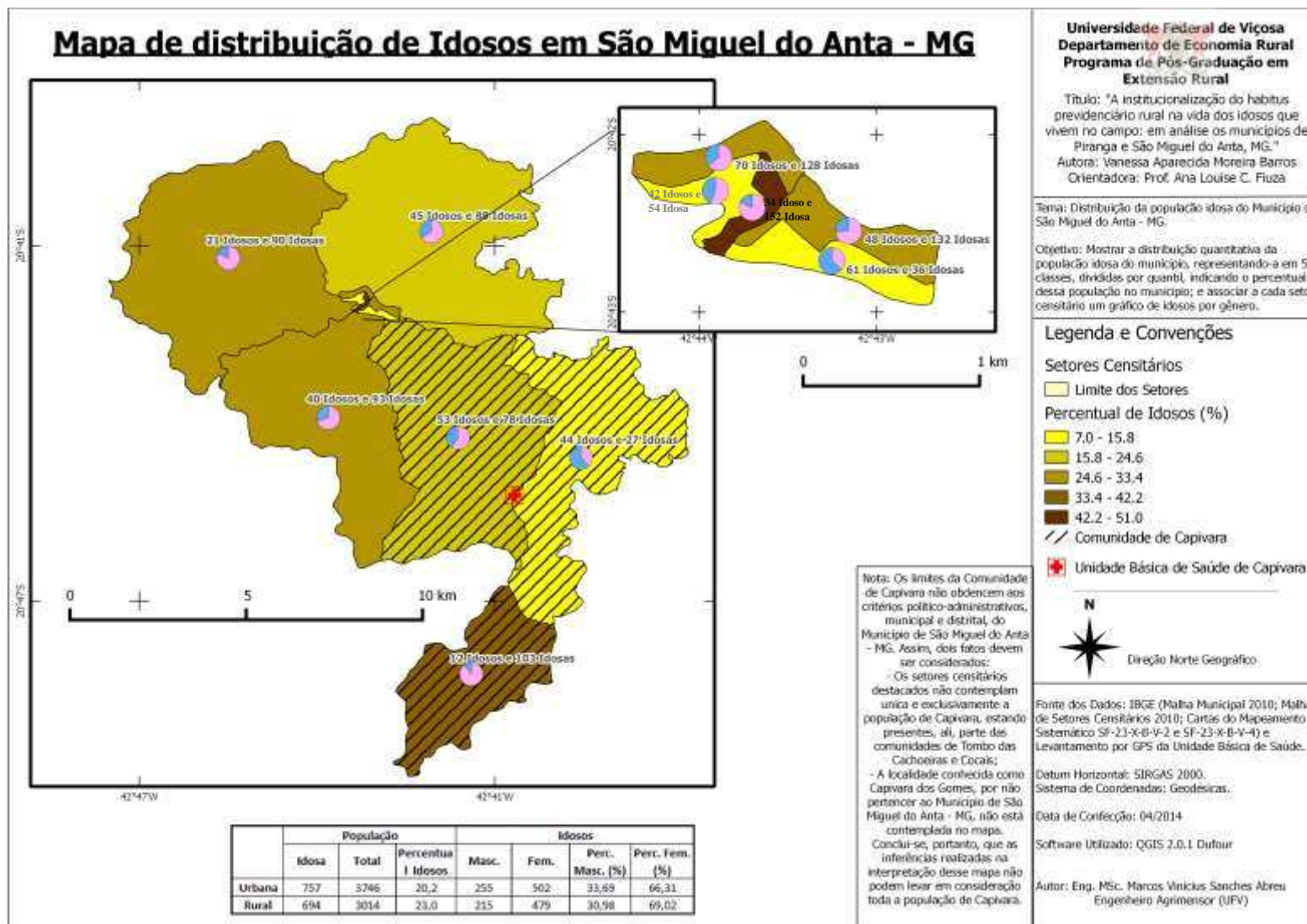


Figura 25: Mapa de distribuição de idosos em São Miguel do Anta por sexo e setores censitários.
Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 2010

A Tabela 13 apresenta os índices de envelhecimento da microrregião de Viçosa entre os anos de 2001 a 2010.

Tabela 13 - Índice de Envelhecimento na Microrregião de Viçosa

Município	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Alto Rio Doce	40,10	42,20	44,50	46,90	49,50	52,10	54,90	57,90	61,00	64,30
Amparo do Serra	40,80	42,60	44,60	46,60	48,70	50,90	53,30	55,70	58,30	60,90
Araponga	20,60	21,70	22,90	24,10	25,50	26,90	28,40	30,00	31,70	33,50
Brás Pires	33,40	35,50	37,90	40,40	43,20	46,20	49,40	52,90	56,80	60,90
Cajuri	33,70	35,90	38,30	40,90	43,70	46,70	49,90	53,40	57,30	61,20
Canaã	33,40	35,90	38,50	41,40	44,50	48,00	51,70	55,70	60,30	64,90
Cipotânea	35,30	37,30	39,40	41,60	44,00	46,50	49,20	52,00	55,20	58,40
Coimbra	48,20	48,90	49,70	50,60	51,50	52,50	53,60	54,80	56,00	57,30
Ervália	30,20	31,70	33,30	35,00	36,70	38,60	40,50	42,60	44,70	47,00
Lamim	41,90	43,80	45,70	47,80	49,90	52,20	54,50	57,00	59,50	62,20
Paula Cândido	34,40	35,90	37,60	39,30	41,20	43,20	45,30	47,60	50,00	52,50
Pedra do Anta	42,50	45,70	49,20	52,90	57,00	61,30	66,10	71,20	76,90	82,80
Piranga	32,00	33,50	35,00	36,60	38,20	40,00	41,80	43,70	45,70	47,90
Porto Firme	40,30	42,00	43,80	45,70	47,80	50,00	52,40	55,00	57,80	60,70
Presidente Bernardes	42,10	43,80	45,50	47,30	49,20	51,20	53,30	55,50	57,80	60,30
Rio Espera	39,90	42,00	44,30	46,60	49,10	51,70	54,50	57,40	60,60	63,80
São Miguel do Anta	41,90	43,70	45,50	47,40	49,50	51,60	53,90	56,40	59,00	61,70
Senhora de Oliveira	37,90	39,50	41,20	43,00	44,90	46,80	48,90	51,10	53,50	55,90
Teixeiras	40,80	43,00	45,30	47,70	50,30	53,00	55,80	58,80	62,00	65,30
Viçosa	27,70	29,20	30,70	32,40	34,10	36,00	38,00	40,00	42,30	44,60

Fonte: IBGE/ FJP 2011

Na Tabela 13, observa-se, justamente, como o aumento do índice de envelhecimento populacional está relacionado com o aumento da expectativa de vida, que contribui para o crescimento do número de idosos no país. Segundo Brito (2007), os desafios do processo de envelhecimento colocam a necessidade de repensar a eficiência das políticas públicas. O Ministério da Saúde afirma na cartilha “ENVELHECER?” que o país passa por um processo veloz de envelhecimento populacional, percebendo a necessidade de adequações das políticas sociais, particularmente, daquelas voltadas para atender às demandas nas áreas da saúde, previdência e assistência social (BRASIL, 2010).

Contudo, após apresentar os dados relativos ao envelhecimento populacional termina-se este capítulo apresentando as concepções acerca da definição de “envelhecimento”. Carvalho e Garcia (2003), Domingues (2004) e Schneider e Irigaray (2008) definem o envelhecimento como um processo que varia de sociedade para

sociedade e não está relacionado unicamente com os fatores biológicos, mas, também, com fatores econômicos, ambientais, científicos e culturais. Cabe destacar que, as experiências de vida em determinados períodos históricos, políticos, econômicos, geográficos e culturais promovem diferentes representações sociais da velhice e do que é ser idoso. De acordo com Domingues (2004), a generalização do quesito cronológico para definir o indivíduo como idoso contribui para a homogeneização do grupo a qual está inserido, abafando as especificidades dos estilos de vida e de sua identidade.

As questões relativas à velhice podem ser analisadas a partir da teoria das gerações. Para Weller (2010), Mannheim propõe que diferentes grupos etários podem vivenciar tempos interiores diferentes mesmo convivendo em um mesmo período cronológico. Ou seja, os indivíduos podem conviver de forma contemporânea com especificidades individuais de viver, pensar e interagir no processo histórico. Neste contexto a autora ressalta que Mannheim apresentou o conceito de “*memória das vivências passadas*” como resultado do “*conhecimento implícito acumulado*” que se distancia do critério biológico para caracterizar as diferenças entre as velhas e as novas gerações, demarcados a partir de estilos de vida distintos por parte dos indivíduos de diferentes gerações, mesmo vivendo em um mesmo meio social. Barros (2004) destaca que, com o passar dos anos, os idosos passam a reestruturar seu *habitus* trazendo novos elementos que alteram os papéis tradicionalmente assumidos (BOURDIEU, 2006). No presente estudo o idoso será considerado a partir dos aspectos culturais referenciados pelas coletividades pesquisadas que consideram a aposentadoria como um demarcador social da pessoa idosa.

CAPÍTULO 2

“DE PRIMEIRO ERA ASSIM (...)”:

A transformação do modo de vida dos idosos rurais

O presente capítulo apresenta os modos de vida dos idosos rurais de Piranga e São Miguel do Anta, enfatizando a referência do tempo “de primeiro” em relação com o “hoje”. Inicialmente apresentam-se as concepções teóricas sobre os “modos de vida”. Têm-se como suporte teórico as discussões de Louis Wirth, Placide Rambaud, Antônio Candido, Carlos Rodrigues Brandão e Maria Alice Setubal. Complementa-se a apresentação do marco teórico utilizado nesta pesquisa com a exposição dos conceitos de tradição, modernidade e hibridismo cultural discutidos por Nestor Garcia Canclini e Peter Burke.

2.1 A concepção de modo de vida

As discussões envolvendo modo de vida têm em Louis Wirth, pesquisador da Escola de Chicago, um dos seus expoentes, em virtude do mesmo ter apresentado o conceito de “*urbanismo como modo de vida*” em 1938¹⁵. O termo cunhado pelo autor recebeu, por sua vez, influências da obra “A metrópole e a vida mental” do sociólogo alemão Georg Simmel. Na perspectiva de Wirth (1979), o modo de vida urbano está vinculado ao processo de crescimento das grandes cidades, às marcas que surgem dentro dos grandes aglomerados de pessoas que passam a difundir ideias e práticas que caracterizam a “civilização”. Segundo o autor esse fenômeno que as cidades vivenciam caracterizaria o mundo contemporâneo como “urbano”. Este não é concebido somente pela proporção das pessoas que moram nas cidades, mas, principalmente, pelas influências que a cidade exerce na vida social dos indivíduos, no seu modo de morar, no ambiente de trabalho, nas formas de lazer, de alimentar, etc. A vida na cidade imprimiria e irradiaria a partir do seu controle da vida econômica, política e cultural, um novo modo de vida.

O processo de urbanização dos modos de vida influenciaria, inclusive, as formas de trabalho e de consumo das pessoas no campo. Wirth (1979) concebia a “sociedade urbano-industrial” e a “sociedade rural” como tipos ideias, apoiando-se nas concepções

¹⁵WIRTH, L. “*Urbanismo como um modo de vida*” *Jornal Americano de Sociologia*, 44, 1938, p. 1-21.

de Georg Simmel e Max Weber. Assim, para o autor, o campo e a cidade já não poderiam ser vistos como opostos, em função do modo de vida urbano se irradiar da cidade para todos os espaços. Wirth (1979) concebe o “*modo de vida*” como um conjunto de elementos vinculados às esferas sociais, culturais, econômicas e políticas portadores dos valores da “civilização”.

Na mesma direção que Wirth (1979), mas detendo-se mais no processo de apropriação que os rurais estabelecem face à “*Cultura Urbana*” está Placide Rambaud. Em sua obra “*Société Rurale et Urbanisation*”, do final da década de 60, o autor analisa as mudanças nos modos de vida dos rurais, destacando que este processo se dá em ritmos diferenciados dentro das sociedades rurais e segundo a escolha realizada pelos indivíduos. A urbanização é interpretada por ele de forma bastante próxima a de Wirth, ou seja, como um modo de vida que nasce na cidade e se irradia para o campo. Contudo, Rambaud destaca o poder de decisão e escolha dos rurais em seu processo de absorção da “*Cultura Urbana*”. Os rurais, em diferentes ritmos, passam a absorver as técnicas modernas, o apreço pelo lucro, pelo lazer, pelos esportes, pelo jornal, pela educação. Contudo, estes mediadores da “*Cultura urbana*” são introduzidos em suas vidas, sendo interpretados e absorvidos de acordo com os seus repertórios culturais e com as especificidades de cada região.

Contudo, o modo como as pessoas vivem se modifica quando elas incorporam hábitos de consumo, têm acesso às tecnologias da comunicação e da informação, aos serviços públicos e às políticas governamentais. O acesso a estes bens e serviços materiais e culturais refletiria-se nas suas condições materiais de vida, tal como no seu padrão de moradia, no tempo gasto para realizar as suas atividades domésticas e produtivas, bem como nas suas formas e possibilidades de lazer (RAMBAUD, 1973). Segundo o autor, este processo de aculturação poderia, contudo, seguir o ritmo e os desejos dos indivíduos, em sociedades rurais marcadas por uma maior coesão social. Ao contrário, naquelas marcadas por um tecido social desarticulado, o processo de aculturação poderia causar uma completa descaracterização dos seus modos de vida.

Na mesma época em que Placide Rambaud realizava a pesquisa no campo francês, Antônio Cândido iniciava no Brasil, a sua pesquisa de doutorado sobre os caipiras paulistas no município de Bofete na década de 40 a 60. Na sua pesquisa, Cândido (1964) procurou verificar as transformações dos meios de vida dos caipiras paulistas, buscando compreender quais eram os novos meios de vida por eles incorporados, como

os obtinham, bem como a forma como os mesmos afetavam a vida social. Para realizar a sua pesquisa, o autor buscou nos documentos de viajantes dos séculos XVIII e início do século XIX, referências e indícios sobre a vida do homem da roça e interrogou velhos caipiras de lugares isolados, a fim de compreender como era os “tempo antigos”.

A pesquisa de Candido (1964) constatou que na sociedade caipira tradicional o homem elaborava as suas técnicas com conhecimentos próprios e adequados para a exploração dos recursos naturais que o cercavam e que lhe propiciava uma dieta compatível dentro da vida social de tipo fechada e com base na economia de subsistência em que vivia. No entanto, as influências advindas da sociedade urbano-industrial contribuíram para que acontecesse a incorporação de outros costumes diferentes da estrutura tradicional que levaram os lavradores a migrarem para cidade e culminou no surgimento de novos estilos de vida para aqueles que permaneceram no campo. A monetarização da vida econômica penetra no campo atrelada a novos padrões de consumo adquiridos pelos caipiras e contribuem para criar ou intensificar os vínculos com a vida das cidades. Assim, a influência urbana introduz novos hábitos que contribuem para transformar os seus modos de morar, trabalhar e alimentar.

Setubal (2005) também discorre sobre os caipiras paulistas e faz alusão sobre o seu modo de vida na obra “*Vivências Caipiras: pluralidade cultural e diferentes temporalidades*”. Esta obra traz uma descrição acerca do modo de vida do homem do interior, seus valores e costumes, a partir dos documentários e textos escritos pela equipe do Projeto Terra Paulista. O objetivo central da autora foi o de enfatizar as características e os modos de vida que formaram as várias identidades caipiras, construídas e reconstruídas ao longo do tempo, mediante às transformações advindas dos processos de urbanização e industrialização. De acordo com a discussão apresentada no texto podemos afirmar que os modos de vida corresponderiam aos aspectos culturais, econômicos e sociais que comporiam a vida do caipira e definiriam o seu modo de ser, os seus valores e costumes.

Brandão (2011) considera que o modo de vida dos rurais está em estreita relação com o espaço à sua volta, ou seja, com a natureza e com as suas condições materiais de existência. Nas diferentes pesquisas realizadas pelo autor no campo brasileiro, foram abordadas questões relacionadas com a construção cultural do espaço e do tempo nas comunidades rurais. Desta forma, os modos de vida se expressariam nos padrões de uso do tempo e do espaço que permitiriam aos sujeitos sociais construir as interligações

entre a natureza e a cultura. Na modernidade, segundo Canclini (1998), os modos de vida sofreriam as influências da expansão industrial e tecnológica, visíveis na circulação dos bens consumidos, na aproximação entre os espaços e na aceleração do tempo. O contato do modo de vida tradicional com o modo de vida moderno pode provocar fenômenos como o “hibridismo cultural”, uma mistura de estilos (CANCLINI, 1998; BURKE, 2000).

Com base no aporte teórico dos autores supracitados adota-se, nesta dissertação, a caracterização do modo de vida como as condições materiais e simbólicas que permeiam as esferas sociais, econômicas e culturais, referentes a um grupo. O modo de vida se expressa nas relações familiares, nos costumes, nos valores, nos hábitos, na estrutura da casa e no modo de morar, no vestuário, na alimentação, nas relações de trabalho e no uso do tempo a ele dedicado, nas práticas culturais e religiosas, nas atividades de lazer, entre outras.

Com o intuito de categorizar variáveis relativas e ao conceito de modo de vida supracitado elaborou-se um quadro com base nos tipos ideais weberianos para o modo de vida rural e modo de vida urbano. Para Weber (2000) os tipos ideais (puros) permitem realizar classificações a partir de um constructo de variáveis que estão relacionadas aos fenômenos sociais e atuam como instrumento para analisar uma realidade social. São “conceitos úteis para finalidades especiais e para orientação” (WEBER, 1974, p. 345), ou seja, os tipos ideais são modelos balizadores de percepção de padrões relativos, no caso da presente pesquisa elaborou-se um conjunto de variáveis relacionadas a modos de vida rural e modos de vida urbano que se relacionam.

Ressalta-se que o objetivo do quadro não é apresentar uma visão dicotômica de ambos, mas sim ter um apoio para analisar na prática. A construção do quadro é constante por acreditar-se que o mesmo é flexível de acordo com as pesquisas e teste de hipóteses realizadas por diferentes pesquisas vinculadas ao Grupo de Pesquisa GERAR. O Quadro 2 a seguir, sintetiza os pressupostos teóricos expostos acerca das concepções sobre os modos de vida discutidos pelos autores referendados..

Quadro 2 - Características constitutivas do perfil relativo ao “Modo de vida rural” e ao “Modo de vida Urbano”.

MODO DE VIDA	MODO DE VIDA RURAL	MODO DE VIDA URBANO
1 Padrões de consumo		
1.1 Alimentação	Predomínio do autoconsumo	Gastos com alimentação (alimentos comprados e locais de alimentação)
1.2 Vestuário	Gasto raros com vestuário (ocasiões especiais)	Gastos habituais com vestuário

1.3 Lazer	Gasto restrito com lazer	Gastos casuais com lazer
2 Modos de Morar		
2.1 Móveis	Predomínio de mobília que passa de geração para geração	Predomínio de mobília adquirida anualmente.
2.2 Eletrodomésticos	Básicos	Diversificados
2.3 Meios de comunicação	Básicos	Diversificados
2.4 Meios de transporte	Coletivo	Próprio
2.5 Estrutura física da casa (número de cômodos, existência ou não de saneamento básico, de eletricidade).	Pouco alterada ao longo dos anos	Alterada com constância ao longo dos anos
3 Uso do Tempo		
3.1 Para o trabalho	Sem demarcações para descanso e lazer	Com demarcações para descanso e lazer
3.2 Para o lazer	Pequena importância	Grande importância
3.2.1 Práticas culturais e de lazer		
- Práticas Religiosas	Muito expressiva	Secundárias
-Práticas Esportivas	Masculinas	Masculinas e Femininas
- Bailes	Em datas tradicionais	Casuais e com a presença de jovens e idosos.
- Frequência a bares	Sem especificidades geracional	Com especificidade geracional
- Festas	Predominantemente religiosas	Predominantemente profanas
4 Práticas Políticas e associativas		
4.1 Sindicato	Masculino	Presença feminina constante
4.2 Partido	Masculino	Presença feminina constante
4.3 Movimentos sociais	Masculino	Presença feminina constante
4.4 Associação/ Cooperativa	Masculino	Presença feminina constante
5 Capital Cultural		
5.1 Anos de estudo	Não passa de 4 anos	Acima de 6 anos
5.2 Qualificação Profissional	Ausente	Presente
6 Capital Econômico		
6.1 Renda	Predominantemente agrícola	Predominantemente não-agrícola
6.2 Pensão, aposentadoria,	Utilizada nas atividades agrícolas	Utilizada nas atividades não agrícolas
6.3 Auxílio do governo	Acessado por homens	Acessado constantemente por mulheres
7 Frequência de deslocamento para a cidade.	Esporádica	Semanal
8 Trabalho		
8.1 Tipo de vínculo de trabalho	Sem contrato/sem carteira assinada	Com contrato/carteira assinada
8.2 Realização do trabalho	Pela família	Com mão de obra contratada esporádica e permanentemente
8.3 Assistência técnica	Ocasional	Frequente
8.4 Práticas produtivas	Passadas de pai para filho	Adquiridas através de capacitação profissional
8.5 Forma de gerir a propriedade.	Sem utilizar planilha de custo	Utilizando planilha de custos
9 Aparato tecnológico produtivo		
9.1 Máquinas	Pouco presentes	Diversificadas
9.2 Insumos químicos	Pouco usados	Muito usadas
10 Acesso a Serviços Públicos		
Escola (Graus)	Ocasional	Regular
Hospitais, postos de saúde	Ensino básico e fundamental	Ensino Médio e Superior
Hospitais, postos de saúde	Uso Municipal	Uso regional
Atendimento jurídico	Inexistente	Presente

Outros	Pouco presentes	Variados
11 Formas de pensar e juízos de valor:		
<u>11.1 Concepção acerca da vida conjugal:</u> casamento, separação, amigamento, união entre pessoas do mesmo sexo.	Valorização do casamento religioso e entre pessoas da família ou da localidade.	Desimportância do casamento religioso e entre da família ou da localidade.
<u>11.2 Concepção acerca da divisão sexual do trabalho:</u>	Homem deve ser o provedor e a mulher cuidar da casa, dos filhos e do marido.	Tendência a valorização do compartilhamento na divisão das tarefas domésticas e no reconhecimento do direito da mulher a trabalhar fora.
<u>11.3 Concepção de lucro e rentabilidade</u>	Racionalidade voltada para a autossustentência e para a venda do excedente.	Reconhecimento da necessidade do uso de investimentos tecnológicos, de empréstimos para investimento etc.
<u>11.4 Perspectiva de felicidade</u>	A felicidade está voltada para a valorização da vida local	A felicidade está voltada para o alcance de bens materiais e profissionais.
12 Vínculo com a terra	Central	Periférico
12.1 Padrões de herança	Existência de sucessor segundo padrões culturais	Inexistência de sucessor. Igualdade na distribuição do patrimônio familiar.

Fonte: Arquivo do Grupo de Pesquisa GERAR.

O Quadro teórico elaborado com base teórica servirá de guia para as análises que serão apresentadas no decorrer do texto.

2.2 O perfil dos idosos rurais

A descrição a seguir apresenta o perfil dos idosos entrevistados que subsidiará a discussão dos demais resultados que dizem respeito aos mesmos, ou seja, pretende-se aqui identificar de quem se fala, para posteriormente tratarmos dos assuntos mais específicos relativos aos modos de vida.

Dos entrevistados 61,9% em Piranga e 59,3% em São Miguel do Anta eram idosos (Figura 26).

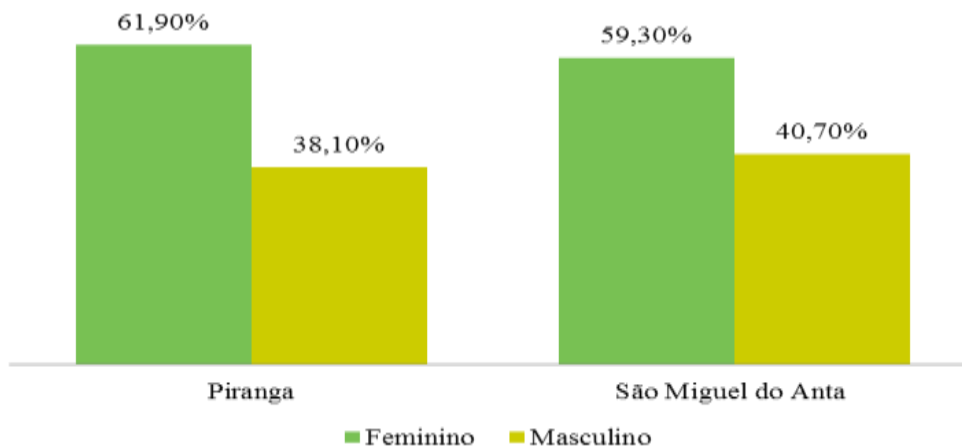


Figura 26: Sexo dos entrevistados de Piranga e São Miguel do Anta, MG.

A idade média dos idosos piranguenses foi de 73,10 anos, sendo a idade mínima encontrada de 60 anos e a máxima, de 92 anos. Dos entrevistados saomiguelenses a média de idade ficou em torno de 70,56 anos, com a mínima de 55 anos e a máximo de 86 anos (Quadro 3).

QUADRO 3 – Média de Idade dos entrevistados em Piranga e São Miguel do Anta, MG.

MUNICÍPIO	VARIÁVEL	N	MÍNIMO	MÁXIMO	MÉDIA	DESVIO PADRÃO
Piranga	Idade	63	60	92	73,10	12,475
São Miguel do Anta	Idade	54	55	86	70,56	8,661

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Quanto à caracterização dos entrevistados, têm-se que em Piranga, 50,8% eram casados, 44,4% viúvos (as) e 4,8% solteiros (as). No que diz respeito à composição familiar, 20,6% eram constituídas pelo casal de idosos morando sozinho e 19% com o casal de filho e um ou mais filhos solteiros que permanecem na residência. O número de membros morando por casa foi em média de 3,11, com mínimo de 1 e máximo de 8.

Com relação ao estado civil dos entrevistados em São Miguel do Anta têm-se que 66% dos eram casados, 27,8% viúvos e 3,8% divorciados. O tipo de composição familiar mais encontrada dentre os entrevistados foi a do casal de idosos com filhos solteiros que correspondeu a 35,2%, seguido do casal de idosos morando sozinhos: 29,6%. Quanto ao número de membros por família, a média foi de 3,11, com mínimo de 1 e máximo de 8 pessoas.

Os dados apresentados evidenciam a existência de casais idosos morando sozinhos, em virtude dos filhos terem migrado e não residirem mais com os pais. Nas palavras de Arrigada (1997) apud Camarano (2003) tais casais se assemelham a “ninhos vazios”. Essa expressão poderia, também, caracterizar a viuvez. Em Piranga, do total de viúvos (as), 10,71% eram idosos e 89,30% idosas viúvas. Em São Miguel do Anta, o total de viúvos correspondia a 20% dos idosos e 80% das idosas. Percebe-se, assim, o fenômeno de feminização da velhice (CAMARANO, 2002; SALGADO, 2002; NICODEMO E GODOI, 2010) . De acordo com as perspectivas demográficas, quanto mais envelhecida uma determinada população maior as chances da população idosa ser predominantemente feminina, isso devido a diferença de expectativa de vida entre o homem e a mulher. As mulheres vivem em média 7 anos a mais que os homens

Outro dado que sobressalta na composição familiar é o número de filhos solteiros que ainda permanecem na casa dos pais idosos. De acordo com a Tabela 14 em

Piranga 25,8% dos entrevistados têm pelo menos um filho (a) solteiro morando em casa e, em São Miguel do Anta, 42,6%. Entre os filhos solteiros, ressalta-se o expressivo número de homens solteiros tanto em Piranga como em São Miguel do Anta correspondendo a 55% e 75% , respectivamente, nas duas cidades (Tabela 14) o que aponta para o processo de masculinização do campo.

Tabela 14: Número de famílias de idosos com filhos solteiros em Piranga e São Miguel do Anta, MG.

MUNICÍPIO	IDOSOS COM FILHOS (AS) SOLTEIROS (AS) MORANDO EM CASA		NÚMERO DE FILHOS SOLTEIROS	NÚMERO DE FILHOS SOLTEIROS
	FREQUÊNCIA	%		
Piranga	16	25,8	11 (55%)	9 (45%)
São Miguel do Anta	23	42,6	24 (75%)	8 (25%)

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Para Camarano e Abramavay (1998) a masculinização do campo vem acontecendo principalmente pela migração de jovens e mulheres para as cidades e grandes centros em busca de trabalhos. Corroborando com os autores, Bourdieu (2004) discorre sobre essa realidade no campo francês, a migração feminina fica cada vez mais acentuada em busca de trabalho e oportunidades educacionais e permanece no campo um contingente maior de homens.

Bercovich (1993) fala da masculinização do campo ligada ao envelhecimento. Os dados encontrados pela autora apontaram o aumento da razão de masculinidade rural, principalmente para a população idosa, fato que está diretamente relacionada com a questão da migração, que é seletiva por faixa etária e sexo e afeta, consideravelmente, a estrutura etária regional. Os dados indicaram que o sudeste tinha a maior proporção de idosos na cidade e o nordeste com maior proporção de idosos no campo, corroborando com a discussão apresentada por Camarano e Abramovay (1998) nas discussões sobre o processo de migração.

Nos estudos sobre a masculinização do campo na região sul do Brasil os autores Anjos e Caldas (2005) e Costa et al.(2013) reforçaram a intensificação desse processo, ou seja, “a novidade é que o espaço rural está se convertendo num ambiente fortemente masculinizado e envelhecido” (ANJOS e CALDAS, 2005, p.689).

Durante a entrevista a pesquisadora observou que os filhos solteiros dos idosos estavam com idade avançada e outros já idosos. Verificou-se também que 4,8% dos idosos eram solteiros e em São Miguel do Anta: 1,9%.

Compondo, ainda, o perfil socioeconômico da população traz-se os dados relativos à religião. Na cidade de Piranga, 96,8% da população era católica e 3,2% Evangélica. Em São Miguel do Anta, a religião dos entrevistados foi para a maior parte, a católica com 98,1% e os demais 1,9 % Evangélicos. Quanto à escolaridade dos idosos, em Piranga, 95,2% tinha o ensino fundamental incompleto; 1,6% o ensino fundamental completo e 3,2% eram analfabetos. Em São Miguel do Anta, 90,7% dos idosos tinham o ensino fundamental incompleto e 9,3% eram analfabetos.

A variável escolaridade representa um dos indicadores que apontam para modos de vida rural, segundo Rambaud (1973), já que devido as dificuldades de infraestrutura, recursos financeiros e falta de valorização do estudo, os rurais não viam a necessidade de estudar e se profissionalizar, estudando, assim, em média 4 anos ou menos. Esse processo de mudança de mentalidade acontece sob a influência da cidade. Assim, os rurais passaram a querer que seus filhos estudassem e alcançassem uma profissão que seja característica dos modos de vida urbano. Uma das entrevistadas em São Miguel do Anta destacou que não pôde estudar nem três anos, mas com o dinheiro da aposentadoria pôde pagar a faculdade para um dos filhos.

Segundo a pesquisa com os idosos aposentados de Igarapé- Açu, PA, Schwarzer (2000) destacou que a baixa escolaridade dos idosos pode ser explicada principalmente pela deficiência em infraestrutura no período em que os idosos estavam em idade escolar. Essa afirmação é corroborada por Aquino e Souza (2007), em relação ao estudo desenvolvido junto aos idosos de XX, que relatam as mesmas dificuldades apresentadas por Schwarzer (2000).

2.3 Um modo de vida rural: “De rancho em rancho a gente vai vivendo”¹⁶

O vínculo com a terra, passada de geração a geração, como um patrimônio familiar, se constitui em um valor arraigado em sociedades rurais tradicionais. Nos municípios pesquisados, o vínculo dos idosos com a terra estava vinculado, majoritariamente, à herança. Dentre os entrevistados de Piranga, 54,5% das heranças recebidas foram pelos homens (esposo), 31,8% pelas mulheres (esposa), 11,4% por ambos e 2,3% pelos filhos. As famílias dos idosos pesquisados viviam em propriedades que tinham em média 6,15 hectares, tendo o valor mínimo sido 0 hectare (daqueles que

¹⁶ Fala de um idoso entrevistado de Piranga, MG.

não possuíam nenhuma propriedade e moravam de favor ou na casa dos filhos) e o máximo 50 hectares.

A casa de 90,5% dos entrevistados de Piranga eram próprias (Tabela 15) e habitada em média por 33,65 anos, tendo sido o valor mínimo encontrado de 1 ano (referindo aquelas casas construídas recentemente) e o valor máximo foi de 66 anos (característica de uma casa antiga). As Figuras 27, 28 e 29 apresentadas a seguir ilustram algumas das casas mais antigas habitadas pelos pesquisados.



Figura 27: Fazenda na comunidade do Bom Retiro, Piranga, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 28: Fazenda antiga na comunidade do Bom Retiro, Piranga, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 29: Fazenda antiga na comunidade de São Francisco, Piranga, MG
Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Em São Miguel do Anta, 77,1% das terras foram herdadas pelo homem (esposo) e 22,9% herdadas pela mulher (esposa). Os idosos viviam em propriedades de 5,19 hectares, em média, sendo o mínimo de 0 hectare e o máximo de 50 hectares. Assim como em Piranga, a maioria da casa dos idosos eram próprias: 90,7% (Tabela 15). A média de anos morando na casa foi de 33,72 anos, com mínimo de 15 e máximo de 60 anos, essas últimas também são casa antigas, mas não com características marcantes da época colonial como as que os idosos pirangueses possuíam.

Tabela 15: Situação do imóvel dos entrevistados na cidade de Piranga e São Miguel do Anta, MG.

MUNICÍPIO	SITUAÇÃO DO IMÓVEL	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
Piranga	Casa própria	57	90,5
	Dos filhos	2	3,2
	De herdeiros (incluído o entrevistado)	1	1,6
	Do irmão	2	3,2
	Pertence ao Vizinho	1	1,6
	TOTAL	63	100,0
São Miguel do Anta	Casa própria	49	90,7
	Dos filhos	4	7,4
	Subrinho	1	1,9
	TOTAL	54	100,0

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Em Piranga, 68,3% das casas “de primeiro” tinham paredes barreadas (pau-a-pique), sendo as mesmas substituídas por casas de tijolos, em 71,7% dos casos. Em São

Miguel do Anta, 42,60% das casas eram barreadas “de primeiro” e “hoje” 75,5% são de tijolos (Tabela 16).

Tabela 16 - Estrutura da parede na casa dos idosos “de primeiro” e “hoje” em Piranga e São Miguel do Anta, MG.

MUNICÍPIO	PAREDE	FREQUÊNCIA		PORCENTAGEM (%)	
		DE PRIMEIRO	HOJE	DE PRIMEIRO	HOJE
Piranga	Barreada	43	1	68,3	1,7
	Tijolo	19	43	30,2	71,7
	Blocos de concreto	-	10	-	16,7
	Madeira	-	1	-	1,7
	Lajota	-	1	-	1,7
	Tijolo e bloco	-	3	-	5,0
	Barreada e Tijolo	1	1	1,6	1,7
	TOTAL	63	60	100,0	100,0
São Miguel do Anta	Barreada	23	-	42,6	-
	Tijolo	29	40	53,7	75,5
	Blocos de concreto	1	10	1,9	18,9
	Tijolo e bloco	1	3	1,9	5,7
	TOTAL	54	53	100,0	100,0

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

As casas barreadas haviam sido feitas pelos próprios entrevistados, que na época utilizavam-se da argila da propriedade ou outros tipos de terra. Era um tempo em que não se tinha condições financeiras para comprar materiais a fim de erguer as paredes de uma casa e as técnicas de construção eram artesanais. Para erguer a casa utilizava-se o que se possuía na propriedade, como se pode ver na fala do entrevistado a seguir.

“Usava a terra de formiga, põe ela no reboque ela não racha, o reboque não racha muito, assim né, agora quando não põe, põe com área assim, não tendo o cimento racha, não tinha cimento, vai usava assim a terra [de formigueiro] com pouco assim de área para não rachar muito.” (Aparecida 77 anos, Piranga).

De acordo com a Tabela 17, a maioria das casas (55,9%) em Piranga e 32% em São Miguel do Anta não tinham reboco “de primeiro”. Como já eram barreadas ficavam revestidas com a terra vermelha. Outros, 13,6%, pintavam artesanalmente o barreado utilizando barro branco ou colorido em Piranga e 28,3% em São Miguel do Anta “de primeiro”. O barro era retirado do “barranco”. “Hoje” as casas são pintadas com tinta, por 63,8% dos entrevistados de Piranga e 83,3% em São Miguel do Anta. Após a

Tabela, segue as Figuras de 30 à 35 ilustrando o tipo de revestimento utilizado “de primeiro” e “hoje”.

Tabela 17 - Acabamentos da parede na casa dos idosos em Piranga e São Miguel do Anta, MG.

MUNICÍPIO	ACABAMENTO DA PAREDE	FREQUÊNCIA		PORCENTAGEM (%)	
		D.P ¹	HOJE	D.P	HOJE
Piranga	Sem reboque	33	3	55,9	5,2
	Rebocada sem pintar	5	6	8,5	10,3
	Pintadas com barro branco ou colorido	8	4	13,6	6,9
	Pintada com cal	8	5	13,6	8,6
	Pintada com tinta	3	37	5,1	63,8
	Pintada com cal e tinta		3		5,2
	Sem reboque e Rebocada sem tinta	2	-	3,4	-
	TOTAL	59	58	100,0	100,0
São Miguel do Anta	Sem reboque	17	3	32,1	5,6
	Rebocada sem pintar	8	-	15,1	-
	Pintadas com barro branco ou colorido	15	-	28,3	-
	Pintada com cal	6	6	11,3	11,1
	Pintada com tinta	6	45	11,3	83,3
	Sem reboque e Pintado com o barro branco ou colorido.	1	-	1,9	-
	TOTAL	53		100,0	-

¹De primeiro

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 30: Casa com parede barreada, Piranga, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 31: Fachada da casa barreada e pintada com barro amarelo, Piranga, MG

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 32: Parede barreada e pintada com barro branco, Piranga, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 33: Fachada da casa com as paredes barreadas, Piranga, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 34: Casa com as paredes reformadas e pintadas com tinta, Piranga, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 35: Casa com as paredes pintadas com tinta, São Miguel do Anta, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

O telhado de 57,10% das casas dos idosos em Piranga era de telha de barro e 41,10% utilizavam cobertura de sapé “de primeiro”. “Hoje” 51,60% das casas são de telha colonial e 38,7% de telha de barro. Em São Miguel do Anta, 68,5% dos telhados eram de telha de barro e 29,6% de cobertura de sapé “de primeiro”. “Hoje”, 44,4% das casas são de telha de barro e 44% de telha colonial (Tabela 18).

Tabela 18: Tipo de telhado na casa dos idosos “de primeiro” e “hoje” em Piranga e São Miguel do Anta

MUNICÍPIO	TIPO DE TELHADO	FREQUÊNCIA		PORCENTAGEM (%)	
		DE PRIMEIRO	HOJE	DE PRIMEIRO	HOJE
Piranga	Sapé	26	-	41,3	-
	Telha de barro	36	24	57,1	38,7
	Telha Colonial	-	32	-	51,6
	Telha de Amianto	-	2	-	3,2
	Telha de barro e Telha colonial	-	3	-	4,8
	Lage	1	-	1,6	-
	Lage com cobertura	-	1	-	1,6

	TOTAL	63	-	100,0	100,0
São Miguel do Anta	Sapé	16	-	29,6	-
	Telha de barro	37	24	68,5	44,4
	Telha Colonial	-	24	-	44,4
	Telha de Amianto	1	-	1,9	-
	Telha de barro e Telha colonial	-	1	-	1,9
	Laje	-	2	-	3,7
	Telha de barro e Laje	-	3	-	5,6
	TOTAL	54	54	100,0	100

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Com relação ao tipo de piso, em Piranga, 59% das casas são de terra socada e 18% de assoalho de madeira “de primeiro”. “Hoje”, 46,6% das casas são de cerâmica e 14,3% de cimento grosso. Quanto aos entrevistados de São Miguel do Anta, o piso nas casas antigas era de terra socada em 54,7% dos casos e de assoalho de madeira em 17% “de primeiro”. “Hoje”, em 64,8% das casas o piso é de cerâmica e em 22,2% de cimento grosso (Tabela 19).

Tabela 19: Tipo de piso na casa dos idosos “de primeiro” e “hoje” em Piranga e São Miguel do Anta

MUNICÍPIO	PISO	FREQUÊNCIA		PORCENTAGEM (%)	
		D.P*	HOJE	D.P	HOJE
Piranga	Terra socada	36	1	59,0	1,6
	Cimento grosso	3	9	4,9	14,3
	Cimento queimado	1	7	1,6	11,1
	Assoalho de madeira	11	4	18,0	6,3
	Cerâmica	-	29	-	46,0
	Cimento queimado e Cerâmica	-	6	-	9,5
	Assoalho de madeira e Cerâmica	-	4	-	6,3
	Terra socada e Assoalho de madeira	8	-	13,1	-
	Terra socada e Cimento grosso	-	1	-	1,6
	Cimento grosso e Assoalho de madeira	2	-	3,3	-
	Cimento queimado e Assoalho de madeira	-	1	-	1,6
	Ladrilho	-	1	-	1,6
	TOTAL		61		100,0
São Miguel do Anta	Terra socada	29	-	54,7	-
	Cimento grosso	3		5,7	-
	Cimento queimado	3	12	5,7	22,2
	Assoalho de madeira	9	-	17,0	-
	Cerâmica	-	35	-	64,8
	Cimento queimado e cerâmica	-	4	-	7,4
	Assoalho de madeira e Cerâmica	-	2	-	3,7
	Terra socada e Assoalho de madeira	4	-	7,5	-
	Cimento grosso e Assoalho de madeira	3	-	5,7	-
	Cimento grosso e Cimento queimado	1	1	1,9	1,9
	Ladrilho	1	-	1,9	-
TOTAL		53		100,0	100,0

*De primeiro

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Durante as entrevistas as idosas falaram a respeito das técnicas para manutenção e cuidado do piso de terra, a fim de evitar que ele ficasse soltando poeira pela casa:

(...) no piso era passado reboque de bosta de boi. Você não conhece não, mas a gente misturava a bosta de boi com terra de formiga e a gente passava assim, mas ficava lisísim, para varrer era muito bão né, então todo sabado a gente tinha aquele trabalhim de fazer aquilo, (...) era com bosta de boi verde, se ela fosse assim de ontem, de antonte ela dava um mal cheiro, então a gente tinha que por é a nova né, a gente não tinha boi, tinha nada nesse tempo não, nois juntava no pasto dos outros uma cuia de bosta de boi (Consola, 76 anos, Piranga).

Entretanto se pensarmos nas transformações nos modos de morar, talvez, a parte da casa que tenha sofrido mudanças mais abrangentes tenha sido o banheiro. A começar pelo fato de ele nem mesmo ter feito parte da casa para muitas famílias e para tantas outras ter sido construído fora da casa. No município de Piranga, “de primeiro”, 54,1% das casas tinham a fossa negra e 42,6% não tinham um lugar apropriado para realizar as necessidades fisiológicas. “Hoje”, 100% das casas possuem o banheiro. No município de São Miguel do Anta, 70,4% das casas, “de primeiro”, não possuíam um lugar apropriado para o banheiro e 18,5% possuíam a fossa negra. “Hoje”, em 100% das casas dos entrevistados há banheiros revestidos com cerâmicas, com diferentes acessórios e repartições.

Tabela 20: Estrutura do banheiro na casa dos idosos “de primeiro” e “hoje” em Piranga e São Miguel do Anta

MUNICÍPIO	PAREDE	FREQUÊNCIA		PORCENTAGEM (%)	
		DE PRIMEIRO	HOJE	DE PRIMEIRO	HOJE
Piranga	Não tinha local apropriado	26	-	42,6	-
	Fossa negra	33	-	54,1	-
	Banheiro	2	62	3,3	100,00
	TOTAL	61	62	100,0	100,0
São Miguel do Anta	Não tinha local apropriado	38	1	70,4	1,9
	Fossa negra	10	-	18,5	-
	Banheiro	6	53	11,1	98,1
	TOTAL	54	54	100,0	100,0

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Segundo os idosos entrevistados, a estrutura do banheiro foi melhorando no decorrer dos anos. Assim, quando eram crianças e ainda no início do casamento elas não possuíam nenhum local definido para o banheiro. O banho era tomado em um dos cômodos da casa, geralmente, na dispensa ou no quarto, utilizando-se a bacia. Com o tempo, passaram a construir a fossa negra próxima à casa (Figura 36). Antes deste tempo, ainda, era costume construí-la por cima de um córrego de água com uma cavidade para realizar as necessidades fisiológicas que eram levadas pela água. O

contato com os parentes que haviam saído e vinham passar as férias trouxe a novidade do banheiro dentro da casa. Os primeiros banheiros foram feitos improvisando um dos cômodos da casa (Figura 37) e, posteriormente, foram sendo construídos banheiros com revestimento de cerâmica e passaram a utilizar chuveiro elétrico com o acesso a iluminação rural (Figuras 38 e 39). As falas dos idosos a seguir ilustram a discussão e reforçam como eram as estruturas do banheiro.

[Banheiro?], *tinha nada não minha fia, de primeiro tinha nada nessa vida, nada, era tudo no mato.* (Rosa, 74 anos, Piranga).

Nunca teve [banheiro] [risadas], tinha só o lugar de tomar banho, banheiro mesmo não. (Consuelo, 63 anos, Piranga).

Tinha banheiro não, era na banandeira, ou então tinha um [risos], uma privadinha lá no brejo assim, tampadinha com esteira assim, era cercada com a esteira e tampada assim, mas ia mesmo era na bananeira. para tomar banho era igual cavalo, era com balde (...) (Bernardo, 84 anos, São Miguel do Anta)

Banheiro não, banheiro era lá no brejo numa casinha de tijolo [risos]. (Piedade, 90 anos, Piranga).

Ah minha fia, banheiro tinha não, era um buraco, uma fossa, a primeira [casa] não tinha nem fossa, e era para o mato afora. Ah de primeiro o tempo era difícil demais. Ah minha fia, tomava banho numa bacia né, tinha uma bacia, todo mundo tinha uma bacia assim pequena, tomava banho, mas não tomava banho assim, era só agachava lá, lavava o pescoço primeiro, depois que lavava o braço e acabava de lavar, a bacia não cabia pra tomar banho, pra lava tudo minha fia. O trem não era fácil não boba, não era fácil não. (Aparecida, 77 anos, Piranga)



Figura 36: Foça negra que era utilizada pelo idoso entrevistado, São Miguel do Anta, MG.
Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 37: Banheiro improvisado no lugar de um quarto, Piranga, MG.
Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 38: Banheiro construído recentemente, São Miguel do Anta, MG.
Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 39: Banheiro reformado recentemente, São Miguel do Anta, MG.
Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

De acordo com Algranti (1997) é uma herança da época colonial não ter os sanitários dentro da casa, o que havia era urinol e os potes ou tigres que era usados para receber as necessidade fisiológicas e depois lançados nas proximidades da casa pelos escravos. Após o período colonial essa prática perdurou em diferentes regiões do Brasil. Os idosos entrevistados relataram que usavam o pinico (urinol) de louça ou plástico, que eram usados durante a noite, e, de dia, a privada ou lugares improvisados (Tabela 20).

Como podemos observar nas Figuras 30 a 39 e pelos depoimentos do idosos, a estrutura das casas sofreram alterações ao longo dos anos. Ao se recordarem da vida “de primeiro” eles destacaram a forma como se utilizavam dos materiais que possuíam na propriedade para construir as casas. Contudo, o conhecimento repassado pelos pais e vizinhos, para barrear a casa, amarrar o sapé, confeccionar as telhas de barro¹⁷, fazer o piso de terra e a fossa, era fundamental no aproveitamento dos materiais. De acordo com Candido (1964), o uso de materiais e técnicas de trabalho autóctones estruturaram

¹⁷ As telhas de barro erma utilizadas tanto para a própria casa como para comercialização na comunidade para os que não produziam.

o rancho do “caipira”, ainda na década de 60 a 70, período em que os idosos entrevistados estavam recém-casados e constituindo suas famílias.

Não obstante, a universalização do direito previdenciário para os rurais permitiu-lhes implementar o projeto de urbanização dos seus modos de morar, o que pode ser observado na troca das antigas telhas de barro por telha colonial, nas paredes de tijolos ou blocos adquiridos no mercado, na pintura das casas com tinta industrial, no uso de cerâmica para revestir o chão, na construção do banheiro dentro de casa, bem como na compra de eletrodomésticos e no uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). As idosas, principalmente, foram investindo a aposentadoria na reforma ou construção da casa, aproximando-a do estilo citadino de morar. Contudo, percebemos a “mistura” entre o velho e o novo, através da convivência do fogão à lenha e das panelas de ferro, com as panelas elétricas, da charrete com as motos e carros, enfim, o hibridismo passa a fazer parte dos modos de morar e viver no campo (MANNHEIM, 1986; CANCLINI, 1998; BURKE, 2000).

2.4 O trabalho e a produção dos idosos na propriedade

Ao longo das entrevistas realizadas na pesquisa percebemos a importância do trabalho na vida dos idosos que viviam no campo. Mesmo os idosos que já não tinham condições físicas apropriadas para realizarem o trabalho exprimiam um saudosismo ao se recordarem dos alimentos que plantavam, da época da colheita, do processo de beneficiamento, bem como dos instrumentos que dispunham para realizar estas tarefas.

Constatou-se que as atividades desenvolvidas nas propriedades, tanto “de primeiro” como “hoje” se restringiam à agricultura e a pecuária. Observou-se uma diferença significativa da realidade de Piranga e São Miguel do Anta: em Piranga, “De primeiro”, 41% dos idosos dedicavam-se a agricultura e “hoje” 22,9%; enquanto que em São Miguel do Anta, 26,9% trabalhavam na agricultura e “hoje” 25,6%. Outro valor expressivo foi com as atividades de agricultura e pecuária juntas: em Piranga, “de primeiro” era de 59% e passou para 68,6% “hoje”; já em São Miguel do Anta caiu de 73,1% “de primeiro” para 59% “hoje” (Tabela 21). Enquanto nesse último município as atividades agrícolas e agropecuárias diminuíram o seu percentual, de “de primeiro” para atualmente; em Piranga este percentual apresenta uma tendência maior na categoria Pecuária e Agricultura juntas. O fato pode ser um indicativo de maior penetração dos padrões urbanos em São Miguel do Anta do que em Piranga.

Tabela 21: Atividades realizadas “de primeiro” e “hoje” nas cidades de Piranga e São Miguel do Anta

MUNICÍPIO	ATIVIDADES	“DE PRIMEIRO”		“HOJE”	
		FREQUENCIA	(%)	FREQUENCIA	(%)
PIRANGA	Agricultura	25	41,0	8	22,9
	Pecuária	-	-	3	8,6
	Agricultura e Pecuária	36	59,0	24	68,6
	TOTAL	61	100,0	35	100,0
SÃO MIGUEL DO ANTA	Agricultura	14	26,9	10	25,6
	Pecuária	-	-	6	15,4
	Agricultura e Pecuária	38	73,1	23	59,0
	TOTAL	52	100,0	39	100,0

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Na agricultura, em Piranga, “de primeiro” era plantado em média 5,83 culturas¹⁸ diferentes, tendo sido exposto o mínimo de 3 culturas plantadas e o máximo de 8. No período da entrevista (“hoje”), a média de culturas plantadas encontrada foi de 2,79, tendo sido o mínimo de 1 e o máximo de 7. Apenas 7,9% dos idosos entrevistados não cultivavam mais nessa ocasião. Em São Miguel do Anta, a média de culturas plantadas “de primeiro” foi pouco superior a de Piranga, tendo ficado em torno de 6,19. Em termos do mínimo e do máximo de culturas plantadas houve coincidência com Piranga: 3 e 8, respectivamente. “Hoje” a média de culturas plantadas encontrada foi de 2,8, tendo sido o mínimo encontrado de 1 cultura e o máximo de 7, valores estes muito próximos aos de Piranga. Tal como neste município, um pequeno percentual de idosos aposentados não plantavam nenhum tipo de cultura: 7,4%.

Estes dados nos fazem supor que o significado da aposentadoria para os idosos que vivem no campo não está marcada pela ideia de fim do trabalho, mas de recompensa tardia pelo esforço despendido por toda a vida, o reconhecimento social que os idosos “esperavam” (SOUZA, 2003). Como não vivenciaram ao longo da vida a remuneração pelo trabalho realizado, quando passam a receber a aposentadoria, esta não vem acompanhada da remuneração, sem o trabalho, o que é mais difícil acontecer com os idosos citadinos que, em geral, depois de 30, 35 anos param de vender a sua força de trabalho, mas continuam a ser remunerados pelos anos de contribuição que fizeram. Já entre os aposentados do campo, a aposentadoria parece não se constituir em uma etapa

¹⁸ As culturas consideradas na pesquisa foram a do Milho, Feijão, Arroz, Café, Cana, Hortaliças, Legumes e Frutas.

que delimita o fim do trabalho, mas, apenas, o alcance da idade necessária para serem remunerados mensalmente (QUEIROZ, 2008).

2.4.1 “Trabalhar na roça é bão demais. Só traz fartura!”¹⁹

Durante a entrevista observamos na fala dos idosos que o trabalho e a terra tinham uma íntima relação entre si. A alegria em colher os alimentos plantados foi classificado como insubstituível. Aqueles que já não tinham condições de plantar e colher sentiam falta dessa atividade. A satisfação em receber algum dinheiro pelo que vendiam foi destacada como menos importante do que ver a fartura, a quantidade de alimentos suficiente para sustentar a família durante todo o ano.

Tem 20 anos que eu tô parado, eu adoeci, tive um princípio de derrame, tanto que ando muito pouco, ando mal. Eu já trabalhei muito, agora não dá para mim mexer mais não. Eu sinto falta de trabalhar na roça é bão demais, só traz fartura. Planta uma coisa, planta outra coisa, planta na roça a fartura vem da terra, não é mesmo? É uma beleza a pessoa trabalhar na roça e gozar na roça, vê as plantas cresce, pondo ela no limpo, colhendo muito. A pessoa tem que trabalhar na roça satisfeito, porque ele sacrifica um pouquinho porque vida nenhuma é fácil, mas quando ele pega colher que vê que ta chegando mantimento em casa pros meninos para manter aqui agradece a Deus. (Francisco, 86 anos, Piranga)

Plantava só para casa mesmo, sempre gostava de muita fartura, cê sabe que esse pessoal de Paiva, muito trabalhador [com ênfase], gosta de muita fartura. (Imaculada, 76 anos, Piranga)

Era muita fartura minha fia, mas “hoje”, tem uma vez que eles plantaram um esquadro de arroz lá pra mim, chamado tabuleiro, veio os meu neto para plantar, planto um pouquinho deu 18 sacos de arroz, mas eu tenho um sentimento, minha fia, de não poder, se eu pudesse, eu trabalhava na roça. “hoje” é tudo comprado. Essa menina compro em Piranga essa semana que acabou, um fardo de arroz 55 reais. (Piedade, 90 anos, Piranga)

A valorização do trabalho agrícola se construía com base em um modo de vida rural, ligado à importância atribuída ao autoconsumo. Esse, por sua vez, era fruto da íntima relação estabelecida entre a terra e o trabalho, que propiciava a “fartura” de alimentos para encher o paiol (CANDIDO, 1964; RAMBAUD, 1973). Assim verificou-se com os resultados da pesquisa que, entre os idosos entrevistados, o que realmente importava para eles era a colheita e por mais que hoje não dependam da roça para

¹⁹ Fala de um dos idosos entrevistados

manter as despesas da casa mostraram um gosto por já terem vivido assim e destacaram que não gostam de comprar tudo no mercado.

Para além do sentimento de orgulho em conquistar a mesa farta de alimentos, o trabalho traz, também, incorporado nele, a memória do sofrimento e da sujeição na relação mantida com os fazendeiros, em relação aos quais expressaram a falta de direito em manifestarem as suas necessidades. Com a aposentadoria, a relação com o trabalho passou a ser de descontração, uma forma de passar o tempo.

Em relação [a “de primeiro”] melhorou porque de primeiro o pessoal era muito mandado né, era muito mandado e “hoje” nois somos senhor de si. De primeiro se nois quisesse trabalhar ganha um dinheiro para sustentar famia nois tinha que atulerar muito o patrão. “hoje”, não. graças a Deus. É por isso que a aposentadoria valeu e tá valendo. De primeiro o patrão falava com nois ô, nois ficava caladinho ô, “hoje” se o patrão fala qualquer coisa com nois ele fica sozinho la ô. (Antônio, 86 anos, Piranga).

No relato supracitado observa-se que a aposentadoria rural permitiu ao idoso se empoderar e tomar as próprias decisões. A sua relação com o trabalho mudou: antes era subordinado ao patrão e agora é senhor de si. O sentimento de liberdade se incorpora a forma como realiza o seu trabalho após o recebimento da aposentadoria.

Para além da percepção da liberdade e da autonomia alcançada nas relações de trabalho com os fazendeiros, os aposentados rurais ressaltaram como expressivas as mudanças na forma de realizarem o trabalho. Nos dois municípios pesquisados 100% dos entrevistados disseram que a forma de trabalhar mudou. Em ambas as cidades pesquisadas, destacaram o escasseamento de pessoas para trabalharem na agricultura como algo significativo, conforme as falas dos idosos a seguir:

Mudou cada vez para pior porque o povo tá muito sem palavra. Parece que tá tudo folgado. No tempo do meu pai se você chamasse uns dois trabalhadores vinham uns 10 ou 15 e “hoje” você chama uns 20 não vai nenhum. (Pedro, 69 anos, Piranga)

Mudou assim, porque antigamente, sinceridade o negócio era meio (...) o cara não ganhava nada e trabalhava, né, ganhava muito pouquinho né, e o bicho trabalhava mesmo, hoje eles querem ganhar demais e não gosta de trabalhar mais, a mão de obra não acha, aqui na região não tem. (Sebastião, 66 anos, São Miguel do Anta)

Mudou demais uai, eu falo o geral, que antigamente para trabalhar na roça você pagava um companheiro com uma rapadura e hoje com R\$50,00 você não paga ninguém para trabalhar com você não, entendeu (Paulo, 62 anos, São Miguel do Anta)

Outro ponto destacado foi em termos de mudanças que se voltaram para as questões relativas ao uso de novas tecnologias como apresentado pelos idosos nas falas abaixo.

Do meu pai para mim evolui muito, porque os trem era mais difícil, mais difícil para trabalhar, já agora chegou no meu tempo já era mais fácil, já apareceu a grade para gradear terra, de primeiro, no tempo de meu pai, passava era um pau para acertar, quebrar os terrão né, é era um pau, marrava uns pau atrás dos boi e iam quebrando os terrão, depois já apareceu essa grade para vender, já apareceu um tombador de terra, já não era o arado mais já passou para tombador. (Bernardo, 84 anos, São Miguel do Anta).

E mudou demais, mudou porque? Deixa eu te explicar, antigamente o milho era todo colhido aqui ô [mostrando os braços], quebrado na mão, não usava trator para colher lá na roça, hoje não, coe o milho, não precisa de capinar, não precisa esforçar e capinar tudo, antes, Nossa Senhora, arar terra, era arado com boi, juntava aquele cisco tudo para cortar era uma dificuldade medonha, hoje não (Antônio, 65 anos, São Miguel do Anta)

[Mudou] *demais da conta. Tá diferente porque quase nem existe a pessoa que trabalha na roça mais. “hoje” pra quem trabalha na roça melhorou demais, existe muita máquina né? Já não depende muito de braço né? De primeiro, antes era a braço, a gente plantava a roça era a braço, enxada e “hoje” tem máquina ate para fazer a colheita né? Quase que a pessoa não usa enxada mais, de primeiro era braço (Francisco, 86 anos, Piranga).*

Já outros idosos se mostraram contrários a utilização de tecnologias porque:

“hoje” é assim: vai plantar um punhado de feijão vai de máquina. Eu tenho um filho casado aqui para cima, o caçula, ele planta roça, planta feijão tudo com máquina e colhe. Eu cá acho que isso é preguiça, tem que trabalhar é aqui ô [mostrou os braços] igual que eu trabalhei, [para trabalhar] meu gosto é com a mão, é capinar e planta com a enxada igual que nois viveu, agora “hoje” eles não quer mais, tudo é com máquina. (Clara, 81 anos, Piranga).

Os idosos chamaram a atenção para a utilização do adubo e do agrotóxico compondo as mudanças já que “hoje” a forma de trabalhar:

mudou muito, antigamente tinha que capinar tudo de enxada, aquela dificuldade, não tinha randap [herbicida Roundup] para jogar no mato para acabar com ele, não existia adubo há uns 30, 40 anos, hoje tem máquina, tem adubo, tem tudo enquanto é facilidade, tem muita diferença. (Benedito, 70 anos, São Miguel do Anta)

De primeiro não tinha assim um adubo para por na terra, era só se fosse um esterco, esterco assim de gado né. Agora já tem adubo, agora tem as

máquinas para poder cortar. De primeiro só tinha o arado, arado para cortar com o boi, mais difícil, né? Antes não tinha nada, aquilo era a poder de braço, difícil demais. Eu graças a Deus já trabalhei demais. (Imaculada, 66 anos, Piranga).

Naquela época não tinha adubo, só roçava la, queimava, covava, plantava e capinava. Plantava muita roça, tinha muito cafezeiro e cuidava de tudo ne (José, 80 anos, Piranga).

Estas impressões acerca das mudanças na forma de trabalhar “de primeiro” e “hoje” foram confirmadas através dos dados colhidos nas questões fechadas e mostraram os mesmos aspectos destacados agora nas falas, evidenciando a percepção das transformações como estando associadas ao uso de novas tecnologias e de insumos químicos, produtividade dos alimentos, bem como nas mudanças nas relações de trabalho (Tabela 22).

Tabela 22: Motivo de mudança nas práticas de trabalho em Piranga e São Miguel do Anta

MUNICÍPIO	MOTIVOS DA MUDANÇA NAS PRÁTICAS DE TRABALHO	F*	%
Piranga	Utilização de novas tecnologias	6	10,2
	Utilização de insumos	3	5,1
	Mudanças na mão de obra	16	27,1
	Utilização de novas tecnologias e Mudanças na mão de obra	15	25,4
	Utilização de insumos e Mudanças na mão de obra	4	6,8
	Utilização de novas tecnologias e Utilização de insumos	4	6,8
	Utilização de novas tecnologias, Utilização de insumos e Mudanças na mão de obra	3	5,1
	Mudança no rendimento dos alimentos	2	3,4
	Mudanças na mão de obra e Mudança no rendimento dos alimentos	2	3,4
	Mudança nas relações de trabalho (ajuda mutua entre vizinhos)	4	6,8
	TOTAL	59	100,0
São Miguel do Anta	Utilização de novas tecnologias	14	28,0
	Utilização de insumos	2	4,0
	Mudanças na mão de obra	4	8,0
	Utilização de novas tecnologias e Mudanças na mão de obra	7	14,0
	Utilização de insumos e Mudanças na mão de obra	2	4,0
	Utilização de novas tecnologias e Utilização de insumos	3	6,0
	Utilização de novas tecnologias, Utilização de insumos e Mudanças na mão de obra	18	36,0
	TOTAL	50	100,0

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

As mudanças em relação ao acesso à tecnologias e aos insumos químicos foram citadas pelos idosos como positivas para melhorar a produção. O mesmo aconteceu em relação às máquinas: mesmo os idosos que não tinham condições de compra-las, contaram que as alugavam a fim de trabalhar a terra para o plantio. Entretanto, também houveram entrevistados que manifestaram-se reticentes em relação ao uso de mão de

obra no trabalho agrícola, por considerarem que elas descaracterizavam o “verdadeiro trabalho”, o braçal.

Nas práticas de trabalho que os aposentados rurais desenvolviam durante a pesquisa (“hoje”) constatou-se que eles compravam insumos agrícolas, justamente, buscando a melhora da produtividade: 47,6% dos aposentados de Piranga compravam insumos e 41,3% compravam sementes. Nas falas dos idosos percebeu-se que esses dois insumos eram os mais aceitos, o primeiro dado à necessidade da terra ser adubada para a plantação e as sementes em decorrência da dificuldade de manter o costume de as guardar para serem plantadas no ano seguinte. Segundo os idosos, as sementes já não estavam produzindo em qualidade como antes, por isso eles acabavam sendo “obrigados” a adquirir as sementes híbridas. Em São Miguel do Anta observou-se que 59,3% dos aposentados compravam adubo, 51,9% adquiriam as sementes e 46,3% utilizavam agrotóxico. Assim como em Piranga, a aquisição do adubo e da semente se efetivou pelos mesmos motivos que em São Miguel do Anta. No entanto, o acesso ao agrotóxico entre os aposentados rurais sãomiguelenses apresentou menor resistência.

Tabela 23: Utilização de insumos nas cidades de Piranga e São Miguel do Anta, MG.

MUNICÍPIO	INSUMOS	SIM		NÃO		TOTAL	
		F ¹	%	F	%	F	%
Piranga	Sementes	26	41,3	37	58,7	63	100,0
	Mudas	1	1,6	62	98,4	63	100,0
	Adubo	30	47,6	33	52,4	63	100,0
	Combustível	0	0	63	100,0	63	100,0
	Agrotóxico	5	7,9	58	92,1	63	100,0
São Miguel do Anta	Sementes	28	51,9	26	48,1	54	100,0
	Mudas	1	1,9	53	98,1	54	100,0
	Adubo	32	59,3	22	40,7	54	100,0
	Combustível	6	11,1	48	88,9	54	100,0
	Agrotóxico	25	46,3	29	46,3	54	100,0

F¹: Frequência das respostas

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

A resistência ao uso de agrotóxico se manifestou de forma explícita na fala de um dos entrevistados que afirmou preferir continuar dentro de uma agricultura de autoabastecimento, a fim de não gastar dinheiro com a compra de produtos que possam ter tido contato com agrotóxico. Assim, preferia plantar o feijão, o milho, o arroz e fabricar o próprio polvilho, como mostram as Figuras 40 e 41.



Figura 40: Idosa entrevistada preparando o polvilho, Piranga, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 41: Arroz colhido pelo idoso entrevistado, Piranga, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Outros idosos também mencionaram que não comiam alimentos enlatados, afirmando que esses alimentos poderiam ter sofrido alguma forma de contaminação (como no caso de vacinação dos bovinos, durante a aplicação de remédios nesses animais), conforme relata uma das entrevistas nas falas abaixo, que também retoma a crítica aos produtos industrializados e enlatados.

Eu não compro nada enlatado menina, eu não compro nada enlatado, eu compro o óleo, só o óleo que é preciso da gente comprar que não tem jeito né, mas eu não compro nada enlatado para mim comer não. (Clara, 81 anos, Piranga).

[“De primeiro”] era comida mais comum, agora quai sique é mesma coisa eu não gosto dessas coisas comprada na rua é muito cheio de remédio, esses troços eu não gosto de usar, eu como é galinha do terreiro, carne é do terreiro, mata o porco e come. (Conceição, 62 anos, Piranga).

Na casa da minha mãe engordava capado, boi era mais difícil. “hoje” tem carne de boi a gente não compra não porque eles aplicam vacina nas criação e os homens tão matando, nois já compro carne de boi com remédio parado na carne, nois não come carne de boi aqui não, a gente compra linguiça, compra capado [porco] quando os outros mata, vou comprar uma banda esse mês que vem. (Piedade, 90 anos, Piranga).

Observou-se nas falas dos aposentados rurais piranguenses um apreço pelos costumes antigos, marcado pela tradição e pelo desejo dos mesmos em mantê-los. Já nos depoimentos dos idosos de São Miguel do Anta eles pareciam estarem mais abertos a utilizarem, não demonstrando constrangimento ao consumo de carnes, cujos animais foram vacinados ou uso de produtos que foram tratados com agrotóxico.

As práticas agrícolas e o aparato tecnológico mais característicos de um campo ruralizado também se mostraram expressivos nas unidades produtivas dos aposentados de Piranga e São Miguel, sendo que os entrevistados deste último município mostraram que nos tempos pregressos contavam com um percentual mais expressivo de máquinas manuais e de tração animal e carroça que os de Piranga. Já o engenho de cana foi mais expressivo entre os entrevistados deste último município. Quando se observa o quadro atual, percebe-se que a tendência ao melhor aparelhamento das unidades produtivas de São Miguel do Anta também se manteve, ampliando ainda mais a sua expressividade em relação a Piranga, que assistiu, ainda, ao encolhimento do engenho de cana.

Na casa de uma das idosas entrevistadas foi interessante observar que os mesmos gostavam de fazer uma linha do tempo colocando os equipamentos antigos e os outros que foram adquirindo com o tempo. Na Figura 42 pode-se comprovar essa afirmação, a família da idosa de São Miguel do Anta fez uma montagem com as fotos dos meios de transporte de trabalho e de passeio.



Figura 42: Idosa entrevistada mostrando um painel com diferentes transportes utilizados pela sua família, São Miguel do Anta, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Na Tabela 24 a seguir tem-se a descrição das máquinas e benfeitorias que os idosos possuíam “de primeiro” e “hoje”.

Tabela 24: Máquinas e equipamentos utilizados em Piranga e São Miguel do Anta

MUN.	MAQUINAS E EQUIPAMENTOS PRESENTES NA PROPRIEDADE	FREQUÊNCIA				PORCENTAGEM (%)			
		D.P		HOJE		ANT		"HOJE"	
		SIM	NÃO	SIM	NAO	SIM	NAO	SIM	NÃO
PIR	Máquina de tração animal ou manual ^a	43	20	21	42	68,3	31,7	33,3	66,7
	Máquina mecanizada ^b	4	59	17	46	6,3	93,7	27	73
	Bomba de água	6	57	25	38	9,5	90,5	39,7	60,3
	Engenho de Cana	15	48	1	62	23,8	76,2	1,6	98,4
	Carroça	7	56	2	61	11,1	88,9	3,2	96,8
	Instalações e Benfeitorias ^c	62	-	57	5	100,0	-	91,9	8,1
SMA	Máquina de tração animal ou manual	44	8	38	14	84,6	15,4	73,1	26,9
	Máquina mecanizada	8	44	32	20	15,4	84,6	61,5	38,5
	Bomba de água	5	47	35	17	9,6	90,4	67,3	32,7
	Engenho de Cana	1	51	-	52	1,9	98,1	-	100,0
	Carroça	17	35	9	43	32,7	67,3	17,3	82,7
	Instalações e Benfeitorias	52	-	49	3	100,0	-	94,2	5,8

^a: Debulhador de milho, Arado de tração animal, Capinadeira de tração animal, Grade de arar terra com tração animal, Semeadora de tração animal;

^b: Arado de tração mecânica, Grade de tração mecânica, Ensiladora Roçadeira, Derrissadeira (de colher café), Ordenhadeira, Resfriador de leite, Picadeira, Trator, Microtrator, Plantadoras de tração mecânica para o plantio direto, Carreta agrícola, Motor elétrico;

^c: Moinho de pedra, paiol, galinheiro, poço artesanal (cisterna), chiqueiro, estábulo, monjolo, aviário (granja), dínamo (usina de luz).

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Com relação às instalações e benfeitorias observou-se na pesquisa que o moinho utilizado para processar o milho não era usado somente pelo idoso, mas também pelos outros membros da comunidade tanto “de primeiro” como “hoje”. Os que não possuíam queda d’água na propriedade para mover o moinho ou não tinham condições de construí-lo usavam o do vizinho gratuitamente. Durante a entrevista em Piranga um senhor chegou à casa do idoso com um saco de milho pedindo-o para processá-lo no moinho a fim de obter o fubá, um dos principais alimentos das pessoas que vivem no campo (Figuras 43 e 44).



Figura 43: Idoso entrevistado a frente conduzindo o vizinho ao moinho para processar o milho, Piranga, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 44: Idoso entrevistado mostrando o funcionamento do moinho movido pela água, Piranga, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Segundo Candido (1964), na sociedade rural de meados do século XX os paulistas mantinham a prática de ajudar os vizinhos com o beneficiamento de produtos, assim como a prática da ajuda mútua para a realização do trabalho pautado em valores de solidariedade e não do lucro. Passaram-se vários anos da pesquisa de Candido (1964), o moinho movido a água se manteve na casa de um grupo de entrevistados e em outras propriedades foram reformados para serem movidos por energia elétrica no lugar da água, mas ainda continuamos a perceber no modo de vida dos idosos práticas de solidariedade e ajuda entre os parentes.

No que diz respeito ao trabalho dispensado ao trato dos animais²⁰ presentes na propriedade observou-se que em Piranga, “de primeiro”, 100% dos entrevistados criavam animais em casa para o autoconsumo. A média de animais foi de 2,97, tendo sido o mínimo citado de 1 animal e o máximo de 7. Já em relação a “hoje”, a criação de animais caiu ligeiramente: 92,1% dos idosos afirmaram criar animais, sendo que a média de animais criados caiu para 2,03, sendo que o mínimo de animais criados foi 0 e o máximo 7. Na cidade de São Miguel do Anta, considerando os depoimentos em relação ao tempo de “de primeiro”, 100% dos idosos criavam animais. A média era de 2,98 animais, praticamente a mesma de Piranga, com o mínimo de 1 e o máximo de 6. “Hoje” 87% afirmaram que persistem com a criação de animais, tendo a média ficado em torno 2,22, variando entre 0, o mínimo, e 6, o máximo.

Através da criação de animal os idosos obtinham a carne bovina, suína e/ou de frango (caipira), bem como os ovos caipiras, o leite da vaca (ou da cabra), peixes e mel. Em Piranga observou-se que 100% dos entrevistados autoconsumiam esses produtos “de primeiro”, tendo a média de criação dos mesmos ficado em torno de 5,83 animais, com o mínimo de 3 e o máximo de 8 animais. “Hoje” 90,5% dos entrevistados continuam a criar animais, ou seja, a porcentagem caiu um pouco em relação a “de primeiro”. A média de animais criados foi de 2,40, tendo sido o mínimo de 0 e o máximo de 5. Em São Miguel do Anta “de primeiro” 100% dos idosos também mantinham a criação de animais, estando a média de criação em torno de 3,67, sendo que o mínimo citado foi de 1 e o máximo de 4 tipos por propriedade. “Hoje”, a porcentagem daqueles que criam animais também caiu, tendo ficado em torno de 87%, ficando a média em torno de 2,57, com o mínimo de 0 e o máximo de 5.

²⁰ Os animais considerados foram: vaca, cabra, porco, galinha caipira, peixe, galinha da angola.

Como se observa nos dados da presente pesquisa, os idosos mantêm no seu modo de vida a prática rural de criação de animais, ainda que ela tenha diminuído um pouco. Outro fato associado à criação de animais domésticos e a produção animal, em geral, diz respeito ao fato, de se constituírem em uma forma de, sobretudo, as mulheres conseguirem algum dinheiro. Segundo as idosas, era com o dinheiro desta venda que elas compravam móveis, roupas, lençóis e as demais coisas que estavam precisando, conforme se percebe nas falas que se seguem.

De primeiro vinham aqui comprar galinha, vendia e comprava as coisas, roupa de cama, tudo, até roupa, parece que é milagre de Deus. Agora não tem comprador, não tem galinha, as galinhas não rendem. (Socorro, 65 anos, Piranga)

Alho eu vendia, eu tenho um armário ai que eu vendi 20 kg de alho a dois contos [por kg] e comprei esse armário por 40 contos. (Piedade, 90 anos, Piranga).

Por fim, para completar o panorama acerca das atividades relacionadas ao mundo do trabalho dos aposentados rurais, tanto “antigamente” como “hoje”, utilizou-se uma escala *likert*. A escala foi elaborada dentro de uma perspectiva valorativa, tendo sido composta por expressões avaliativas, que procuraram antagonizar os contrastes em termos do julgamento referente ao modo de trabalhar “hoje” em relação a “antigamente”. Desta forma, elaborou-se as seguintes expressões valorativas: “melhorou muito”, “melhorou pouco”, “ficou igual”, “piorou pouco” e “piorou muito”. A avaliação positiva se destacou em ambos os municípios: em Piranga 60,30% consideraram que melhorou muito e em São Miguel do Anta, um percentual ainda maior, 76,50%. Os principais fatores responsáveis pela avaliação positiva atribuída pelos aposentados foram a utilização de insumos e tecnologias. Os aposentados rurais que responderam que essas condições pioraram, destacaram o problema da mão de obra no campo (Figura 45).

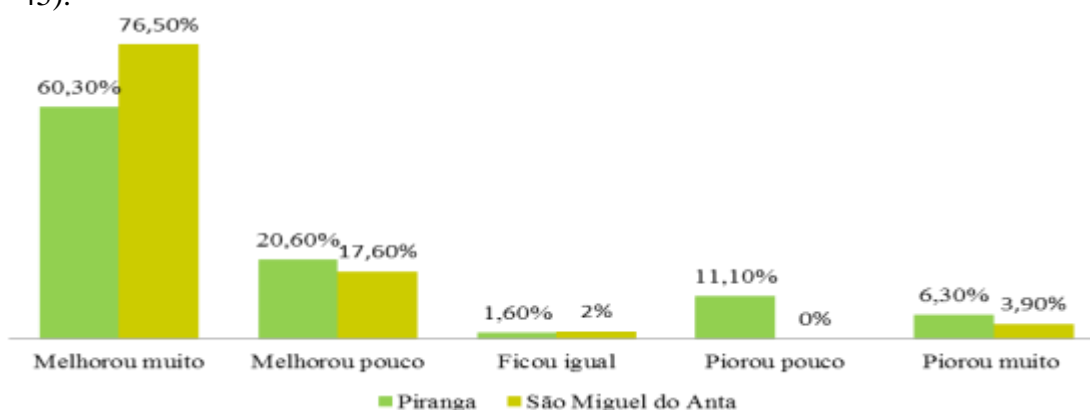


Figura 45: Relação do trabalho na agricultura do início da vida para “hoje”
Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

O grau de satisfação que expressavam com relação à intensidade do trabalho agrícola que ainda realizavam foi avaliado como satisfatório em ambos os municípios: em Piranga 51,6% dos idosos rurais consideravam-se muito satisfeitos com o que ainda produziam através do seu trabalho e, em São Miguel do Anta, um pouco mais, 64% (Figura 46). Contudo, algumas das falas revelaram um sentimento de satisfação por terem deixado de se tornar dependentes da natureza para conseguirem os alimentos necessários à subsistência. Agora, a aposentadoria tornava possível a aquisição dos mesmos, tal como acontecia com os consumidores citadinos, mas continuam produzindo por gosto e não por obrigação.

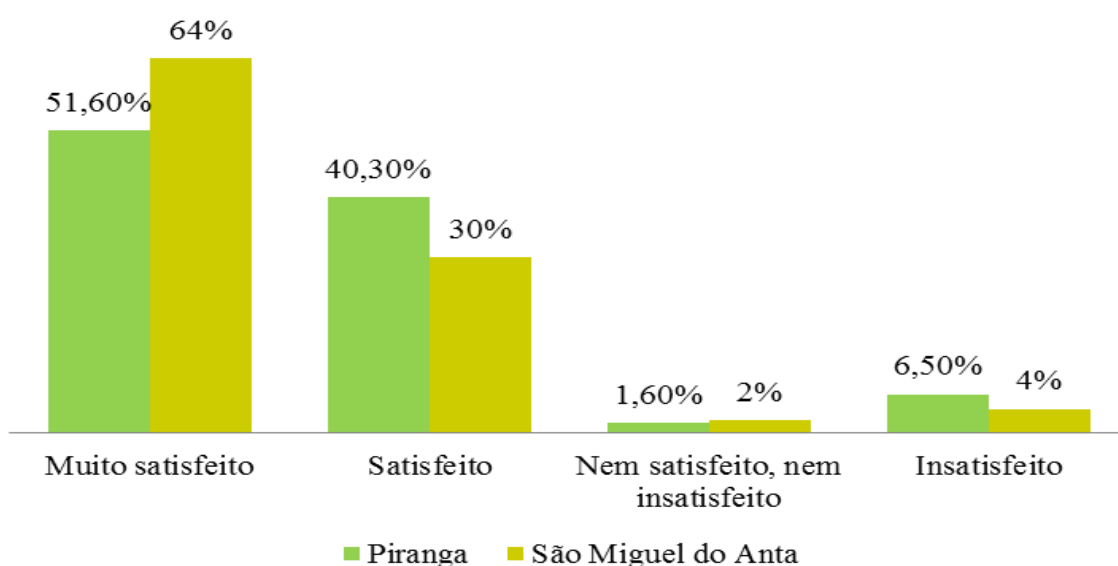


Figura 46: Grau de satisfação do idoso com relação à atividade agrícola
Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Entre os idosos que responderam estarem insatisfeitos com a intensidade com que realizam as suas atividades agrícolas, destaca-se o depoimento de um idoso que disse que “hoje” os trabalhadores rurais não têm mais necessidade, nem incentivos para produzirem como “de primeiro”, afirmando se sentir saudoso do tempo em que se incentivava o trabalho nas atividades agropecuárias. Este idoso contou à pesquisadora com satisfação sobre um prêmio que ganhou como o produtor modelo em 1984, na época foi premiado com um cheque que lhe permitiu comprar vacas de leite. Ao mostrar o diploma (Figura 47), o idoso fez questão que a pesquisadora lesse a carta enviada pelo diretor regional do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA.



Figura 47: Quadro com o Diploma de Produtor Modelo recebido pelo idoso entrevistado, São Miguel do Anta, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

2.4.2 A produção para o autoconsumo em um campo ruralizado

Se, por um lado, as atividades agrícolas de “hoje” não foram avaliadas como tão intensivas como “de primeiro”, a agricultura praticada nas unidades produtivas dos aposentados permanecia voltada para a autossustentação tal como no tempo “de primeiro”: em Piranga, 53,2% dos entrevistados destinavam os produtos agropecuários para consumo próprio, sendo esta porcentagem ainda maior “hoje”, 73%. Tal fato faz supor que o investimento na agricultura seja secundário quando comparado com aquele realizado na casa. No município de São Miguel do Anta a realidade se apresentou de forma diferente: 75% dos entrevistados disseram que, “de primeiro”, repassavam a produção agrícola excedente para o atravessador, enquanto “hoje” 49% a vendem para os vizinhos e 45,1% reservam para o autoconsumo (Tabela 25).

Tabela 25: Finalidade da produção agrícola nas cidades de Piranga e São Miguel do Anta.

MUNICÍPIO	FINALIDADE DOS PRODUTOS AGRÍCOLAS	FREQUÊNCIA		PORCENTAGEM (%)	
		D.P	HOJE	D.P	HOJE
PIRANGA	Consumo próprio	33	46	53,2	73,0
	Para intermediário (atravessador) e consumo próprio.	15	6	24,2	9,5
	Vizinhos e Consumo próprio	13	4	21,0	6,3
	Feiras livres, para o mercado da comunidade ou município e consumo próprio.	1	2	1,6	3,2

	Para o mercado da comunidade ou município e consumo próprio	-	1	-	1,6
	Não produz mais	-	4	-	5,4
	TOTAL	62	63		100,0
SÃO MIGUEL DO ANTA	Consumo próprio	9	23	17,3	45,1
	Vizinhos e Consumo próprio	4	25	7,7	49,0
	Para o intermediário – atravessador e Consumo próprio	39	-	75,0	-
	Empresa privada e Consumo próprio	-	2	-	2,0
	Não produz mais	-	1	-	3,9
	TOTAL	52	51	100,0	100,0

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Ao se observar a porcentagem que fica retida para o autoconsumo nos dois municípios, percebe-se que esta é significativamente maior em Piranga do que em São Miguel do Anta. Tal fato pode indicar que haja um maior consumo de alimentos por parte das unidades produtivas relativas aos idosos entrevistados neste município quando comparado à São Miguel do Anta. O apreço por destinar pelo menos parte da plantação para o autoconsumo está ligada à tradição dos idosos em reproduzir o modo de vida rural que herdaram dos pais e pelo gosto em manter a tradição (RAMBAUD, 1973; MANNHEIM, 1986).

Interfere na questão relativa ao autoconsumo dos alimentos o fato de “hoje” os aposentados não terem a necessidade de vender os produtos que colhem, plantando mais em função de não quererem perder o costume de consumir alimentos *in natura*, preferindo os produtos caseiros aos adquiridos no mercado, principalmente, em Piranga. O autoconsumo dos alimentos também foi associado à desvalorização monetária dos produtos locais, em virtude dos industrializados imporem preços mais competitivos no mercado e porque:

antigamente, vendia barato, era um barato, mas muito melhor que “hoje” para vender, muito melhor que “hoje”. “Hoje” a gente sai um trabalhador, põe um trabalhador na roça ai é 30 conto, 30 conto é um saco de milho. De primeiro nois ganhava uma quarta de milho, cê nem sabe o que é quarta né, uma quarta por dia, uma quarta é doze litros. (Antônio, 86 anos, Piranga).

De primeiro a gente achava quem comprava né, o milho assim, agora já não acha mais não, por aqui não. (Socorro, 65 anos, Piranga).

A partir da produção animal os idosos beneficiavam produtos como o queijo, o requeijão, a banha (gordura de porco para uso culinário), doces, manteiga, sabão (a partir do sebo retirado do porco), a rapadura, o azeite, o pó de café e o tempero caseiro. Desses produtos, 100% dos idosos de Piranga beneficiavam, “de primeiro”, pelo menos

um destes, tendo a média ficado em torno de 6,48 produtos processados, ficando o mínimo em 1 e o máximo em 8. “Hoje” 95,2% dos aposentados rurais seguem beneficiando uma média de 2,79 produtos, sendo que o mínimo ficou em 0 e o máximo em 7.

“De primeiro”, no município de São Miguel do Anta 100% dos entrevistados, assim como em Piranga, beneficiavam produtos, tendo a média ficado em torno de 6,19 produtos, sendo que o mínimo de produtos beneficiados foi 3 e o máximo 8. “Hoje” 87% dos aposentados continuam beneficiando algum produto, percentual um pouco inferior ao de Piranga, tendo ficado a média em torno de 2,80 produtos, variando entre o mínimo de 0 e o máximo de 7. Durante a entrevista observou-se a forma como estes produtos, realmente, ainda, faziam parte da vida dos idosos (Figura 48 e 49). Os mesmos diziam preferir fabricá-los manualmente para os ter para o autoconsumo.



Figura 48: Engenho de Cana preparado para a fabricação de rapadura, Piranga, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 49: Idoso entrevistado moendo a cana para a fabricação de rapadura, Piranga, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

O casal de idoso entrevistado disse que tinha condições de comprar açúcar, mas que preferiam fazer a rapadura para “matar” a saudade do sabor desse produto no café e nos doces. Ouviu-se a manifestação de saudade da rapadura por parte de outros idosos entrevistados. Os idosos frisavam que a rapadura era melhor para a saúde, pois não levava nenhum aditivo químico como o açúcar. Verificou-se, assim, como já discutido, o apreço pelos hábitos tradicionais, mais especificamente aos sabores “de primeiro”. Segundo os idosos entrevistados, o beneficiamento do café também mudou “de primeiro” para “hoje”: antes o café era torrado em um tacho no fogão a lenha, depois de frio era socado no pilão de madeira e coado em uma peneira fina para obter o pó bem fininho. “Hoje” os idosos disseram que o levavam para moer na cidade, na casa de um vizinho (em Piranga) ou em uma venda na comunidade (no caso de São Miguel do

Anta). Estes lugares possuíam uma máquina de limpar e torrar o café na hora. Os idosos levavam certa quantidade de café, pagavam um valor e recebiam o pó de café.

No entanto, embora este processo tenha sido considerado como mais prático, ele não era visto pelos rurais como tão eficiente em termos de qualidade. A tradição de fabricar o próprio sabão foi outra prática apontada por alguns dos aposentados como ainda fazendo parte das suas vidas. “De primeiro” praticamente todos faziam sabão em casa, sem acrescentar ingredientes industrializados como a soda, que se utiliza atualmente (Figura 50). Antes era com a cinza, que passava por um processo denominado barreleiro a fim de “cortar” a gordura para produzir o sabão preto, como o chamavam. Este sabão era usado para tomar banho, tendo sido destacado nas entrevistas que ele fazia bem para a saúde, mostrando o saber tradicional. Quanto ao período de “hoje” os idosos disseram que continuam fabricando o sabão, mas de forma diferente: utilizam a soda industrial e outros ingredientes (Figura 51). Contudo, outros disseram que preferiam comprar. Mas ainda encontrou-se idosas que permaneciam fazendo o sabão preto utilizando a cinza.

Aquela borra da mamona fazia sabão com ela, sabão preto [risos], cê alembra né aquele sabão preto né, e é o sabão melhor para saúde, cê sabe, do que esses de “hoje”. (Antônio, 86 anos, Piranga).

Sabão fazia muito, um sabão preto, minha fia, Nossa Senhora, para gente lavar roupa era uma dificuldade, era só Deus é que sabia, foi vivendo assim mesmo, mas agora “hoje” em dia eu já faço, mas é um sabão mais rápido, não vai nem no fogo, antes ia no fogo e ficava o dia inteirinho cozinhando. (Dorinha, 70 anos).



Figura 50: Sabão preto produzido por uma idosa entrevistada, Piranga, MG.
Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 51: Sabão de soda produzido por uma idosa entrevistada, São Miguel do Anta, MG.
Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Os idosos citaram, ainda, o exemplo do azeite, que era fabricado manualmente a partir do processamento da mamona. Esse produto também compunha os ingredientes do sabão e, segundo eles, apresentava uma propriedade medicinal. As parteiras que curavam o umbigo das crianças com o auxílio dele, o utilizavam, também, como remédio. Segundo os aposentados entrevistados, naquela época eles não tinham acesso a remédios e utilizavam técnicas medicinais para tratar de doenças e feridas. Durante uma entrevista uma idosa disse que ganhava dinheiro vendendo azeite, que “de primeiro” ele era valorizado:

eu vendia [azeite] a dois mil reis a garrafa. Eu tirava o azeite punha sabão para cozinhar, vendia sabão para todo mundo. Uma vez eu levei no Pinheiro [distrito próximo que pertence a Piranga] para um negociante, ganhei dois afilhado, que eu ganhava muito afilhado. Enchi de azeite a garupa do menino [se referindo ao afilhado] e sai. Sabão, vendi para o negociante, um tal de Zé Feliciano, dos Machado. Deu para comprar a roupa do afilhado e um calçadinho para mim e um vestidinho ainda.(...) [Para fazer o azeite] secava a mamona, ne, fazia o azeite, tirava o azeite, porque de primeiro valia muito, cura umbigo, para da para a gripe também no chá, primeiro curava as doenças mais é com azeite, uai não existia remédio aquela época. Piedade, 90 anos, Piranga).

2.5 A alimentação, o vestuário, a fabricação de móveis, de objetos e de utensílios como expressão de um modo de vida rural no campo

A vida no campo, “de primeiro”, era, sem dúvida, marcada por um modo de vida rural. A lógica da autosustentação, como visto no tópico anterior, bem como as práticas voltadas para a produção dos próprios artefatos, em nível local, permitem aprofundar a caracterização em torno de um modo de vida “inequivocamente” rural, o qual era experienciado pelos idosos entrevistados na vida no campo.

2.5.1 A alimentação

Alimentos para assegurar o autoconsumo, cultivados e colhidos pela própria família, constituem uma prática típica “de primeiro”. Contudo, a mesma tornou-se minoritária entre os aposentados rurais entrevistados em Piranga: apenas 9,5% permaneciam com este modelo voltado somente para a autosustentabilidade, o restante passou a adquirir parte significativa dos alimentos que consumiam nos mercados e/ou os compravam dos vizinhos ou de outro membro da comunidade. Em São Miguel do Anta “de primeiro” 100% dos idosos também plantavam os alimentos para consumo da

família. Ao contrário, “hoje”, 100% dos idosos têm que comprar grande parte dos alimentos para a demanda familiar. Os aposentados também ressaltaram as dificuldades que passavam por nem sempre terem o necessário para comerem.

Ah meu pai do céu, minha fia, de primeiro era almoço e janta, na casa de meu pai tinha mais fartura muncadinho que eles eram mais gente para trabalhar: fazia um feijão, um mingau de couve, um arroz, matava um porco, fazia um torresmo, mas depois que nois caso, depois que mudo para cá e não tinha recurso, minha fia era feijão, feijão não tinha não, era mingau de couve, mingau de inhame, mingau de banana, já ouviu fala, mingau de banana minha fia cozinhava a banana amassava fazia aquele mingau de banana, no mais era verdura que tivesse na horta, carne não tinha porque não tinha porque não tinha jeito de comprar. (Aparecida, 77 anos, Piranga).

As comidas antigamente era feijão, angu, mingau de couve, mingau de mandioca, mingau de inhame ou uma canjiquinha refogadinha, era aquilo ali, a gente não tinha essa coisa de ir lá na mercearia cê comprar aquela tranquerada lá não menina, o povo antigamente era muito sadio, não ouvia falar nessas doenças que a gente vê hoje. (Mirian, 59 anos, São Miguel do Anta)

Meu tempo quando era pequena, pra trás as pessoas nem comia, nem sabia o que era comer arroz, nem macarrão, era comer canjiquinha, mingau de couve, carne era uma vez por acaso, que eu tenho lembrança pra trás. (Consuelo, 63 anos, Piranga)

A forma de comer “de primeiro” foi ainda lembrada pelo fato de que se comia em horários diferentes dos atuais: às 9 horas da manhã era o almoço, ao meio dia a hora da merenda, às 15hs o jantar e a última refeição era realizada em casa. Alimentavam-se dessa forma porque saíam cedo de casa para a lida na agricultura, comendo em lugares distantes e só retornando ao pôr do sol. Após a mulher fazer as refeições os filhos mais novos eram encarregados de levar o almoço, a merenda e a janta, colocadas na gamela (Figura 52) e transportada em cima da cabeça. Dentro dela cabia vários coités (Figura 53), em que se levava diferentes qualidades de comida. Aqueles agricultores que possuíam melhores condições de vida conseguiam comprar pratos e marmitas para levar os alimentos, mas, grande parte, dos entrevistados utilizavam mesmo a gamela e os coités, conforme ilustrado nas Figuras abaixo e na fala de um dos idosos entrevistados.



Figura 52: Gamela utilizada para levar as refeições para os trabalhadores.

Fonte: Pesquisa pessoal ao acervo do Museu de Artes e Ofícios em Belo Horizonte, MG, 2013.



Figura 53: Coité utilizado para transportar alimentos dentro da gamela, São Miguel do Anta, MG.

Fonte: Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

(...) [“de primeiro”] levava [comida] na gamela, cumbuca de coite, ali mesmo tem um pe de coite, na virada ali o, abria aquelas cumbuca punha mingau de couve, punha feijão, torremo ia numa cuia [risos]. (José, 80 anos, Piranga)

Chegava na casa do meu pai com pescoço doendo de carregar aquelas gamelas daquele tamanho onde mamãe colocava o angu no fundo da gamela e ali punha as latas, aquelas latas de gordura de coco que comprava, ia feijão, mingau de couve e punha lá no meio do angu e levava. (Consolação, 75 anos, Piranga)

Com o tempo as famílias passaram a usar marmitas, que foram tomando o lugar da gamela e dos coités (Figura 54).



Figura 54: Idosa entrevistada preparando as marmitas para trabalhadores, Piranga. MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

A época da gamela e do coité foi marcada pelo viver a partir do que a natureza ofertava. Não se fazia uso do dinheiro. Nesta época o tempo não era medido no relógio, aliás, eles nem tinham relógio. O tempo era marcado pelo ritmo da natureza:

relógio era o galo, se cantasse fora de hora tinha que levantar né. (Edite, 70 anos, São Miguel do Anta).

Tinha dia que eu saia cedo, trabalhava na roça aqui pra trás e saia com escuro, costumava passar no trio, mas ô, so usava luz de querosene, não tinha um rádio, tinha nada, saia de noite, não tinha relógio (João Paulo, 73 anos, São Miguel do Anta).

Segundo Rambaud (1973), o hábito de “marcar o tempo” se constituiria em um indicador de urbanização das sociedades rurais. A monetarização das relações sociais expressaria uma das facetas da urbanização. O modo de vida urbano se imprimiria através de relações de trabalho cronometradas pelo relógio, pela busca da precisão técnica nas práticas agrícolas relativas ao plantio, a aceleração do ciclo agrícola, bem como, também, no controle do próprio ciclo biológico dos animais. As práticas alimentares “de primeiro” eram baseadas no que se colhia em casa a partir do plantio e da criação de animais para o autoconsumo, que caracterizavam o modo de vida rural e que foram sendo substituídas no decorrer do tempo (CANDIDO 1964, RAMBAUD, 1973). Com o passar dos anos foi chegando até a casa dos idosos diferentes padrões alimentares, tornados possíveis pelo recebimento da aposentadoria rural. Esta permitia a aquisição de produtos industrializados, por exemplo, já não compensava mais plantar arroz, pois agora eles podiam comprá-lo já processado. O mesmo aconteceu com a carne.

2.5.2 Confeção e aquisição das roupas

A prática encontrada no consumo de alimentos já pré-processados que desestimulou o plantio de muitos alimentos, como o arroz, também, se manifestou na confeção das roupas. Comprar roupa pronta passou a ser muito mais racional, em função do preço e do trabalho poupado. A confeção de roupa dos idosos entrevistados quando eram crianças e ainda no início da vida de casados era de fabricação própria, não tendo os mesmos o costume de comprar roupas. Eles adquiriam o tecido e a mulher as confeccionava. Muitos frisaram, ainda, que, nos tempos difíceis de outrora, chegaram até a fazer roupas com sacos de pano que vinham com os alimentos dos armazéns. Esses

eram reaproveitados para fazer as roupas e, muitas vezes, tingidos a fim de que se disfarçasse a qualidade do pano, como o entrevistado disse:

Minha mãe usava fazer roupa com esses sacos de açúcar, desmanchava eles e fazia camisa para vestir e tava usando, hoje não existe mais. Usava remendar demais, as vezes tinha pessoa, os homens, que olha pra ele assim não sabia que pano que era feito a calça [risos]. (Benedito, 70 anos, São Miguel do Anta)

A prática do remendo das roupas era também comum “de primeiro”. Durante a entrevista uma das idosas ressaltou que fabricava o próprio fio a partir do algodão para remendar as roupas. Quando compravam calçados eram adolescentes, como parte dos entrevistados exemplificaram. As falas dos idosos a seguir exemplificam bem como as roupas eram confeccionadas e as dificuldades encontradas.

Antigamente nem pano bão vinha pra nós não, cê não lembra? Cê não lembra não, ce é nova. Mas “antigamente” as coisas que vinham pra roça agora é que ta mudando, né? Ninguém vestia diferentes do outro não, era pano de carne seca, panim de chita e aqueles trem. Agora que ta e vem as coisas para todo mundo, nas lojas tem as coisas boa.(Socorro, 65 anos, Piranga)

“Hoje”, aquelas roupas que usava de primeiro nem usa mais [risos]. Cê sabe como é que nois passava? De primeiro, quando vinha um tropeiro ai ô ia leva puxa mantimento para Mariana, Ouro Preto nois encomendava saco, as moças igual a você fazia aquele vestido de saco ainda, tudo de saco e bonito, mas ficava bonito, não usava calçado não, eu cá usei calçado só quando eu casei.(Antônio, 86 anos, Piranga).

Ô doido, roupa antigamente, quando eu fui vestir uma calça cumprida mesmo eu já estava rapaizão, vestia roupa de saco, a mãe da gente fazia aquelas calças, sapato era difícil também, aquelas pacata roda, tinha uns chileno, vinha aqueles trem, depois de rapaz mesmo, que custou para a gente por um sapato, era tudo feito em casa, usava remendo, antigamente. (Expedito, 66 anos, São Miguel do Anta)

Tudo tinha que comprar e fazer, qualquer uma peça de roupa você tinha que fazer, paga costureira para fazer. Eu tinha máquina. Eu costurei para a minha família. Eu fazia terninho para os meninos, fazia camisa para os homem, roupa assim mais simples eu fazia tudo. (Clara, 81 anos, Piranga).

Era, pois, um tempo de se viver com o pouco que aparecia. Um tempo em que o saco dos alimentos virava roupa, que o remendo era feito a partir do fio do algodão

plantado no quintal. Um tempo em que as mulheres costuravam as próprias roupas nas máquinas de costuras tocadas a mão ou a pedal. Um tempo em que quase ninguém possuía calçado, tendo-se o costume de andar descalço. Assim, o tempo de “hoje” é caracterizado pelos idosos como “mais fácil”: pode-se comprar as roupas, não precisando as confeccionar. O modo de vida rural caracterizado pela produção doméstica deu lugar às marcas que originaram do modo de vida urbano, a partir da influência que a cidade passa a exercer sobre o campo (RAMBAUD, 1973).

2.5.3 A fabricação dos móveis, utensílios e objetos: um modo rural de se morar

Os móveis que os idosos utilizavam “de primeiro” eram praticamente de fabricação própria ou comprado de um membro da comunidade apelidado de carapina²¹. Tal como os móveis, outros objetos domésticos como o colchão (Figura 55) e o travesseiro eram produzidos artesanalmente, sendo preenchidos com um tipo de capim chamado “mumbeca” ou com palha de milho. O travesseiro também era preenchido com um tipo de chá seco, como a marcela ou de paina. Mas nem todos possuíam cama. Muitos dormiam em uma esteira que era feita da fibra da banana e de taboa (Figura 56). A esteira podia, também, substituir o colchão. Na casa de uma das idosas entrevistadas em Piranga não tinha colchão, havia só a cama com a esteira.



Figura 55: Colchão de Capim Mumbeca, Piranga, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 56: Estela da Palha da Bananeira, Piranga, MG

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

²¹ Segundo os idosos entrevistados o carapina era o indivíduo que tinha o ofício de fabricar móveis, mas não era profissional, aprendia por si mesmo ou com os pais e confeccionava os móveis, no entanto não tinham o acabamento de um carpinteiro tratado como profissional para confeccionar os móveis.

Aqueles que não sabiam fabricar a cama ou não tinham condições de pagar quem fizesse, utilizavam estacas de madeiras fincadas no chão de terra, com uma tarimba de bambu onde colocavam a esteira. As falas a seguir ilustram estas situações.

Nunca comprei cama não. Cama quem fazia era meu marido que fazia aqui. (Lurdinha, 71 anos, Piranga).

Moveis? Ah minha fia era feito assim: era fincado. Tinha alguns que tinham caixa porque era de tabua, no mais no lugar que tinha assim o lugar fincava o pau la e fazia a cama com bambu. Quando eu morava naquela casinha ai eu tinha as camas tudo fincadas tudo de bambu, forrava de bambu e depois punha o colchão por cima. (Imaculada, 76 anos, Piranga).

[Os movéis] era muito difícil, arrumava era aqueles cavaletes né, de primeiro era esteira, não usava muita cama não, não tinha condição de comprar [cama]. Tinha caixa [para guardar roupa], ia mutuando aquilo, no lugar que punha punha no saco. Colchão quando tinha era de palha [risos]. (João Paulo, 73 anos, São Miguel do Anta)

[As camas] mandava fazer por aqui. Era bem feita. De primeiro eram diferentes das de cá, tinha aquelas esteiras de banana que colocava embaixo do colchão que comprava o pano e colocava capim mumbec. De primeiro era assim que era. De primeiro nem guarda-roupa não usava, o pessoal não tinha, nem guarda roupa tinha. Tinha era canastra para guardar. Canastra era feita de couro de boi espécie de uma caixa e couro de boi por fora. Depois que fez a casa aqui foi comprado os móveis tudo novo. (Consuelo, 63 anos, Piranga)

A forma de confeccionar os colchões também foi citado pelos idosos. Segundo eles:

os colchões eram enchidos com palha, capim, a cama era ruim minha filha, fazia esteira também, tinha guarda roupa não, era um balaio, tinha uma mala ou que não coubesse deixava dobrado em cima da mesa. (Agostinho, 86 anos, São Miguel do Anta)

Os móveis minha fia era banco, cama simples, colchão era de palha, de capim, os travesseiros eram de marcela, (na cozinha) tinha as prateleiras né, (as colheres) ficavam no garfeiro, tinha o garfeiro quando não era feito de pano era de tabua. (Conceição, 62 anos, Piranga)

No decorrer dos anos e, principalmente, após a aposentadoria rural, os móveis antigos que segundo grande parte dos idosos eram confeccionados de forma artesanal começaram a ser trocados pelos novos, os quais já não eram mais fabricados nem pelo carapina, nem pelo carpinteiro, mas sim pelas indústrias moveleiras. Segundo uma idosa entrevistada de Piranga não era necessário nem sair de casa para adquirir novos móveis, sempre passava uma revendedora da cidade de Viçosa com um catálogo com diferentes

modelos de móveis e eletrodomésticos. O cliente escolhia o produto e os vendedores retornavam para realizar a entrega.

Já as roupas, em alguns casos, eram guardadas no guarda-roupa comprado do carapina ou herdado da família, mas na maioria dos casos era guardada em uma caixa, saco ou em varas espalhados pela casa. Nas entrevistas realizadas em ambas as cidades encontramos idosos que permaneciam guardando as roupas destas diferentes formas (Figuras 57, 58, 59 e 60).



Figura 57: Guarda-roupa antigo, São Miguel do Anta, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 58: Caixa de guardar roupas, Piranga, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 59: Caixa de guardar roupas, Piranga, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 60: Vara para guardar as roupas, Piranga, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Assim como os móveis, os utensílios domésticos eram fabricados manualmente. As gamelas eram talhadas da madeira para colocar a comida. As colheres de mexer os alimentos eram de madeira fabricada em casa (Figura 61). Para coar o café utilizava-se

um mancebo de madeira(suporte para o coador) (Figura 62). Quem não tinha condições de comprar pratos utilizava o coité (parecido com uma cuia). As panelas eram de pedra ou de ferro, quase não se utilizava as de alumínio (Figuras 63 e 64).



Figura 61: Pá de mexer angu de fabricação própria, Piranga, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 62: Mancebo que dá suporte ao coador de café, Piranga, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 63: Panela de ferro, São Miguel do Anta, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 64: Panela de pedra, Piranga, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

O fogão à lenha que, “de primeiro” era de tijolo ou revestido com barro branco ou colorido passou, com o tempo, a ser revestido com cerâmica (Figuras 65 e 66).



Figura 65: Fogão a lenha barreado e pintado com barro colorido, Piranga, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 66: Fogão a lenha revestido de cerâmica, Piranga, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Para bater o feijão utilizava-se um macete ou um roetador feito de lata que tinha o mesmo formato da navalha do liquidificador. Quem não tinha condições de comprar copos usava as latinhas de massa de tomate ou de outros alimentos e colocava uma alça, transformando-as em canecas. Segundo os idosos isto era muito comum entre eles, sendo que havia até uma pessoa na comunidade do Distrito de Pinheiros Antos em Piranga que trabalhava com o ofício de colocar as alças.

Para guardar os alimentos, os idosos aproveitavam latas grandes doadas pelos conhecidos. Em uma das casas dos idosos entrevistados encontrou-se uma prateleira dessas latas, tal como era comumente utilizados “de primeiro” (Figura 67). Quanto aos utensílios utilizados para iluminar a casa, utilizava-se a candeia, a lamparina, o lampião (Figura 68) e, mais recentemente, a vela. Era raro alguma família ter luz elétrica em casa. Para tomar banho os idosos relataram que utilizavam a bacia somente, mais recentemente é que adquiriram o chuveiro de balde e depois o chuveiro elétrico.



Figura 67: Latas para guardar alimentos, São Miguel do Anta, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 68: Lâmpião, São Miguel do Anta, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Muitos destes utensílios domésticos ainda estavam presentes nas casas visitadas durante as entrevistas realizadas. Dos 19 utensílios artesanais listados²² durante a entrevista foram relacionados, em Piranga, como existindo na casa “de primero”, uma média de 14,85 utensílios, tendo sido o mínimo citado de 3 e o máximo de 19. Quando se considera o período atual, a média de utensílios citados como existindo na casa caiu para 5,02, tendo sido o mínimo encontrado de 0 utensílio e o máximo de 9. No município de São Miguel do Anta a média de utensílios citados como havendo na casa “de primeiro” foi de 15,17; tendo sido o mínimo de 1 e o máximo de 18. A média atual caiu para 3,59, um pouco menor que em Piranga, tendo sido o mínimo de 0 e o máximo de 12.

Durante a entrevista verificou-se a presença desses utensílios antigos na casa dos idosos entrevistados: “chuveiro de balde” ao lado do elétrico (Figura 69) para situações de emergência, em caso de faltar energia ou mesmo para não gastar energia; “gamela”, “macete de feijão” (Figura 70), etc. Alguns desses objetos foram sendo modificados e continuam sendo usados, como o mancebo que antes era de madeira e agora é feito de alumínio, entre outras alterações. Outros objetos antigos foram encontrados na pesquisa e estão apresentados nas Figuras 71, 72, 73, 74, 75 e 76.



Figura 69: Chuveiro de Balde ao lado do elétrico, São Miguel do Anta, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 70: Macete de amassar feijão na gamela, Piranga, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

²² Pilão; Macebo; Ralo de doce feito com lata furada; Panela de ferro; Panela de pedra; Cuia; Coite; Roletador de feijão feito com lata “amassada”; Copos feitos com latas reaproveitadas com “alça” de lata amassada; Colher de pau de fabricação própria; Lata de óleo usada para guardar gordura (banha); Bacia de esmaltado; Candeeiro; Lamparina; Lampião; Chuveiro baiano; Peneira de taquara; Moinho de moer café e Máquina de moer carne.



Figura 71: Pilão, Piranga, MG.
Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 72: Ferro de passar roupa esquentado com brasa, São Miguel do Anta, MG.
Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 73: Peneira de Taquara, Piranga, MG.
Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 74: Bacia de tomar banho “de primeiro”, Piranga, MG.
Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 75: Moedor de café torrado, São Miguel do Anta, MG.
Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 76: Ralador, Piranga, MG
Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

O uso de parte destes utensílios nos dias atuais pode estar relacionado à manutenção dos costumes de outrora. Uma idosa ressaltou que alguns dos utensílios mais antigos que ela tem são guardados para serem usados no período do Jubileu de Bacalhau, uma festa religiosa que dura 15 dias e acontece no Distrito de Santo Antônio do Pirapetinga, com a ida das famílias das diferentes comunidades rurais de Piranga para “rancha” durante o período do Jubiléu. O “rancha” significa passar uma temporada em casinhas que ficam ao redor do Santuário (Figura 77 e 78). Cada casinha (Figura 79 e 80) tem apenas dois cômodos, não tendo local para tomar banho. O sanitário fica em um local à parte. O “rancha” faz reviver o estilo de vida no qual viviam “antigamente”, como tomar banho de bacia ou com chuveiro de balde, cozinhar somente no fogão à lenha, guardar a carne na gordura de porco, encher as latas de 18 litros com quitandas (rosquinhas, broas e biscoito de polvilho), etc.



Figura 77: Santuário à esquerda e a direita as casa com os cômodos para “ranchar”, Piranga, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 78: Casas para “ranchar” a esquerda do Santuário, Piranga, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 79: Divisão dos cômodos que os idosos “ranchavam”, Piranga, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 80: Estrutura dos cômodos que os idosos “ranchavam”, Piranga, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

O Jubileu se constitui em um período de suspensão da vida cotidiana. É um momento de reunião da parentada, cumpadres, comadres e amigos. É um momento de festa, comida farta e encontro. Um momento cíclico, que se repete ano a ano, mantendo latente um universo cultural dos tempos de outrora. Guardados nas casas “pra ranha” estão muito mais que a casa antiga, os móveis e os utensílios. O Jubileu permite-lhes reviver e manter em um universo paralelo, ano a ano, as tradições que dão sentido à suas vidas em um mundo que se moderniza velozmente. É com base neste hibridismo cultural que a tradição e a modernidade convivem, lado a lado. (RAMBAUD; 1973; MANNHEIM; 1986; CANCLINI, 1998; BURKE, 2000).

A festa do Jubileu revive a alegria dos bailes na casa dos vizinhos, as novenas, as celebrações, a festa do santo padroeiro e a “bandeira de roça”. Esta última era uma festa realizada na casa onde os trabalhadores estavam terminando uma tarefa, como retribuição aos donos da casa. Estes faziam uma confraternização para os que trabalharam na capina da roça.

No dia que terminava de capinar a roça, né, a fazia festa, matava frango, galinha, fazia aquela comeria, bebiam cachaça, [risos] (Margarida, 75 anos, Piranga).

Tinha a bandeira [de roça], tinha cachaça, o pessoal ficava doido, cantava, dançava, “antigamente” dançava demais, matava três, quatro galo, e o povo comia. Ah vai caba roça “hoje”, ah vou lá da uma mão, tinha gente que chegava lá até mais tarde chegava lá ainda, só para participar da bandeira, e aí a cantarola cantava o dia inteiro. (Geraldo, 79 anos, Piranga).

Tinha a bandeira de roça uai, ah bandeira de roça eles arrancavam um pé de milho e punha na cacunda e saia aquela turma tudo cantando, chegava lá [na casa do dono da propriedade]era um jantarao, rancava o pé de milho e colocava na cacunda assim e saia os trabalhadores tudo cantando. (Inácio, 82 anos, Piranga).

Em São Miguel do Anta, a “bandeira de roça”, segundo relatos durante a pesquisa, era a “cabada do café” que continua a ser organizada após o período de colheita do café. Os donos das lavouras promove uma festa nesse período para confraternizar com os “apanhadores” de café e toda a sua família.

Mas o tempo da alegria não se restringe às festas. Havia outras atividades lúdicas que agregavam a vida em coletividade, conforme descrito por um dos idosos na fala a seguir, entre outras atividades citadas pelos entrevistados (Tabela 26)

Tem coisa que a memória guarda, desde 8 anos nos mexia com festa, não tinha dificuldade, aquela vida saudável, trabalhava dia e noite, não tinha dificuldade, com a idade é que a dificuldade veio. “antigamente” as divisões também eram as festas nas casas dos vizinhos, os forros, eu era sanfoneiro, nas festas de casamento, o primeiro a ser chamado era o sanfoneiro, começava as 7 da noite terminava as 7 da manhã. Eu tenho saudade daquele tempo, ta tudo gravado aqui. Alegria nossa era isso aí, a gente vive é a ilusão (Geraldo, 77 anos, São Miguel do Anta).

Tabela 26: Tipo de atividades lúdicas de “de primeiro” em Piranga e São Miguel do Anta, MG.

MUNICÍPIO	ATIVIDADES LÚDICAS	F	PORCENTAGEM (%)
Piranga	Baile na casa dos vizinhos	13	22,0
	Novenas e celebração do padroeiro da comunidade	13	22,0
	Baile na casa dos vizinhos e Novenas e celebração do padroeiro da comunidade	24	40,7
	Jogos de futebol e campeonatos, bailes e rezas.	8	13,6
	Jogo de Baralho	1	1,7
	TOTAL	59	100,0
São Miguel do Anta	Baile na casa dos vizinhos	2	4,2
	Novenas e celebração do padroeiro da comunidade	9	18,8
	Baile na casa dos vizinhos e Novenas e celebração do padroeiro da comunidade	25	52,1
	Jogos de futebol e campeonatos, bailes e rezas.	12	25,0
	TOTAL	48	100,0

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Durante a entrevista os idosos lembraram que uma das fontes de diversão também era o rádio. Relataram como foi a primeira vez que ouviram dizer que um dos vizinhos tinha trazido um rádio de São Paulo. As pessoas se juntavam na casa onde estava a novidade para escutarem música.



Figura 81: Radios antigos, São Miguel do Anta, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Com a chegada da luz elétrica a televisão se converteu no grande meio de divertimento dos aposentados entrevistados. A ludicidade coletiva ficou amalgamada a algumas festividades religiosas. Até mesmo as práticas religiosas ficaram mais privadas e íntimas, com a televisão. Em Piranga 35,5% dos aposentados rurais assistiam programas religiosos na TV. Já em São Miguel do Anta dentre os 28,3% que assistiam televisão, a audiência se dividia em torno do Jornal, da Novela e dos Programas religiosos.

Tabela 27: Tipo de Programa de televisão assistido pelos idosos em Piranga e São Miguel do Anta, MG.

MUNICÍPIO	TIPO DE PROGRAMA DE TELEVISÃO	F.	%
Piranga	Não assiste TV	2	3,2
	Jornal	1	1,6
	Novela	2	3,2
	Programas religiosos	22	35,5
	Programas Agropecuários	1	1,6
	Esportes	2	3,2
	Jornal e Esportes	2	3,2
	Novela e Programas religiosos	7	11,3
	Jornal, Novela e Programas religiosos	7	11,3
	Jornal, Novela, Programas religiosos e Programas Agropecuários	1	1,6
	Jornal e Programas religiosos	13	21,0
	Jornal, Programas Agropecuários e Esportes	1	1,6
	Jornal, Programas religiosos e Programas Agropecuários	1	1,6
	TOTAL	62	100,0
São Miguel do Anta	Não assiste TV	3	5,7
	Jornal	1	1,9
	Programas religiosos	13	24,5
	Esportes	2	3,8
	Jornal e Esportes	1	1,9
	Novela e Programas religiosos	7	13,2
	Jornal, Novela e Programas religiosos.	15	28,3
	Jornal, Novela, Programas religiosos e Programas Agropecuários.	2	3,8
	Jornal e Programas religiosos	6	11,3
	Jornal, Programas Agropecuários e Esportes.	2	3,8
	Jornal, Programas religiosos e Programas Agropecuários.	1	1,9
TOTAL	53	100,0	

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

A participação em atividades coletivas, predominantemente religiosas, na comunidade e/ou na cidade, ficou em torno de 30,2% em Piranga e de 18% em São Miguel do Anta.

Tabela 28: Tipo de grupo frequentado pelos idosos de Piranga e São Miguel do Anta, MG.

MUNICÍPIO	GRUPO	F.	%
Piranga	Associações ligadas a Igreja	16	66,7
	Não tem condições de participar devido as limitações físicas	6	25,0
	Reuniões e Encontros da EMATER e Associações ligadas a Igreja	1	4,2
	Sindicato de Trabalhador Rural, Reuniões e Encontros da EMATER e Associações ligadas a Igreja.	1	4,2
	TOTAL	24	100,0
São Miguel do Anta	Associações ligadas a Igreja	8	80,0
	Grupo da Terceira Idade	2	20,0
	TOTAL	10	100,0

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Diante de todas as transformações pelas quais passaram ao longo dos anos vividos no campo, a satisfação com a vida que levam foi avaliada como muito positiva. A utilização da escala *likert* mostrou que 82,5% dos idosos de Piranga e 80,4% dos entrevistados de São Miguel do Anta estavam muito satisfeitos com a vida que levavam no campo (Figura 80).

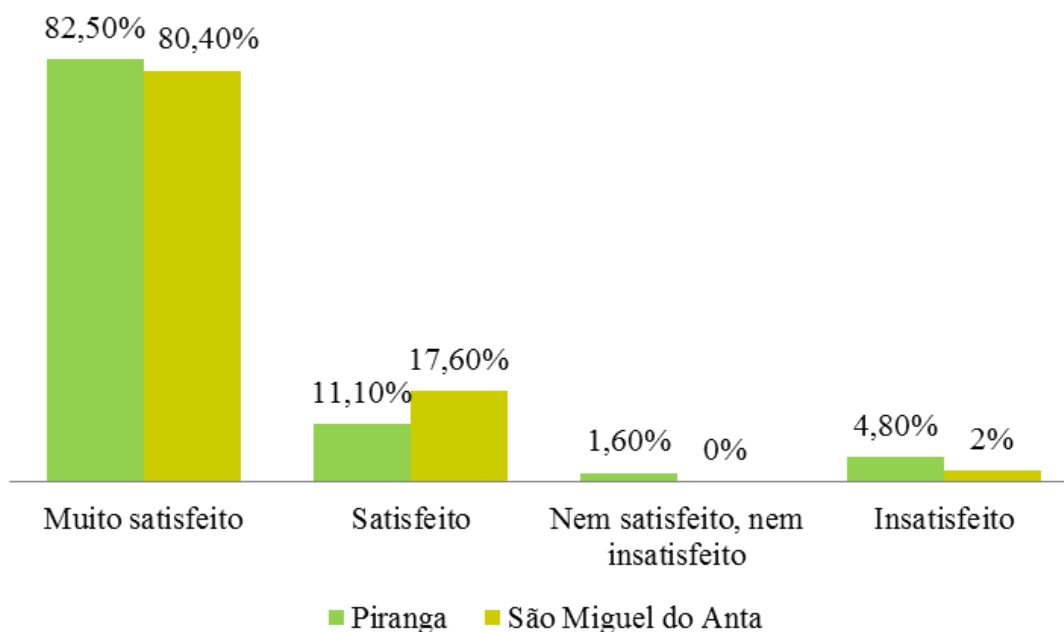


Figura 82: Grau de satisfação dos idosos entrevistados em morar no campo.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

A grande maioria dos aposentados rurais não manifestava qualquer vontade de se mudar para a cidade: 87,3% dos entrevistados em Piranga e 84,9% em São Miguel do Anta disseram que não gostariam de permanecer no campo. Contudo, entre o pequeno percentual daqueles que disseram que gostariam de viver na cidade, as mulheres se destacaram, justificando terem o desejo de ficar mais próximas da Igreja e por ter mais facilidades para o acesso à saúde e ao comércio.

Conforme retratado nesse capítulo, o modo de vida rural traz marcas dos costumes e práticas “de primeiro” que perduram até “hoje” e que recebem influência dos modos de vida urbano que se configuram nas novas formas de construir a casa, aquisição de tecnologias, na alimentação, no vestuário e nos móveis, sem perder o apreço por manter técnicas e objetos antigos.

CAPÍTULO 3

A PREVIDÊNCIA SOCIAL NO BRASIL: A aposentadoria rural e os impactos socioeconômicos para os idosos rurais

O presente capítulo trás um breve resgate do histórico da Previdência Social no Brasil mostrando o contexto de surgimento da Previdência Social Rural, com ênfase para a apresentação dos resultados das entrevistas realizadas nas cidades de Piranga e São Miguel do Anta, apresentando a realidade dos idosos entrevistados bem como o uso da aposentadoria rural, seus impactos, investimentos e a conseqüente formação do “*habitus* previdenciário”.

3.1 O histórico da Previdência Social e a germinação da aposentadoria rural

Foi a partir da aprovação da Lei Elóy Chaves²³ e do Decreto nº 4.682 de 24 de janeiro de 1923 pelo então presidente Arthur da Silva Bernardes que a Previdência Social se originou no Brasil. O benefício foi direcionado inicialmente para os empregados das empresas ferroviárias. Após a promulgação da lei, outras empresas aderiram ao plano de Previdência Social. A organização, arrecadação e distribuição do benefício ficou a cargo das Caixas de Aposentadorias e Pensões (CAP’s) criadas nas empresas por determinação do Decreto. Na Era Vargas ocorreu a consolidação dos direitos trabalhistas, como a carteira de trabalho, o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço – FGTS, entre outros. Contudo, os agricultores e os trabalhadores rurais ficaram fora deste benefício. No decorrer dos anos foram incorporadas outras leis e decretos²⁴, tais como: a Lei nº 3.807, Lei Orgânica de Previdência Social – LOPS, de 26 de agosto de 1960, que unificou a legislação referente à Previdência Social aos Institutos de Aposentadorias e Pensões (IAP’s) (BARBOSA 2007).

²³ Autor do projeto que resultou na lei.

²⁴ Mais informações sobre o histórico da previdência social no Brasil pode ser encontrado com detalhes no site: <http://www.previdencia.gov.br/a-previdencia/historico/>

Em virtude da exclusão dos rurais dos seus direitos trabalhistas e sociais, a União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil – ULTAB junto com outras associações de trabalhadores rurais iniciaram a luta. A proposta dos manifestantes junto ao deputado gaúcho Fernando Ferrari gerou o Projeto de Lei 1.837. A sua tramitação ocorreu em 1960 e 1961 e desaguou na estruturação final do Estatuto do Trabalhador Rural, promulgado pela Lei 4.214 de 22 de março de 1963. Segundo Barbosa (2007: p.63), “*este evento é tido como o marco da implementação da legislação social no campo*”. O Estatuto do Trabalhador Rural previa a implantação da previdência social para os trabalhadores rurais, em que:

Art. 158. Fica criado o "Fundo de Assistência e Previdência do Trabalhador Rural", que se constituirá de 1% (um por cento) do valor dos produtos agropecuários colocados e que deverá ser recolhido pelo produtor, quando da primeira operação ao Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, mediante guala própria, até quinze dias daquela colocação.

§ 1º Na hipótese de estabelecimento fabril que utilize matéria-prima de sua produção agropecuária, a arrecadação se constituirá de 1% (um por cento) sobre o valor da matéria-prima própria, que for utilizada.

§ 2º Nenhuma empresa, pública ou privada, rodoviária, ferroviária, marítima ou aérea, poderá transportar qualquer produto agropecuário, sem que comprove, mediante apresentação de guala de recolhimento, o cumprimento do estabelecido neste artigo.

Art. 160. São obrigatoriamente, segurados: os trabalhadores rurais, os colonos ou parceiros, bem como os pequenos proprietários rurais, empreiteiros, tarefeiros e as pessoas físicas que explorem as atividades previstas no art. 30 desta lei, estes com menos de cinco empregados a seu serviço.

Art. 164. O IAPI prestará aos segurados rurais ou dependentes rurais, entre outros, os seguintes serviços:

- a) assistência à maternidade;
- b) auxílio doença;
- c) aposentadoria por invalidez ou velhice;
- d) pensão aos beneficiários em caso de morte;
- e) assistência médica;
- f) auxílio funeral.

No que diz respeito ao FUNRURAL este pode ser visto como a primeira iniciativa para estender os direitos sociais aos trabalhadores do campo. Uma das fontes para o pagamento do recurso saía da contribuição de 1% na venda dos produtos agropecuários e das unidades fabris que utilizavam matéria prima proveniente de produtos agropecuários. Dessa forma, a previdência é composta com base no princípio não

contributivo²⁵. Em 21 de novembro de 1966, durante o regime militar, foi criado o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) por meio do Decreto-Lei nº 72, que passou a unificar as IAP's transformando-as em órgãos gerenciados pelo Estado. No âmbito sindical, a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), fruto da ULTAB, passou a liderar as confederações e a lutar pelos direitos de acesso à previdência (BARSOSA, 2007, PREVIDÊNCIA, 2013).

Com o FUNRURAL pretendia-se colocar em prática, no início da década de 70, ações como: assistência à saúde por meio de convênios estabelecidos entre ambulatórios e hospitais, bem como atendimentos médico e odontológico nos sindicatos. No entanto, a proposta inicial do Estatuto não se concretizou na prática. Diante disso, a CONTAG assim como outras organizações do setor patronal, tais como a Sociedade Nacional de Agricultura (SNA), a Sociedade Rural Brasileira (SRB) e a Confederação Rural Brasileira (CRB) continuaram a pressionar o Governo (BARBOSA, 2007). Como fruto das reivindicações foi aprovada a Lei Complementar nº 11, de 25 de maio de 1971, que instituiu o Programa de Assistência ao Trabalhador Rural (PRÓ-RURAL), em substituição ao plano básico de Previdência Social Rural.

Desde a promulgação da Lei do PRÓ-RURAL até a sua efetivação demorou um tempo. Os resultados iniciais foram identificados a partir de 1974 com a efetivação da assistência médica e o pagamento das aposentadorias, pensões e demais benefícios. Contudo, a distribuição dos recursos era desigual e insuficiente. Os grandes beneficiados foram os empregadores que usufruíram de empréstimos bancários e aquisição de máquinas. Assim, as reivindicações sindicais perseveraram no período de abertura democrática através da organização de congressos²⁶ a formulação de propostas referentes aos direitos do trabalhador rural, dentre eles, o direito à previdência social rural (BARBOSA, 2007).

Após a criação do PRÓ-RURAL a CONTAG recebeu críticas por apoiar o assistencialismo nos sindicatos, com base nos auxílios médico-odontológico. Surgiu, então, outra organização sindical: a Central Única dos Trabalhadores (CUT), que mobilizou os manifestantes, inclusive do campo, pressionando o Governo, durante a

²⁵ Proposta defendida e fortemente argumentada pelo deputado Fernando Ferrari publicado no Diário do Congresso Nacional em 07 de maio de 1960 (BARBOSA, 2007).

²⁶ A CONTAG realizou 5 congressos com reivindicações até a promulgação das Leis 8.212 e 8.213, nos anos de 1966 e 1973, 1979, 1985 e 1991 (BARBOSA, 2007).

década de 80, a implementar melhorias nos direitos trabalhistas e previdenciários²⁷. A Constituição de 1988 marca a transição do período militar para o democrático. No Governo Sarney a CONTAG e a CUT²⁸, juntos aos deputados, principalmente do Sul do país, pressionam o governo a equiparar os direitos dos trabalhadores rurais aos urbanos, exigindo o recebimento por parte destes do salário mínimo e a inclusão da mulher como trabalhadora rural (BARBOSA, 2007).

Após as inúmeras reivindicações e pressão do Senado, foram incorporadas, no ano de 1991, duas leis à Constituição de 1988: o Plano de Custeio, pela Lei 8.212, e o Plano de Benefícios da Previdência Social, pela Lei 8.213, que passaram a compor o artigo 202 da Constituição. Brumer (2002) destaca que com a efetivação administrativa destas duas leis, a partir de 1992, se implementou o acesso universal dos idosos e das pessoas com deficiência de ambos os sexos à previdência social, desde que comprovassem a sua situação de produtor, parceiro, meeiro, arrendatário, garimpeiro ou pescador artesanal. Da mesma forma, os seus respectivos cônjuges que exercessem atividades em regime de economia familiar, sem empregos permanentes. A partir de então considera-se a implantação de ambas as leis como o marco histórico para a previdência social rural.

Barbosa (2007, p. 260) destaca 4 pontos com base nestas duas leis: “a) a incorporação da mulher à previdência social; b) o salário-mínimo referência; c) a redução da idade para aposentadoria em 5 anos comparativamente aos trabalhadores urbanos; d) o regime não contributivo”. Corroborando com os pontos apresentados pelo autor supracitado, Brumer (2002) destaca que o acesso aos direitos sociais pelas populações que vivem no campo tem sido uma das fontes mais importantes de equiparação social entre cidadãos e rurais. Segundo a autora, nos últimos 30 anos, uma série de leis avançaram no sentido da cobertura social dos trabalhadores rurais, fossem eles assalariados ou autônomos, aproximando-os dos trabalhadores urbanos. A Figura 83 mostra que após a efetivação da Lei da Previdência Social após a Constituição de 1988 a população rural aumentou o seu acesso aos direitos sociais.

²⁷A CUT realizou 4 congresso para reivindicar após a saída de alguns sindicalistas da CONTAG, nos anos de 1984, 1986 e 1988 (BARBOSA, 2007).

²⁸A CUT e CONTAG tinham visões diferentes sobre os direitos sociais no campo. A CUT lutava pela igualdade dos direitos urbanos e a CONTAG pela diferença do regime familiar.

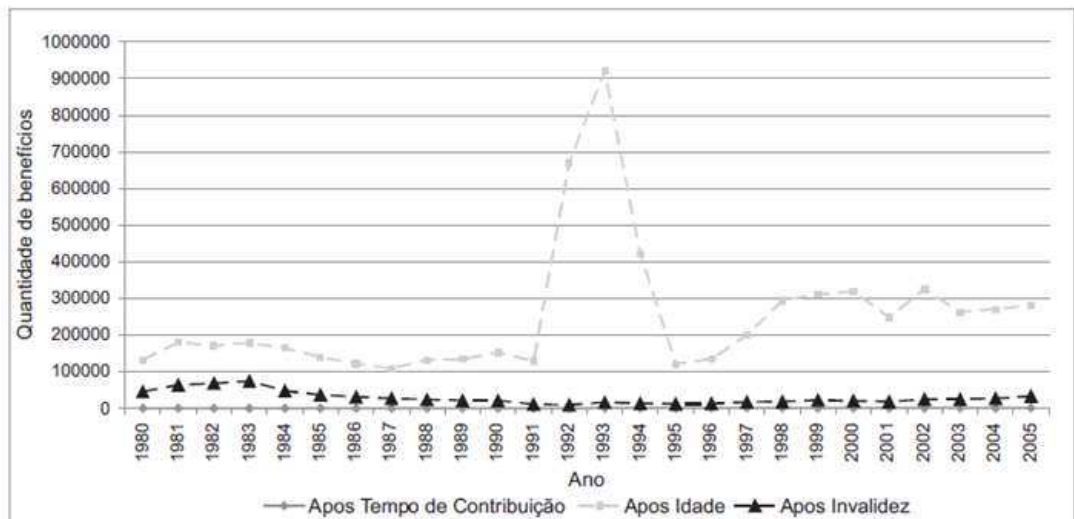


Figura 83- Quantidade de Benefícios concedidos por tipo para população por tipo para população rural – 1980 a 2005.

Fonte: Base de dados históricos do anuário estatístico do Ministério da Previdência Social (2007). Adaptação de Queiroz (2008)

Diferentes autores estudaram os impactos da aposentadoria rural e verificaram a sua contribuição para melhorar as condições de vida dos idosos que vivem no campo, como se verá no tópico a seguir.

3.2 Impactos da aposentadoria rural para os idosos rurais: os resultados de várias pesquisas

No Brasil existem aproximadamente 2 milhões de estabelecimentos agropecuários recebendo o seguro previdenciário (aposentadoria ou pensão), tendo um peso de 41,5% na composição do orçamento domiciliar, oferecendo segurança para os investimentos e demais gastos familiares. Beltrão et. al (2005) ao estudarem a contribuição dos benefícios rurais perceberam que a renda advinda desse recurso desempenhava um papel importante na redução da pobreza e na melhoria da distribuição da renda. Em 2002 pelo menos um beneficiário idoso foi encontrado em 28,8% das famílias do campo. Santos (1996) ressalta que a aposentadoria é percebida na fala dos idosos como um presente do Governo ou de Deus, por permitir-lhes contar com um salário fixo e maior que o salário que recebiam quando na ativa, visto que segundo os idosos entrevistados, este não chegava, muitas vezes, a meio salário. Beltrão et. al (2005) destacaram que aconteceu uma melhoria generalizada na distribuição de renda com o passar dos anos entre as famílias de idosos.

Delgado e José Cardoso Jr. (2000) em parceria com o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IparDES) e o Departamento de Estudos Socioeconômicos Rurais (DESER) verificaram que os idosos aposentados entrevistados eram responsáveis por 48% dos estabelecimentos rurais na região Sul. Os autores deduziram que na prática, o seguro social previdenciário passava a funcionar como um seguro agrícola indireto. Garantia a subsistência familiar e financiava a pequena produção.

Os autores supracitados mostraram que a aposentadoria promove melhorias para os idosos e para a sua família: no consumo de bens, no acesso a novas tecnologias e em termos de melhorias nas técnicas de trabalho na propriedade. Em uma pesquisa com 3 mil domicílios da região sul constatou-se que os gastos com consumo representavam perto de 79% das despesas, incluindo-se aí os gastos com alimentação e higiene (36%), transporte, saúde, educação, vestuário e calçados, habitação — tarifas de água, luz e aluguel, serviços pessoais e recreação.

Ao contrário do que se poderia imaginar, inicialmente, as famílias beneficiadas com o recebimento do seguro previdenciário, em sua maioria, não eram inativas, desenvolvendo atividades produtivas ligadas basicamente à agricultura e à agropecuária. Somente 3,9% dos aposentados rurais se declararam inativos. Assim, a entrada do benefício no orçamento familiar influenciava na mudança de *habitus* dos idosos, que passavam a planejar os investimentos com a aquisição de bens e a aplicação de capital para executar novas atividades dentro da propriedade.

Santos (2008) também realizou uma pesquisa no sul do Brasil cujos resultados evidenciaram que os idosos passaram a assumir o papel de protagonistas na vida econômica de suas famílias. Os gastos dos aposentados com alimentação apareciam como prioridade para 63% dos entrevistados, seguido da compra de medicamentos, despesas com vestuário e compra de móveis e eletrodomésticos. Para 20% dos entrevistados o investimento na produção agrícola apareceu como a maior despesa, sendo utilizado para comprar insumos (adubo, defensivos agrícolas), sementes, maquinário, pagamento dos diaristas e dos empréstimos (geralmente o PRONAF). Enfim, a renda previdenciária com o seu caráter regular oferecia segurança para os projetos familiares.

No próximo item se apresentará em detalhes o processo de interiorização deste novo *habitus* conforme apresentado pelos dados dos autores.

3.3 O “*habitus* previdenciário” na vida dos idosos rurais de Piranga e São Miguel do Anta

O conceito de *habitus* mencionado ao longo da dissertação faz parte de uma das teorias chave para entender as mudanças nos modos de vida dos idosos a partir da institucionalização da aposentadoria que passa a modificar o *habitus* incorporado anteriormente. A palavra *habitus* é um termo do autor alemão Erwin Panofsky e passa a ser amplamente utilizado por Bourdieu (1989). Outro autor que influencia o autor ao cunhar o conceito foi Noam Chomsky, que estuda a “gramática generativa”. Chomsky influencia Bourdieu (2013) ao declarar o *habitus* “como o sistema dos esquemas interiorizados que permitem engendrar todos os pensamentos, percepções e as ações características de uma cultura, e somente esses” (BOURDIEU, 2013, p.349)

Neste sentido, o *habitus* passou a ser considerado como uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas, ou seja, é uma predisposição para agir dentro de uma estrutura com formas simbólicas que podem ser resignificadas. Uma disposição para agir dentro de uma “estrutura estruturada estruturante” que influencia nas escolhas dos indivíduos (BOURDIEU, 1996; 2006).

O conceito de *habitus* aponta, então, a uma predisposição para agir de uma determinada forma. Que dizer, a predisposição para o agir implica em uma forma de conceber a realidade, o mundo que vai “orientar” as formas de agir em termos de práticas instituídas. É neste sentido que consideramos que com a entrada do benefício previdenciário o idoso rural ressignifica seu *habitus* e se propõe a denominá-lo “*habitus* previdenciário”.

Souza (2003) também cunhou um outro conceito se apropriando do *habitus* a partir das discussões de Pierre Bourdieu e discorre sobre o *habitus* precário que se forma devido as consequências da modernidade que deixa o cidadão em condições de subcidadania, na qual a maior parte dos idosos rurais entrevistados vivenciaram e relataram durante a pesquisa e que será apresentado ao longo do texto. O autor não trata o *habitus* de forma genérica e declara que é “mais interessante e rico para meus propósitos, falarmos de pluralidade de *habitus*” (SOUZA, 2003, p. 165). Assim, o autor discorre também sobre o *habitus* primário e *habitus* secundário.

O *habitus* primário é utilizado por Souza (2003) como um ponto de diferenciação do *habitus* precário e do *habitus* secundário. O *habitus* precário está abaixo do *habitus* primário, indicando para a marginalização dos indivíduos diante do processo de

modernização que os conduz a periferia da sociedade com recursos escassos, falta de oportunidades, baixa renda, etc e que não têm “reconhecimento social”. Já o *habitus* secundário vai do *habitus* primário para cima e caracteriza o reconhecimento social das pessoas, como acesso aos seus direitos sociais e econômicos passando pelo processo que Boudieu (2008) trata com distinção. É um processo que tende para a homogeneização de acesso as oportunidades.

Quando Souza (2003) trás a discussão de *habitus* secundário pode-se relacioná-lo a universalização da previdência social rural a partir da constituição de 1988 que possibilitou aos idosos rurais saírem de uma situação de *habitus* precários para *habitus* secundário com o que propõe-se aqui como “*habitus* previdenciário”.

Pela expressão “*habitus* previdenciário” pretende-se caracterizar, no mesmo sentido atribuído por Bourdieu (1989), a predisposição para agir segundo a incorporação de determinadas práticas cotidianas. O direito ao recebimento da aposentadoria rural introduziu algumas práticas que vão se incorporar na vida dos idosos com direito a recebê-la. Os tópicos a seguir mostram detalhes desse processo.

3.3.1 O recebimento da aposentadoria como benção de Deus

A aposentadoria rural se constitui em um marco na vida dos idosos que dedicaram a vida “à lida nos trabalhos agrícolas”. Na fala da maioria dos entrevistados ouviu-se o quanto esse momento foi importante, em virtude de ter lhes trazido segurança e alívio, por “livrar-lhes” da instabilidade na busca pelo sustento de cada dia. Dos idosos (as) entrevistados no município de Piranga a média de tempo como aposentados rurais foi de 15,19 anos, tendo grande parte destes idosos começado a receber o benefício no fim da década de 90 (Quadro 5). O mínimo de tempo como aposentado encontrado na pesquisa foi de 4 anos e o máximo de 33 anos. Em São Miguel do Anta a média do tempo de aposentadoria foi de 11,31 anos, variando de 1 ano a 22 anos²⁹ (QUADRO 4).

²⁹ Nesse caso encontrou-se 5 idosos (9,3%) que aposentaram no período anterior a Lei 8.213. Os outros 49 (90,7%) aposentaram-se depois da referida Lei, que estipulava como idade mínima para aposentadoriar 60 para os homens e 55 para as mulheres.

Quadro 4 – Tempo como aposentados rurais

MUNICÍPIO	MÍNIMO	MÁXIMO	MÉDIA	DESVIO PADRÃO
Piranga	4	33	15,19	6,693
São Miguel do Anta	1	22	11,31	6,773

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Os idosos com mais tempo de aposentadoria a obtiveram no início da década de 80, período que corresponde à passagem do PRÓ-RURAL para a aposentadoria rural, que adveio com a Constituição de 1988. Durante a entrevista, um dos entrevistados falou a respeito do período em que a aposentadoria rural estava sendo estruturada.

Eu aposentei com 65, foi no tempo de Fernando Collor, mas era com meio salário né. Aposentei com meio salário e falei, isso é uma injustiça, a pessoa com meio salário, isso é muito errado, Ai depois de um tempo ele igualou o salário (Tomás, 87 anos).

Com relação ao tipo de benefício concedido aos entrevistados encontramos 4 tipos, sendo o mais acessado pelos idosos rurais, a aposentadoria rural por idade. Os demais foram: aposentadoria rural por invalidez, pensão morte do cônjuge, e, em um dos casos, pensão pela morte do filho. Na Figura 84, a seguir, apresentamos os dados relativos aos tipos de aposentadoria em Piranga e São Miguel do Ana. Em ambos os municípios, a aposentadoria por idade foi majoritária.

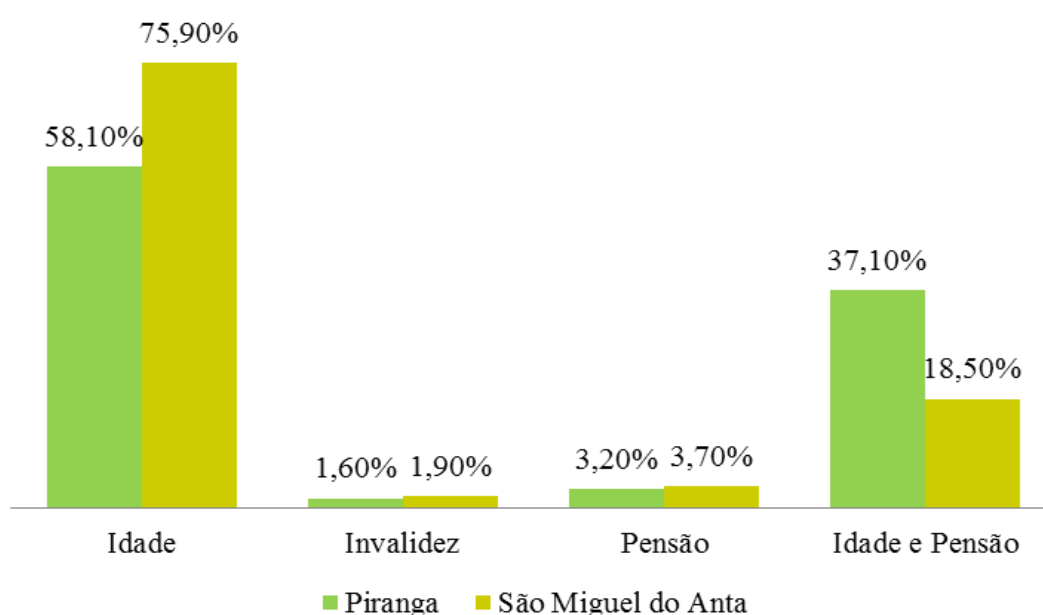


Figura 84 - Tipo de benefício previdenciário concedido aos idosos entrevistados de São Miguel do Anta e Piranga, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

A partir do tipo e o número de benefício que os idosos recebiam elaborou-se duas variáveis para tratar da renda³⁰, uma referente ao número de benefício por entrevistado (a) e a outra por família. Em Piranga, verificou-se que a renda individual de 60,3% dos entrevistados foi de um salário mínimo³¹ (R\$ 678,00); 38,1% recebiam dois salários (R\$1356,0) e uma entrevistada recebia 3 salários (R\$2034,00), que correspondia à própria aposentadoria, a pensão do filho e do marido. A média da renda por aposentado foi de R\$957,8, com o mínimo de R\$678,00 e o máximo de R\$2034,00 (Figura 83).

Na cidade de São Miguel do Anta a renda da aposentadoria dos idosos variou entre o mínimo de um salário (R\$ 678,00) e o máximo de dois salários (R\$1356) com uma média de R\$828,66, pouco mais de um salário. Entre os entrevistados 77,8% recebiam um salário mínimo e os outros 22,2% recebiam dois (Figura 85).

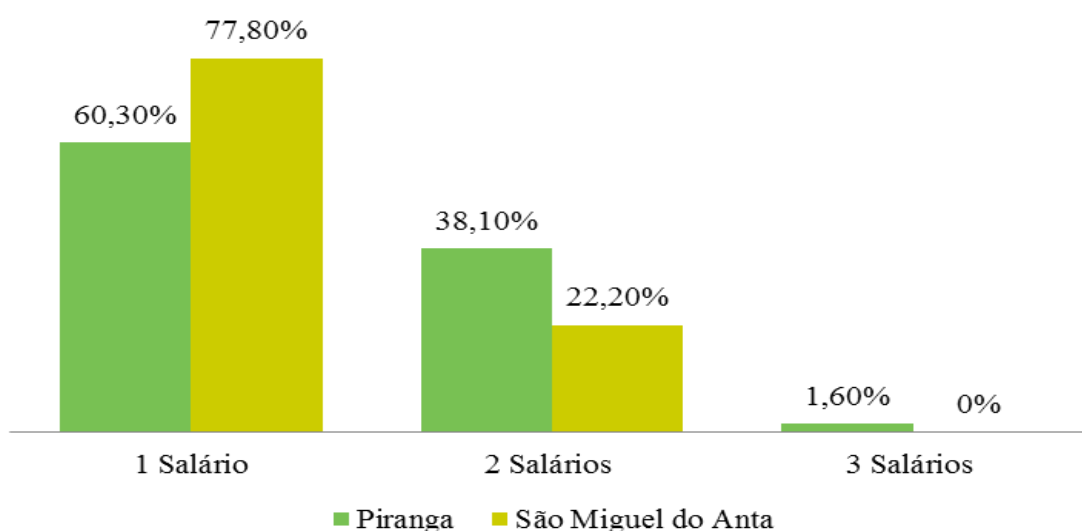


Figura 85: Número de Salário advindo da aposentadoria por entrevistado de São Miguel do Anta e Piranga, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Já no que diz respeito à renda por família, a média ficou em torno de R\$1345,23, a mínima em R\$678,00 e a máxima em R\$2712,00. Para complementar os dados apresentamos na Figura 86 a porcentagem das famílias segundo o número de salários recebidos: 77,8% recebiam dois salários mínimos. Quanto ao número de aposentadoria

³⁰ Por renda dos idosos entende-se a renda de benefícios exclusivamente.

³¹ Consideramos na pesquisa o valor do salário mínimo vigente no ano de 2013, que a partir do mês de Fevereiro do referido ano passou a ser R\$ 678,00.

por família constatou-se que a média foi de R\$1268,11, aproximadamente dois salários, tendo sido o mínimo de um salário (R\$678,00) e o máximo de dois (R\$1356).

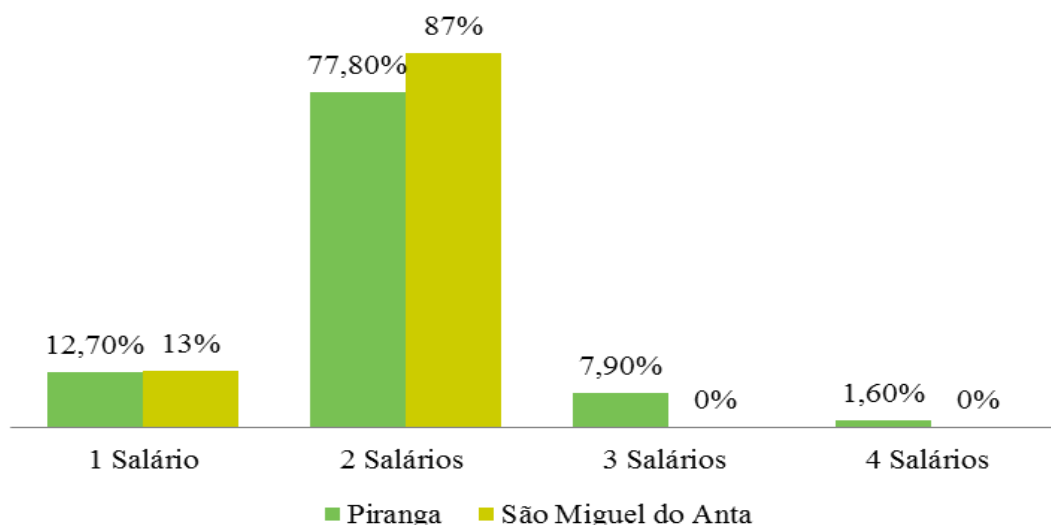


Figura 86: Número de Salário advindo da aposentadoria por família dos entrevistados de São Miguel do Anta e Piranga, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Após investigarmos a respeito do número de benefícios dos idosos indagou-se sobre o significado desta renda para cada um. As falas seguem um ordenamento cronológico comparativo entre a vida “de primeiro” e a de “hoje”, estando ordenadas a partir dos relatos sobre a vida de seus pais idosos, os quais não recebiam o auxílio previdenciário, bem como da vida dos doentes que não tinham pensão e precisavam pedir esmola, uma condição de *habitus* precário (SOUZA, 2003; 2006).

A vida era difícil demais, não tinha a aposentadoria né. (Maria da Conceição, 92 anos, Piranga).

O dinheiro da aposentadoria ajudou muito, de primeiro não tinha nada disso, tinha que trabalhar, se não trabalhasse a pessoa não comia nem bebia, não tinha nada, ajuda nenhuma. Essa aposentadoria ajudou a gente demais, a gente pobre, é uma coisa que a gente pode fazer um compromisso assim e sabe que tem. (Imaculada, 76 anos, Piranga)

E minha fia, Senhor Deus, se não fosse a aposentadoria, a cá, quantas vez que eu tava aqui, tinha umas mulheres pobrinha aqui, ah “hoje” eu cozinhei banana cumadi para os meus filhos, então eu pegava as coisas escondido do meu maridos e dava para elas, ai elas levavam tadinhas. Falei ô meu Deus o que vali pro outros, Deus vale pra gente também, né. (Mercês, 73 anos, Piranga)

Passava muita necessidade, eu andava muito pedindo as coisas, eu ia nas casas que conhece eu, falava que ele tava doente (problema mental), não

tava trabalhando, eu tinha um filho deficiente também, ai eu ia minha fia, pedia e eles dava eu, dava arroz, dava feijão, dava macarrão. (Mariana, 60 anos, São Miguel do Anta)

Nos depoimentos os aposentados rurais destacavam que o momento no qual passaram a recebê-la representou um acontecimento marcante na história de cada um. Falavam da aposentadoria como algo além do que imaginavam um dia receber. Destacavam em suas falas que a aposentadoria era um presente de Deus, afirmando serem imensamente agradecidos por terem recebido a graça de ter a aposentadoria.

[A aposentadoria] é coisa boa demais. É boa! Se não fosse a aposentadoria não dava, nois já tinha morrido, é uai, [risos]. A gente fica alegre demais, né, fica alegre, é uai, tem o dinheiro para pode comprar, tem o dinheiro para comprar as coisas né, valeu demais, se não fosse a aposentadoria, Nossa Senhora. (Penha, 64 anos)

Aposentadoria é coisa muito linda, é Deus que guiou essa aposentadoria pros pobres, porque se não o povo tava perdido. (Clara, 81)

A aposentadoria é muito importante né, as vezes farta um dinheiro você sabe aonde que tem né, todo mês a gente vai lá e recebe, da pra gente fazer qualquer coisa né, vale, muito boa. (Conceição, 62 anos)

Foi uma benção de Deus, foi benção que Deus derramou, ajudou demais minha fia, gente compra o remédio da gente sossegada né, compra os moveis, agente quer sair a gente não precisa ficar dependendo dos outros, pedindo dinheiro né menina, melhorou cento por cento. (Auxiliadora, 60 anos)

As falas dos idosos reforçam o papel da aposentadoria rural a qual vem atuando como uma forma de distribuição de renda que contribui para a diminuição da pobreza rural, como comprovaram diferentes pesquisas realizadas no Brasil (SCHWARZER, 2000; DELGADO e CARDOSO, Jr., 2004; WERNECK VIANNA, 2004; BELTRÃO ET AL., 2005; AQUINO E SOUZA, 2007). A renda da aposentadoria é tida pelos idosos rurais como a mão de Deus na suas vidas, que veio para aplacar as penúrias vividas e as incertezas que os angustiavam na luta pela sobrevivência.

A aposentadoria é tida como uma certeza de dinheiro a cada mês. Representa um presente que “caiu do céu”, algo que os mesmos não imaginavam receber. É vista como alívio em face ao sofrimento vivido e amparo por terem como cuidar da saúde. Por fim, é uma forma de independência por não ficarem dependendo do dinheiro dos filhos e demais membros da família. Cabe ressaltar também a presença dos sindicatos dos

trabalhadores rurais que atuam como mediadores para os idosos se aposentarem, assim percebe-se que a gratidão não se restringe somente a Deus, mas também ao fruto de uma luta política.

Ao avaliar-se o impacto atribuído pela aposentadoria em suas vidas, utilizando-se a escala *likert*, com as opções, melhorou muito, melhorou pouco, ficou igual, piorou pouco, piorou muito, as respostas foram contundentes: a opção melhorou muito correspondeu a 79,4% das respostas em Piranga e a 84,9% em São Miguel do Anta (Figura 87).

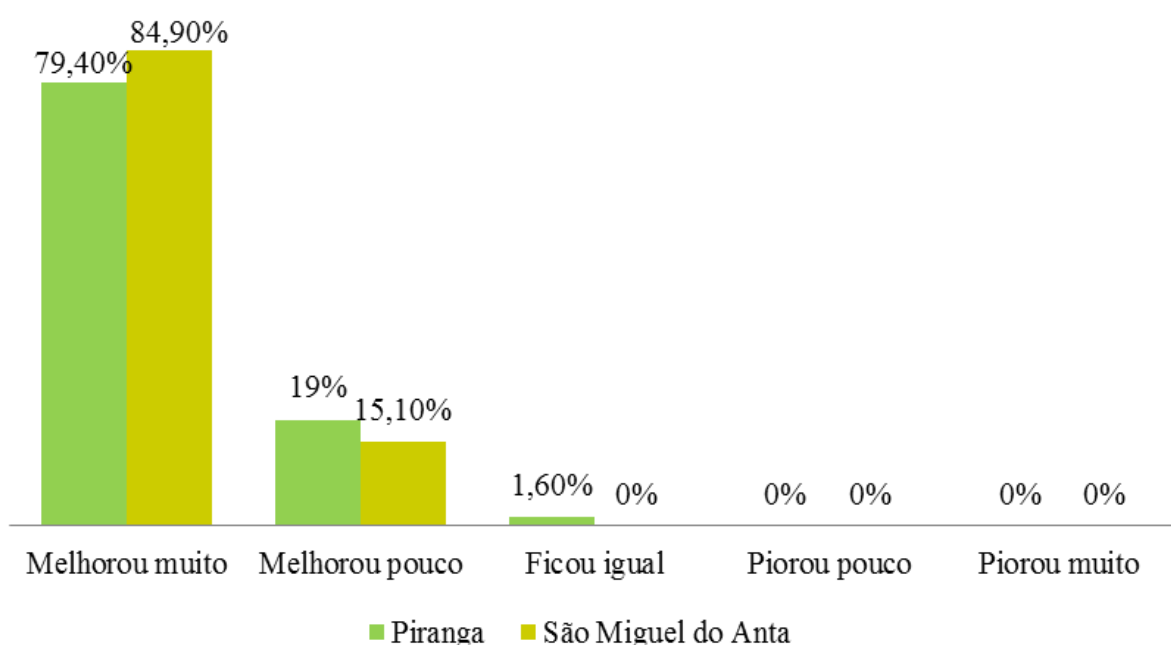


Figura 87: Melhorias na vidas dos idosos entrevistados após a aposentadoria rural
Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

As falas a seguir ilustram o que os dados evidenciaram no que diz respeito a como a renda da aposentadoria rural possibilitou aos idosos fazerem aquisições e investimentos.

Melhorou muito viu, porque esse dinheiro, 600 e pouco que eu recebo todo mês ele me ajuda muito, ajuda a gente comprar, é caso que antes eu entrava no PRONAF no banco, depois que eu aposentei eu falei, agora não preciso disso mais não, eu já tenho o dinheirinho para comprar o adubo, tenho tudo, então melhorou muito, para mim melhorou muito. O meu pensamento é que a pensão [aposentadoria] rural “hoje” é que ela veio ajudar você a tomar o remédio, vestir melhor e comer melhor. (Paulo, 66 anos, Piranga)

Melhorou, porque dinheiro na roça não corre não, né, mulher passava muito male, de primeiro, mulher tinha dinheiro não, mas te fala com cê, mesmo quando eu aposentei [aposentou primeiro que o esposo 5 anos] eu comprava milho de planta, eu pagava corte de terra, eu que pagava tudo, aqui nunca que dinheiro sobrou aqui em casa não, não sei porque, se vende um feijão já precisa daquele dinheiro para outra coisa, se vende aí o milho sabe o que vai fazer com o dinheiro, então não tem jeito. Já com o dinheiro da aposentadoria a gente compra muitas coisas que depender de comprar, a gente compra tudo. Ajudou muito e não é só pra mim não, todas as minhas amigas aqui para a roça a fora passava a mesma vida que eu passava. (Consola, 76 anos, Piranga)

Os idosos disseram que a renda advinda do benefício oferecia uma segurança financeira para que não dependessem dos filhos, mas, pelo contrário, pudessem ajudá-los. Segundo uma idosa a vida:

melhorou, por causa que, se nois não tivesse a aposentadoria nois ia ser dependentes demais da conta da família uai, que a gente não tem um jeito de ganhar dinheiro, velho, não guenta trabalhar, como que a gente ia fazer. (Ana, 65 anos, Piranga)

Ah melhorou né, melhorou muito né, melhorou muito porque depois que a gente aposentou ja pode da mais assistencia para os filhos, né. (Bernardo, 84 anos, São Miguel do Anta)

Depois que a gente aposentou melhorou muito né, nó, meu Deus do céu, foi Deus que mandou essa aposentadoria pra nois né, foi muito bom, graças a Deus. Foi muito bom, as vezes minhas meninas precisa de alguma coisa, né, tá achando difícil, eu ajudo elas, foi muito bom, foi uma beleza gente. Antes, era só o marido, no bolso deles, as vezes ficava com vontade de comprar as coisas não podia. (Consolação, 26 anos, Piranga)

A pesquisa de Aquino e Souza (2007) junto aos idosos, que também usaram a escala *likert*, mostrou que no julgamento dos beneficiários de 94,55% dos idosos a vida “mudou para melhor”. Segundo os autores, os idosos mostravam a gratidão a Deus, mas, também, ao Governo. As falas dos idosos entrevistados em Piranga e São Miguel do Anta apontam ainda, para a importância da aposentadoria rural para os investimentos na propriedade. Na primeira e na segunda fala, os idosos afirmam que a aposentadoria rural passou a subsidiar os gastos com insumos. No caso do primeiro, ele deixou até de pegar o crédito do PRONAF. Fato que foi constatado também nas pesquisas de Delgado e Cardoso Jr. (2000), que caracterizaram a aposentadoria rural como um seguro agrícola.

No município mineiro de Porteirinha, Barbosa (2003) encontrou resultados semelhantes aos ressaltados nas falas dos idosos corroborando com Delgado e Cardoso

Jr. (2000), ao verificar que a aposentadoria rural e a pensão atuavam como suporte financeiro para a realização das atividades agrícolas, substituindo políticas de créditos acessadas pelos idosos. As Figuras 88 e 89 a seguir ilustram alguns dos investimentos feitos nas propriedades dos aposentados investigados. Embora os investimentos tecnológicos não sejam exclusivos da aposentadoria, contando com o acesso ao crédito do PRONAF, a aposentadoria tem sido largamente utilizada para este fim³².



Figura 88: Granja de Frango, São Miguel do Anta, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 89: Equipamentos adquiridos pelo PRONAF, São Miguel do Anta, MG.

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

3.3.2 Os efeitos da aposentadoria rural na vida das mulheres

Outro efeito da renda previdenciária está relacionada às mulheres. Embora sempre tivessem trabalhado, o dinheiro ficava somente nas mãos dos homens. Nas falas das entrevistadas é destacado que:

a aposentadoria para as mulheres principalmente, deveria ser antes, antes dos 55, né, porque ai a gente tinha uma chance de vida, porque pedir dinheiro para o marido não é fácil, eu graças a Deus nunca pedi não, sabe,

³² Quanto ao acesso a linhas de créditos perguntou-se aos idosos se os mesmos ou esposo (a) acessaram ou ainda acessam (no caso o PRONAF) e de acordo com dados tivemos que, em Piranga 16,10% acessaram ou ainda acessava. Nas respostas destacaram dois tipos de auxílio do PRONAF que foi o de acesso ao crédito para a plantação onde 70% desses utilizaram ou ainda utiliza e os demais 20% acessavam o auxílio do programa que oferece máquinas para preparar a terra para o plantio. Vale ressaltar que, entre os entrevistados, o tipo de auxílio do PRONAF que ainda utilizam é o esse último, pois como ressaltado nas falas, o benefício previdenciário tem auxiliado nos investimentos agrícolas e os mesmos já não acessam o empréstimo. Em São Miguel do Anta 47,2% acessaram ou ainda acessava e diferentemente dos idosos piranguenses, só foi registrado um tipo de auxílio, o mais comum, o crédito para a produção, acessado pelos idosos que utilizavam o PRONAF. Nesse caso identificou-se idosos aposentados que ainda acessam, como por exemplo, o idoso que trabalhava com atividades não agrícolas e utilizou o crédito para investir em tecnologias para facilitar o trabalho na granja de frangos, como se pode ver nas Figuras 88 e 89.

eu sempre pegava empreitada com os outros, panhava café, para manter meus filhos, eu sempre tive meu dinheiro, era regado, ce comprava so as coisas de necessidade. Com a aposentadoria cê não precisa regar tanto,voce pode abrir um pouco a mão, né. (...) Aqui a gente nunca teve, nunca teve salário. Por exemplo, uma professora aposenta ela continua com o salário, mas ela já ganhava salário a muito tempo, ta dentro daquele equilibrio ali né, já nos não, pra nos, é maravilhoso, porque cê nunca ta acostumado com dinheiro, aqui na roça cê não ta acostumado com salário uai, que tem salário so os aposentados, né. (Carmelita, 64 anos, São Miguel do Anta)

Nossa Senhora, mulher não pegava em dinheiro nenhum não uai, nós trabalhava direto e não via, trabalhava para os outros, nos já trabalhou muito pra lá de Piranga, viu menina, muito pra lá de Piranga, nois saia a pé daqui tudo com a enxada na cacunda, nois era 8 moças que trabalhava junto, aonde uma tivesse a outra tava, nois ganhava, mas nem via a cor do dinheiro, papai que recebia uai, e fazia a compra lá para dentro de casa que comprava alguma coisinha para nós. Acordava 4, 5 horas da manhã para cua o café e merenda, tomava café quando nos saia, conforme o lugar que nos tivesse, tinha que sair de casa 5 e meia, para chegar 7 horas no serviço , graças a Deus eu já puxei uma enxada, gracias a Deus, já trabalhei demais. (Luzia, 78 anos, Piranga)

De acordo com Silva (2000) o benefício da aposentadoria para as mulheres tem um sentido além do econômico. Tem um valor simbólico, representando um marco. Ao adquirir o cartão bancário, a conta em seu nome e a renda mensal regular fixa, que lhes possibilita tomar a decisão de gastar o dinheiro, comprar o que desejam, a renda passa a ser um instrumento de autonomia para as mulheres. Elas se sentem valorizadas e com poder de decisão. O recebimento da aposentadoria por parte da idosa provoca mudanças nas relações entre as gerações e, conseqüentemente, é responsável pela revalorização da idosa, que se via como dependente do marido, dos filhos ou de outros parentes em idade ativa.

O direito à aposentadoria para as mulheres, muito mais que para os homens, ganha dimensão maior pelo fato de grande parte das mulheres que vivem no campo nunca terem recebido ao longo da vida qualquer remuneração pelos trabalhos realizados. O recebimento da aposentadoria simboliza um reconhecimento delas como trabalhadoras. Antes de receberem o benefício as mulheres eram consideradas como “dependentes”, seja dos pais ou dos maridos, ao se aposentarem passam a ser vistas como “autônomas”, portadoras de direitos, como descrito nas palavras das idosas entrevistadas (SILVA, 2000, BRUMER, 2002). A fala das idosas, destacadas a seguir, mostram como os gastos com a contribuição religiosa, o auxílio ao estudo dos filhos e netos, bem como a ajuda a outros familiares, lhes trazem o sentimento de orgulho, tanto

em relação ao dever cumprido, como pela capacidade de ajudar aos seus e aos que precisam.

A gente paga as continhas, da o dizimo, a gente paga R\$50,00 do Divino Pai Eterno, todo mês eu pago, graças a Deus minha fia, e to no céu.(Auxiliadora, 60 anos, Piranga)

Eu paguei 5 anos de faculdade lá em viçosa para Carlos com o dinheiro da aposentadoria.(Catarina, 70 anos, São Miguel do Anta)

Eu tenho 5 netos, né, tenho uma que estuda na universidade também, tem essa que ta aí, sempre dou um dinheirinho a mais para comprar merenda, porque eu quando ia na escola, não tinha merenda. A que estuda na universidade, ai eu dou uma mãozinha, os pais dela, são bem atrasadinho, luta com muita dificuldade.(Carmelita, 64 anos, São Miguel do Anta).

3.3.3 Investimentos com a renda previdenciária

Outro aspecto inovador relacionado ao recebimento da aposentadoria diz respeito à aplicação da renda previdenciária em termos de investimentos. O investimento representa uma nova forma de experienciar o tempo: o futuro passa a ter um significado na vida destas famílias, interrompendo o ciclo da racionalidade voltada para a sobrevivência diária. Entre os entrevistados a aplicação mais utilizada foi a poupança gerenciada por uma instituição bancária. Dos entrevistados 33,3% em Piranga e 60,8% em São Miguel do Anta possuíam uma poupança bancária para investir o dinheiro. A poupança é, pois parte do “*habitus* previdenciário” que se institui entre os rurais.

O dia de receber a aposentadoria tornou-se um acontecimento importante para os idosos entrevistados. Eles sempre o descreviam com um belo sorriso de satisfação: era o dia que faziam os pagamentos e realizavam outras compras, desde coisas simples como enfeites para a casa até móveis e eletrodomésticos. Havia aqueles idosos que gostavam de levar um “agrado” (presente) para os filhos, para o vizinho e, principalmente, para os netos. As pesquisas que investigaram os gastos dos aposentados os apontaram como dinamizadores da economia da cidade. No processo de ir e vir dos aposentados acontece a relação dos idosos com o mercado local. No caso das cidades com menos de 20 mil habitantes os seus gastos contribuem para o aquecimento da economia local. (SCHWARZER, 2000; BARBOSA, 2003 AQUINO E SOUZA, 2007).

Quanto ao motivo principal para o deslocamento averiguou-se que o mesmo estava relacionado com o recebimento do benefício (Tabela 29). Fazer compras e tratar

da saúde, tal como constatou Santos (2008), correspondiam as finalidade mais comuns do deslocamento dos idosos para a cidade.

Tabela 29: Os motivos do deslocamento campo-cidade entre os idosos nas cidade de Piranga e São Miguel do Anta, MG.

MUNICÍPIO	MOTIVO DE DESLOCAMENTO	FREQUÊNCIA	%
Piranga	Para receber o benefício	5	7,9
	Saúde	11	17,5
	Visitar os parentes	1	1,6
	Para receber, fazer compras	16	25,4
	Para receber, fazer compras e saúde	25	39,7
	Para receber, fazer compras e ir a missa	1	1,6
	Saúde e Compras	1	1,6
	Revalidar a senha do cartão do benefício	2	3,2
	Saúde e Revalidar a senha do cartão do benefício	1	1,6
	TOTAL	63	100,0
São Miguel do Anta	Para receber o benefício	1	1,9
	Saúde	8	15,1
	Compras	1	1,9
	Para receber, fazer compras	15	28,3
	Para receber, fazer compras e saúde	26	49,1
	Revalidar a senha do cartão do benefício	2	3,8
	TOTAL	53	100,0

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Com relação à frequência do deslocamento constatou-se que, nas duas cidades o deslocamento do idoso acontecia na maior parte das vezes para receber o benefício: em Piranga, 54,8% dos idosos se deslocavam uma vez por mês, com este objetivo. Esses dois tipos de deslocamento também foram os de maior percentual em São Miguel do Anta, com 53,8%, conforme a Tabela 30.

Tabela 30: Frequência de deslocamento campo-cidade entre os idosos de Piranga e de São Miguel do Anta, MG.

MUNICÍPIO	DESLOCAMENTO	FREQUÊNCIA	%
Piranga	Uma vez por semana	3	4,8
	Mais de uma vez por semana	7	11,3
	Uma vez por mês	34	54,8
	Mais de uma vez por mês	18	29,0
	TOTAL	62	100,0
São Miguel do Anta	Uma vez por semana	9	17,3
	Mais de uma vez por semana	10	19,2
	Uma vez por mês	28	53,8
	Mais de uma vez por mês	5	9,6
	TOTAL	52	100,0

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Os tipos de transportes utilizados pelos idosos para se deslocarem foram diversos, sendo os mais utilizados, o carro próprio e/ou do filho e o ônibus de linha. Em Piranga, 46% dos entrevistados utilizavam o ônibus como meio de transporte. Como o município é extenso e faz divisa com diferentes cidades (Diogo de Vasconcelos, Mariana e Ouro Preto) e como estas cidades são frequentadas pela população piranguense, tem ônibus circulando em média três vezes por semana. Assim sendo, os idosos aproveitam o ônibus para buscar o benefício ou realizar outras atividades na cidade. Em São Miguel do Anta o meio de transporte mais utilizado por 56,9% dos idosos (as) foi o carro próprio e/ou do filho, seguido do ônibus de linha por 15,7% (Tabela 31). No caso desse município, diferente de Piranga, existem menos horários disponíveis o que faz com que o transporte privado seja o mais acessado pelos idosos.

Tabela 31: Tipo de transporte utilizado para deslocamento em Piranga e de São Miguel do Anta, MG.

MUNICÍPIO	MEIO DE TRANSPORTE	FREQUÊNCIA	%
Piranga	Carro próprio e/ou do filho	16	25,4
	Moto própria	1	1,6
	Taxi	9	14,3
	Ônibus de linha	29	46,0
	Van Particular	1	1,6
	Ônibus de linha e Charrete	1	1,6
	Moto própria e Ônibus de linha	3	4,8
	Taxi e Ônibus de linha	2	3,2
	Ônibus de linha e a pé	1	1,6
	TOTAL	63	100,0
São Miguel do Anta	Carro próprio e/ou do filho	29	56,9
	Moto própria	5	9,8
	Taxi	5	9,8
	Ônibus de linha	8	15,7
	Charrete	2	3,9
	Ônibus de linha e Charrete	1	2,0
	Moto própria e Ônibus de linha	1	2,0
	TOTAL	51	100,0

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Vale ressaltar que durante os dias referentes ao pagamento do benefício nas comunidades rurais distantes da cidade de Piranga tem uma van que leva os aposentados para receberem a aposentadoria rural. Já em São Miguel do Anta tem mais horários de ônibus nos primeiros dias úteis do mês para atender aos aposentados rurais. Outro fato levantado pelos idosos foi o da renda da aposentadoria possibilitar o pagamento do táxi ou mesmo o vizinho para ir receber o benefício, em virtude de acharem o ônibus de

linha cansativo, demorado e, em alguns casos, inadequado para as condições físicas dos idosos. Os aposentados entrevistados destacaram uma mudança na forma de se deslocar: antes era só a pé e a cavalo e andavam muitos quilômetros de uma cidade a outra e em muitos lugares nem estrada tinha.

A aposentadoria é até boa demais, ajuda muito, a gente doente tem um dinheiro para comprar um remédio, paga um carro para levar a gente para a rua, paga uma corrida de carro. (Maria das Dores, 70 anos, Piranga)

Andava minha fia mais é a pé, quando tinha cavalo quem andava a cavalo andava, nois era a pé mesmo, eu pegava menino daqui minha fia levava no Piranga, Senhora de Oliveira a pé, não tinha recurso não minha fia, não era fácil não. (Aparecida, 77 anos, Piranga)

(...) Na época do meu pai nem estrada não tinha não uai e “hoje” tem estradas para todo lado, todo lado carro vem, vai, né, tempo do meu pai tinha estrada não. (José, 80 anos, Piranga)

Outro importante *habitus* introduzido pela aposentadoria rural diz respeito aos gastos com ela realizados, tanto na propriedade, como na casa e no consumo de bens pessoais. Pode-se verificar que o maior investimento da aposentadoria por parte dos aposentados foi a reforma da casa: 52,4% dos entrevistados em Piranga e 58,5% em São Miguel do Anta (Tabela 32).

Tabela 32: Investimento dos idosos (as) na casa e na propriedade em Piranga e São Miguel do Anta, MG.

MUNICÍPIO	TIPO DE INVESTIMENTOS	FREQUÊNCIA	%
Piranga	Reforma da casa	33	52,4
	Construiu uma casa nova	9	14,3
	Construção e/ou reforma das benfeitorias da propriedade	1	1,6
	Investindo o dinheiro para construir a casa futuramente	2	3,2
	Nenhum investimento	18	28,6
	TOTAL	63	100,0
São Miguel do Anta	Reforma da casa	31	58,5
	Construiu uma casa nova	3	5,7
	Aquisição de terras	1	1,9
	Aquisição de veículos	1	1,9
	Nenhum investimento	17	32,1
	TOTAL	53	100,0

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Durante a entrevista, os idosos mencionavam a alegria em poder reformar e planejar a construção da casa que já estava velha, por terem sido construídas na época do casamento ou herdadas da família. Assim, principalmente as idosas, almejavam a

oportunidade de reformar ou construir outra casa diferente e com adaptações que compõem o estilo de casa construída de acordo com os padrões urbanos (SANTOS, 2008). Nas falas a seguir pode-se ver a forma como os idosos entrevistados relataram que a aposentadoria contribui nos investimentos para a reforma e construção de casas, como disse uma idosa:

depois que eu aposentei que nois, pois telha nessa casa outra telha, de primeiro era aquelas telha de barro, telha ruim né, depois reformou essa casa.(Consola, 76 anos, Piranga)

A aposentadoria deu para fazer alguma coisa a mais porque minha casa era muito ruim, a gente foi melhorando, já tem uns três anos que dei uma reforma, deu para fazer essa parte que não tinha [indicou a parte da cozinha], deu para melhorar bem. (Fátima, 66 anos, São Miguel do Anta)

Pego o dinheiro e já largo lá [deposito de materiais de construção], para mandar o material para arrumar a casa e os gastos com pedreiro.(Inês, 63 anos, São Miguel do Anta).

Quando eu recebi a minha [aposentadoria] eu comecei a comprar as coisas para fazer a casa, eu tô pagando no deposito, to pagando no deposito do João, ai tô inteirando quase 9 mil, to pagando para poder começar a casa (Imaculada, 76 anos, Piranga)

(...) A aposentadoria ajudou muito para fazer minha casa, nois morava numa casa barreada, jogou as paredes que tava caindo, foi fazendo a casa embaixo das telhas, era dessa que tá aqui também.(Helena, 73 anos, São Miguel do Anta)

Os investimentos não foram direcionados somente para reformas, inclusive, uma das idosas relatou que com a renda da aposentadoria colocou energia elétrica na residência porque a:

Aposentadoria ajudou, ajuda muito, melhorou muita coisa a gente compra com ela, uai, eu não tinha luz aqui, eu paguei a luz, eu não tinha motor comprei com a aposentadoria, reforma da casa aqui ô, reformei essa casa toda, essa bitelona de casa, depois mostro ocê o tamanho que é.(Isabel, 76 anos, São Miguel do Anta).

As Figuras seguintes ilustram as falas anteriores, mostrando a casa dos idosos depois da reforma. Na Figura 90 vê-se a casa antiga à direita e a nova à esquerda, bem

como a casa da Figura 91 que foi reformada com o dinheiro da aposentadoria rural recebida pela idosa entrevistada.



Figura 90: Casa antiga a direita e a nova a esquerda, São Miguel do Anta, MG.
Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).



Figura 91: Casa reformada com o recurso da aposentadoria rural idosa, Piranga, MG.
Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Os gastos com a casa não ficavam apenas na parte física de reforma ou construção de uma nova, mas, também, na sua equipagem. O consumo de eletrodomésticos e

móveis estavam presentes na casa de, praticamente, todos os idosos. Contudo, a realização da pesquisa em dois municípios marcados por diferentes configurações de ruralidade, ou seja, um com traços de maior ruralidade que o outro, permitiu-nos perceber a entrada do “*habitus* previdenciário” em ritmos diferentes em ambos os municípios. São Miguel do Anta apresenta traços de maior urbanização que Piranga, se considerarmos apenas a densidade demográfica, que é maior, e o número de pessoas vivendo no campo, que é menor.

Tal fato, embora não possa ser interpretado como determinante de um modo de vida mais urbanizado ou ruralizado em um ou outro município, pode, sim, indicar a maior facilidade de penetração do *habitus* previdenciário voltado para a aquisição de um modo de morar mais citadino em um município que em outro. Ou seja, pode-se esperar encontrar mais em São Miguel do Anta, o uso da aposentadoria voltado para a equipagem da casa, através da compra de eletrodomésticos e móveis, seguindo os moldes de morar urbano, que em Piranga.

Dentre os entrevistados de Piranga, 63,5% adquiriram pelo menos 1 eletrodoméstico e 84,1% adquiriram pelo menos um móvel. Antes da aposentadoria o número de eletrodomésticos variavam entre o mínimo de 0 e o máximo de 12 com a média de 3,37 por casa. Depois da aposentadoria o número mínimo foi de 0 e o máximo 11, com a média de 4,73 (Quadro 5). Já em São Miguel do Anta, 48% adquiriram pelo menos 1 eletrodoméstico e 44,9% adquiriram pelo menos um móvel. Antes da entrada do benefício previdenciário o mínimo encontrado foi de 0 e o máximo de 13, com média de 5,46. Os valores após a aposentadoria ficaram entre o mínimo de 0 e o máximo de 10, com média de 3,65 (Quadro 5).

QUADRO 5 – Média de aquisição de eletrodoméstico e móveis pelos idosos rurais em Piranga e São Miguel do Anta, MG.

MUNICÍPIO	VARIÁVEIS	MÍNIMO	MÁXIMO	MÉDIA	DESVIO PADRÃO
Piranga	Total de Eletrodoméstico Antes da Aposentadoria	0	12	3,37	2,996
	Total de Eletrodoméstico Depois da Aposentadoria	0	11	4,73	2,886
	Total de Moveis Antes da Aposentadoria	1	14	7,27	3,102
	Total de Moveis Depois da Aposentadoria	0	6	3,37	1,834
São Miguel do Anta	Total de Eletrodoméstico Antes da Aposentadoria	0	13	5,46	3,596
	Total de Eletrodoméstico Depois da Aposentadoria	0	10	3,65	3,085

Total de Moveis Antes da Aposentadoria	0	20	8,33	3,491
Total de Moveis Depois da Aposentadoria	0	7	2,48	2,126

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

De acordo com os dados observamos a diferença das médias do número de eletrodoméstico antes da aposentadoria das duas cidades, que mostrou, através do teste de médias, que, de fato, a média de eletrodomésticos em Piranga era menor que em São Miguel do Anta. Isto permite afirmar que os idosos sãomiguelenses tinham um número relativamente maior de eletrodomésticos que os de Piranga, talvez em função da maior inserção dos mesmos na economia do café.

Com relação aos tipos de eletrodomésticos adquiridos na cidade de Piranga, os mais encontrados na casa dos idosos foram a televisão e a antena parabólica em 96,8%, o liquidificador em 93,7%, o fogão a gás em 92,1%, a geladeira em 90,5%, o ferro elétrico em 80,6%, o tanquinho em 79,4%, os quais têm os seus percentuais detalhados na Tabela 33. Dos eletrodomésticos adquiridos após a aposentadoria rural destacaram-se: a antena parabólica em 63,5%, o liquidificador em 61,9%, a televisão em 57,1%, o fogão a gás em 49,2% e o telefone celular em 41,3%.

Tabela 33: Total de eletrodomésticos presentes na casa dos idosos e eletrodomésticos adquiridos após a aposentadoria rural em Piranga, MG.

TIPO DE ELETRODOMÉSTICOS	POSSUI ELETRODOMÉSTICOS				ADQUIRIU ELETRODOMÉSTICO APÓS APOSENTADORIA			
	FREQUENCIA		%		FREQUENCIA		%	
	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO
Televisão	61	2	96,8	3,2	36	27	57,1	42,9
Aparelho de DVD	19	44	30,2	69,8	8	55	12,7	87,3
Aparelho de Som	29	34	46,0	54,0	14	49	22,2	77,8
Rádio	31	32	49,2	50,8	10	53	15,9	84,1
Vídeo Cassete	-	63	-	100,0	-	63	-	100,0
Antena parabólica	61	2	96,8	3,2	40	23	63,5	36,5
Telefone Celular	34	29	54,0	46,0	26	37	41,3	58,7
Telefone Fixo	1	62	1,6	98,4	1	62	1,6	98,4
Fogão à gás	58	5	92,1	7,9	31	32	49,2	50,8
Geladeira	57	6	90,5	9,5	32	31	50,8	49,2
Freezer	-	63	-	100,0	-	63	-	100,0
Liquidificador	59	4	93,7	6,3	39	24	61,9	38,1
Batedeira	12	51	19,0	81,0	2	61	3,2	96,8
Microondas	5	58	7,9	92,1	-	63	-	100,0
Tanquinho	50	13	79,4	20,6	36	27	57,1	42,9
Máquina de lavar roupas	4	59	6,3	93,7	1	62	1,6	98,4
Ventilador	8	55	12,7	87,3	2	61	3,2	96,8
Ferro elétrico	50	12	80,6	19,4	21	42	33,3	66,7
Computador	-	63	-	100,0	-	63	-	100,0

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Em São Miguel do Anta, tem-se que os eletrodomésticos presentes na casa dos idosos em maior proporção foram: a geladeira e o liquidificador em 100% dos casos, o fogão a gás em 98,1%, a televisão, a antena parabólica e o ferro elétrico em 96,2%, o tanquinho em 92,3% o telefone celular em 90,4%. Com relação àqueles adquiridos após a aposentadoria verificou-se que as maiores porcentagens ficaram a cargo da antena parabólica em 48% dos entrevistados, o fogão a gás em 44%, o telefone celular e a geladeira com 42% e a televisão com 40%. Pelos dados verifica-se o investimento nas TICs (Tabela 34).

Tabela 34: Total de eletrodomésticos presentes na casa dos idosos e eletrodomésticos adquiridos após a aposentadoria rural em São Miguel do Anta, MG.

TIPO DE ELETRODOMÉSTICOS	POSSUI ELETRODOMÉSTICOS				ADQUIRIU ELETRODOMÉSTICO APÓS APOSENTADORIA			
	FREQUENCIA		%		FREQUENCIA		%	
	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO
Televisão	50	2	96,2	3,8	20	30	40,0	60,0
Aparelho de DVD	20	32	38,5	61,5	9	43	17,3	82,7
Aparelho de Som	25	27	48,1	51,9	7	45	13,5	86,5
Rádio	31	21	59,6	40,4	6	44	12,0	88,0
Vídeo Cassete	-	52	-	100,0	-	52	-	100,0
Antena parabólica	50	2	96,2	3,8	24	26	48,0	52,0
Telefone Celular	47	5	90,4	9,6	21	29	42,0	58,0
Telefone Fixo	2	50	3,8	96,2	-	52	-	100,0
Fogão à gás	51	1	98,1	1,9	22	28	44,0	56,0
Geladeira	52	-	100,0	-	21	29	42,0	58,0
Freezer	5	47	9,6	90,4	3	49	5,8	94,2
Liquidificador	52	-	100,0	-	18	31	36,7	63,3
Batedeira	21	31	40,4	59,6	4	47	7,8	92,2
Microondas	6	46	11,5	88,5	1	51	1,9	98,1
Tanquinho	48	4	92,3	7,7	19	31	38,0	62,0
Máquina de lavar roupas	14	38	26,9	73,1	6	46	11,5	88,5
Ventilador	9	43	17,3	82,7	2	50	3,8	96,2
Ferro elétrico	50	2	96,2	3,8	14	36	28,0	72,0
Computador	1	50	2,0	98,0	--	51	-	100,0

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Quanto à aquisição dos móveis em Piranga, antes da aposentadoria a média era de 7,27, com o mínimo de 1 e o máximo de 14. Após a aposentadoria a média foi de 3,37, indo do mínimo de 0 ao máximo de 6. O número alto da média de móveis antes da aposentadoria pode estar relacionado ao fato de se ter considerado os tipos de móveis e a quantidade, por exemplo, as camas e os guarda roupas, como os idosos fazem parte do tipo de família extensa tiveram mais filhos e, portanto, mais camas. Quanto ao tipo de móvel, segundo a Tabela 35, observou-se que 100% dos entrevistados possuíam cama e 88,9% guarda roupas. Já com relação aos móveis comprados após a aposentadoria, o destaque foi para a aquisição da cama em 84,1% dos casos.

Tabela 35: Total de móveis presentes na casa dos idosos e móveis adquiridos após a aposentadoria rural em Piranga, MG.

TIPO DE MÓVEIS	POSSUI MÓVEIS				ADQUIRIU MÓVEL APÓS APOSENTADORIA			
	FREQUENCIA		%		FREQUENCIA		%	
	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO
Sofá	53	10	84,1	15,9	34	29	54,0	46,0
Mesa de jantar	55	8	87,3	12,7	28	35	44,4	55,6
Armário de cozinha	51	12	81,0	19,0	35	28	55,6	44,4
Cama	63	-	100,0	-	53	10	84,1	15,9
Guarda-roupa	56	7	88,9	11,1	35	28	55,6	44,4
Cômoda	32	31	50,8	49,2	-	63	-	100,0
Estante/Rack	45	17	72,6	27,4	27	36	42,9	57,1

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Na cidade de São Miguel do Anta, a média do tipo de móvel por casa dos idosos foi de 8,33 com mínimo de 0 e máximo de 20. Já após a aposentadoria a média foi de 2,48 indo do mínimo de 0 ao máximo de 7. Já as porcentagens que sobressaíram quanto ao tipo de móveis encontrados nas casas foram a cama, o guarda roupa e a mesa de jantar em 100% dos casos. Dentre os móveis adquiridos após a aposentadoria o destaque foi para o guarda roupa em 44,9% e o armário de cozinha em 44%. A partir das observações da pesquisadora verificou-se que os móveis adquiridos pelos idosos também possuíam uma função de compor a decoração da casa como racks, armários, sofás, etc (Tabela 36).

Tabela 36: Total de móveis presentes na casa dos idosos e móveis adquiridos após a aposentadoria rural em São Miguel do Anta, MG.

TIPO DE MÓVEIS	POSSUI MÓVEIS				ADQUIRIU MÓVEL APÓS APOSENTADORIA			
	FREQUENCIA		%		FREQUENCIA		%	
	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO
Sofá	51	1	98,1	1,9	21	29	42,0	58,0
Mesa de jantar	51	-	100,0	-	17	32	34,7	65,3
Armário de cozinha	47	4	92,2	7,8	22	28	44,0	56,0
Cama	53	-	100,0	-	22	27	44,9	55,1
Guarda-roupa	52	-	100,0	-	25	50,0	25	50,0
Cômoda	33	19	63,5	36,5	1	51	1,9	98,1
Estante/Rack	48	3	94,1	5,9	18	31	36,7	63,3

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

A Tabela 37 apresenta o número de bens antes e depois da aposentadoria nos dois municípios possibilitando-nos perceber que em termos gerais, existia menos eletrodomésticos e móveis em Piranga do que em São Miguel do Anta, antes da aposentadoria dos entrevistados. Depois da aposentadoria, estes adquiriram eletrodomésticos e móveis em porcentagem maior que em São Miguel do Anta. Ou seja,

a configuração sociodensitária mais ruralizada de Piranga não se constituiu em freio para a aquisição de bens materiais comuns às casas citadinas.

Tabela 37: Aquisição de eletrodomésticos e móveis pelos entrevistados de Piranga e São Miguel do Anta, MG antes e depois da aposentadoria rural.

TIPO ELETRODOMÉSTICOS E MÓVEIS ADQUIRIDOS	PIRANGA		SÃO MIGUEL DO ANTA	
	FREQUÊNCIA		FREQUÊNCIA	
	ANTES	DEPOIS	ANTES	DEPOIS
Televisão	25	36,00	29,00	20,00
Aparelho de DVD	11	8,00	10,00	9,00
Aparelho de Som	16	13,00	17,00	7,00
Rádio	20	10,00	25,00	6,00
Antena parabólica	21	40,00	26,00	24,00
Telefone Celular	8	26,00	23,00	22,00
Telefone Fixo	0	1,00	1,00	0
Fogão à gás	27	31,00	29,00	22,00
Geladeira	24	32,00	29,00	21,00
Freezer	0	0	2,00	3,00
Liquidificador	21,00	39,00	34,00	18,00
Batedeira	11,00	2,00	17,00	3,00
Microondas	5,00	0	6,00	1,00
Tanquinho	14,00	36,00	29,00	19,00
Máquina de lavar roupas	3,00	1,00	8,00	6,00
Ventilador	6,00	2,00	7,00	2,00
Ferro elétrico	0	21,00	2,00	14,00
Computador	0	0	1,00	0
Sofá	19,00	34,00	30,00	21,00
Mesa de jantar	27,00	28,00	34,00	17,00
Armário de cozinha	16,00	35,00	25,00	22,00
Cama	63,00	53,00	53,00	27,00
Guarda-roupa	56,00	35,00	52,00	25,00
Cômoda	32,00	0	32,00	0
Estante/Rack	18,00	27,00	30,00	18,00

Fonte: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida dos idosos (2013).

Entre os entrevistados de Piranga verificou-se que dos 18 tipos de eletrodomésticos considerados na pesquisa, 10 aumentaram após a aposentadoria e dos 7 tipos de móveis, 4 aumentaram após a aposentadoria. Já na cidade de São Miguel do Anta, dentre os 18 tipos de eletrodomésticos, temos que apenas 2 deles aumentaram após a aposentadoria. Já em relação aos 7 tipos de móveis, nenhum aumentou. As falas apresentadas a seguir ilustram estes dados quantitativos:

Tem um radinho veio ai, é aquele ali, sonzinho pequenininho, comprei depois que eu aposentei, antes tinha jeito de comprar nada não, antena, comprei depois, agora é sky, a outra não pega de jeito nenhum, celular tem lá, comprei depois que vim para cá geladeira, tudo foi depois, liquidificador depois, tanquinho, mesa com cadeira, tudo foi depois que eu aposentei. (Consolação, 75 anos, Piranga)

Eu aposentei com 55, depois que eu aposentei que eu comprei os móveis, sofá, televisão, minhas camas, tudo e depois que aposentei, armário, geladeira, tudo é depois.(Auxiliadora, 60 anos, Piranga)

Cê vê, eu não tinha televisão, não tinha luz, ali fui juntando um dinheiro, fui comprei. (Isabel, 76 anos, São Miguel do Anta)

Moveis foram comprados depois. Tudo foi depois, antes não dava, mal mal para comer. (...)a gente tendo certeza que vai receber um dinheirinho cê pode comprar, igual eu a prestações, ai eu fui comprando as coisas a prestações, tudo meu foi a prestação, pagando por mês, toda vez tirava muncadinho, “hoje” não compro mais, mas vivo nas lutas de remédio, uma compra de remédio, minha fia, que só Deus é que sabe.(Dorinha, 70 anos, Piranga)

Conforme ressaltado pelas idosas, a certeza da renda permite aos mesmos adquirirem os bens por meio de prestações e pouco a pouco. Assim, fizeram e foram adquirindo os eletrodomésticos e móveis que desejavam, planejando à frente o próximo investimento. Dentro de uma perspectiva de tempo futuro, de amanhã, que não conheciam. O acesso ao telefone celular, por exemplo, foi um bem do qual os idosos não estavam acostumados a utilizar e “hoje” estão abertos ao acesso a essa tecnologia. Durante a entrevista eles lembravam os “tempos antigos” e diziam que o telefone era algo que os próprios nem sabiam definir quando eram jovens e atualmente utilizam o celular para diferentes tarefas, sem problemas.

Pelo que se observou, o celular se constituía em um meio que contribui para a permanência dos idosos no campo, pois quando precisam de um favor dos filhos que moram na cidade, seja para marcar uma consulta, fazer compras, pedir um taxista para levá-los a algum lugar é só ligar. Os idosos mostravam a utilidade do celular, por exemplo, durante uma das entrevistas uma idosa próxima a sua casa estava preocupada porque tinha esquecido o celular em casa:

Hoje meu telefone ficou lá em casa sozinho, se alguém ligar pra lá ô.(Clara, 81 anos, Piranga)

Os dados apresentados permitem-nos perceber que o recebimento da aposentadoria rural por parte dos idosos transformou seus *habitus* conduzindo-os a ficarem mais próximos de um *habitus* secundário pelo “*habitus* previdenciário” (SOUZA, 2003; 2006). O recebimento do benefício proporcionou o acesso ao dinheiro e este se tornou um mediador monetário para a incorporação de padrões de moradia e de

vida mais próximos aos cidadãos. A aposentadoria ofereceu a segurança, o auxílio para fazerem investimentos como a reforma ou construção das casas, para investirem na unidade produtiva, para apoiarem financeiramente a família, enfim para planejarem o amanhã.

Percebeu-se, ainda, que o “*habitus* previdenciário” foi incorporado de forma diferente entre os homens e as mulheres. No caso de praticamente todas as mulheres entrevistadas o recebimento da aposentadoria lhes abriu uma porta para a autonomia sobre si mesmas. Ter o seu próprio dinheiro, certo a cada mês, passa a ser sinônimo de poder na tomada de decisão sobre o que comprar, onde ir, a quem ajudar. Diferentemente dos homens, elas não conheciam a experiência de serem “donas de si mesmas”, deixaram um *habitus* precário (SOUZA, 2003).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação buscou verificar as possíveis mudanças nos modos de vida dos idosos a partir da incorporação do “*habitus* previdenciário” em suas vidas. Analisou-se, especificamente, se a aposentadoria rural recebida pelos idosos incidia sobre o modo de vida da sua família, bem como na dinâmica das unidades produtivas nas quais os aposentados viviam, nos municípios de Piranga e São Miguel do Anta, na Zona da Mata Mineira. O diferencial desta pesquisa foi analisar a relação entre o recebimento da aposentadoria rural e o *habitus* dos idosos: estariam as suas práticas marcadas por uma nova forma de ver a vida e por novas práticas, em termos de padrões de consumo, de lazer, de deslocamento entre o campo e a cidade, de trabalho na agricultura, de investimento, etc.

Para tanto, elaborou-se como primeira hipótese de investigação a suposição de que a previdência social rural reestruturaria o “*habitus* tradicional” do idoso em “*habitus* previdenciário”, o qual alteraria a relação da família com o tempo e também com o seu ambiente mais próximo. Para averiguar essa primeira hipótese, a qual foi comprovada, procurou-se caracterizar o modo de morar dos entrevistados, bem como os seus hábitos e costumes, antes e depois do recebimento da aposentadoria rural.

Verificou-se, então, que os aposentados rurais mantiveram elementos tradicionais nos seus modos de vida, tais como as práticas religiosas, as festas, mas, também, elementos do seu mundo material, como o uso de alguns utensílios antigos, que continuavam a utilizar para a realização de atividades domésticas, principalmente, aquelas ligadas à alimentação. Embora os utensílios antigos, passados de pai para filho, ainda permanecessem sendo utilizados pelos aposentados rurais, o número com que os utilizavam diminuiu: “de primeiro” a média de utilização destes utensílios era de 14,85 em Piranga e de 15,17 em São Miguel do Anta, já “hoje”, depois da aposentadoria rural, a média de utensílios antigos utilizados caiu para 5,02 em Piranga e para 3,59 em São Miguel do Anta. Na medida em que o “*habitus* previdenciário” foi se incorporando na vida dos idosos rurais adquiriram outros utensílios que foram em parte, substituir os tradicionais. A festa do Jubileu de Bacalhau no distrito de Santo Antônio do Pirapetinga em Piranga foi, em grande medida, uma influência para que tais utensílios antigos se mantivessem sendo utilizados. Ano após ano, na festa do Jubileu estes utensílios eram utilizados para reproduzir o modo de vida “de primeiro”.

Todavia, conjuntamente, com essas práticas e meios de vida passados de geração para geração, incorporaram-se novos modos de morar e de viver. A estrutura da casa se modificou, novos utensílios e eletrodomésticos foram absorvidos nas práticas laborais da casa e da propriedade. Assim, mesclaram-se elementos urbanos aos modos de vida rurais mantidos pelos aposentados que viviam no campo, em ambos os municípios investigados.

O hibridismo cultural se mostrou, também, claramente, através dos tipos de máquinas utilizados no trabalho agrícola. Nas duas cidades ainda permaneceram as máquinas de tração manual ou animal que estão ligadas ao trabalho no campo com marcas da ruralidade. Averiguou-se que em Piranga o uso de máquina de tração animal ou manual caiu de 68,3% para 33,3% após o recebimento da aposentadoria rural, enquanto que em São Miguel do Anta a utilização das máquinas de tração animal ou manual reduziu de 84,6% para 73,1%. Já o acesso às máquinas mecanizadas passou de 6,3% para 27%, em Piranga e de 15,4% para 61,5% em São Miguel do Anta.

Contudo, entre as transformações nos seus modos, a mais significativa estava relacionada à forma como passaram a vivenciar o tempo após a rotinização do “*habitus* previdenciário” em suas vidas, saíram da condição de um *habitus* precário e passaram a usufruir da universalização da previdência que os conduzia a viver um *habitus* secundário. A segurança do recebimento do benefício previdenciário, mês após mês, introduziu o “futuro” em suas vidas. Um tempo vindouro, através do qual passam a fazer projetos de melhoramento na casa, de aquisição de bens, etc, à medida que conseguem poupar parte do que recebem para investir.

Quanto aos novos hábitos e costumes adquiridos após a incorporação do “*habitus* previdenciário”, os dados mostraram que os idosos passaram a planejar o futuro, investindo na poupança, fazendo financiamento nas lojas de matérias de construção para erguerem uma casa nova, passaram a andar de táxi porque podem pagar com o dinheiro da aposentadoria, oferecem auxílio financeiro aos filhos e netos (principalmente as idosas) e passaram a encarar o trabalho na propriedade como lazer investindo o dinheiro da aposentadoria na produção substituindo empréstimos como o PRONAF. Neste último caso temos a utilização do seguro social como um seguro agrícola.

A aposentadoria através da certeza do benefício recebido introduziu no modo de vida dos idosos a possibilidade de planejar o futuro. Isto se constitui em uma nova forma de ver a vida, pois os aposentados apresentam-se predispostos a introduzirem em

seus modos de vida novas práticas. Não se está afirmando que a renda da aposentadoria tenha sido a única causa relacionada à institucionalização de um novo *habitus* na vida dos idosos, mas o “dinheiro certo” afastou o medo de gastar e de investir na propriedade e na casa. Com relação ao “trabalho na roça” notou-se haver diferenças entre os investimentos feitos pelos idosos de São Miguel do Anta e de Piranga. Os idosos pirangueses se mostraram resistentes à utilização do agrotóxico e ao consumo de produtos industrializados, estando mais próximo do *habitus pré-monetarização* dos seus modos de vida, o qual não apresentava as marcas da racionalidade capitalista, do planejamento dos investimentos com fins de retorno dos investimentos realizados.

Contudo, o trabalho, independente do município de moradia dos idosos, apresentava-se como tendo um lugar de destaque na propriedade e na vida dos rurais entrevistados, voltando-se, principalmente para as práticas agrícolas destinadas ao autoconsumo, que complementam as despesas dos alimentos comprados. Hoje, ao contrário dos tempos pré- recebimento da aposentadoria não se “planta por precisão”. Mas o trabalho por eles realizado mudou em um sentido muito mais amplo. A aposentadoria rural tirou o idoso de uma situação de dependência do patrão. Antes eles trabalhavam tendo que dividir a produção com o patrão. Agora, eles plantam por conta própria, por satisfação, por gosto, “para passar o tempo”.

No que diz respeito à segunda e à terceira hipóteses as quais afirmavam, respectivamente, que: 2) o recebimento da aposentadoria rural tenderia a diferenciar as práticas dos idosos que vivem no campo e 3) o tempo de introjeção do “*habitus* previdenciário” seria determinante para a consolidação do “*habitus* urbanizado”, a segunda foi comprovada e a terceira refutada. As mudanças realizadas na casa, na propriedade e nos padrões de consumo após os idosos se aposentarem mostraram que com o tempo, os entrevistados foram investindo o recurso recebido na casa, na produção e no acesso a bens e serviços, alterando as práticas do *tempo da precisão*. Esses investimentos confirmam a hipótese dois: os idosos passaram a diferenciar as suas práticas após receber a aposentadoria de formas diferentes uns dos outros. Contudo, o maior ou menor tempo de aposentado não mostrou ter uma influência direta sobre a implementação de um *habitus* mais urbanizado. Esta é uma relação que precisa ser melhor analisada, considerando-se outras variáveis como idade, religião, dentre outras.

A aposentadoria rural também teve implicações diferentes na vida dos homens e das mulheres. Os homens destinavam a renda previdenciária para atividades da unidade

de produção e aquisições agrícolas. A mulher rural não era remunerada pelo seu trabalho, na maioria das vezes, dentro de um *habitus* precário e com o recebimentos do benefício previdenciário as idosas destacaram que a vida mudou, passaram a cuidar do próprio dinheiro, decidiam pelo quê e quando comprar e aplicavam a renda na unidade doméstica.

Percebeu-se que as influências dos padrões de vida citadinos alterou, de certa forma, o modo de vida dos rurais, nas mudanças realizadas na casa e nos seus padrões de consumo. Contudo, a maior evidência em relação a esta terceira hipótese, merece estudos aprofundados, que dizem respeito às diferenças na incorporação dos padrões urbanos entre os aposentados rurais de São Miguel do Anta e de Piranga. Em São Miguel do Anta o percentual de aposentados antes da Constituição de 1988 foi maior que em Piranga que possuía o maior tempo de introjeção do “*habitus* previdenciário”. Os hábitos de consumo parecem guardar relação com esta periodização, em função do consumo de bens duráveis e de tecnologias agrícolas terem sido mais expressivos entre os aposentados de São Miguel do Anta do que os de Piranga.

No geral, os dois municípios apresentaram nuances de marcas diferentes de ruralidade, cada um sofreu influência do “*habitus* previdenciário” de formas e em tempos diferentes. Por exemplo, ao se fazer o teste de médias independentes percebeu-se que os aposentados rurais de São Miguel do Anta compraram um número maior de eletrodomésticos do que os de Piranga, antes da aposentadoria. Já quanto ao acesso aos móveis o número diminuiu depois da aposentadoria nas duas cidades, isso pode ter acontecido pelo fato dos filhos já terem saído de casa, o que levou os idosos a se desfazerem de camas e guarda-roupas antigos passando a comprar móveis novos após a aposentadoria, mas em menor quantidade, porque a família passou a ser menor.

Por fim, como contribuição desta pesquisa para a área da extensão rural os dados relativos a aposentadoria rural apontaram para uma aproximação dos modos de vida que se têm hoje no campo em relação aos modos de vida urbanos. Tal fato aponta para a necessidade de que as políticas públicas para o campo, bem como as práticas dos extensionistas rurais não fique congelada em modelos de ação dicotomizados em termos da relação campo-cidade. Os rurais incorporam em seus modos de morar e nas suas práticas agrícolas as influências urbanas, mesmo que de formas e ritmos diferenciados. A hibridização dos modos de vida dos aposentados rurais é prova disto, estes são capazes de conjugar nas suas práticas culturais: o tradicional e o moderno.

REFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALGRANTI, L. M. Famílias e Vida Doméstica. In: SOUZA, L. de M e. **História da Vida Privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 87 a 154.

ANJOS, F. S.; CALDAS, N. V. O futuro ameaçado: o mundo rural face aos desafios da masculinização, do envelhecimento e da desagrarização. **Ensaio FEE**, v. 26, n. 1, p. 61-694, jun. 2005.

AQUINO, J. R. & SOUZA, R. C. de. Impactos socioeconômicos da previdência rural no Brasil: um estudo de caso no município de Encanto/RN. In: XLV CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 2007, Londrina (PR). **Anais**. Londrina (PR): UEL, 2007.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO (2013) Disponível em <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil/sao-miguel-do-anta_mg> Acesso em 14 abril 2014

ATTIAS - DONFUT, C. Feminização da Velhice. PEIXOTO, C. E.. (Org.). **Família e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BARBETTA, P. A. **Estatística aplicada às Ciências Sociais**. 8. ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2012. 315p.

BABBIE, E. **Métodos de Pesquisas de Survey**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. 519p.

BARBOSA, R. S. Seguro Social e Seguro Agrícola: o duplo papel da Previdência Social Rural. **Revista Científica**, Montes Claros, v.5, n.1, p. . 2003. Disponível em: <<http://http://www.ruc.unimontes.br/index.php/unicientifica/article/viewArticle/78>> Acesso em: 13 agosto 2013.

_____. 286f. **Entre Igualdade e Diferença: processos sociais e disputas políticas em torno da previdência social rural no Brasil**. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, RJ, 2007.

BARROS, M. M. L. de. A velhice na contemporaneidade. PEIXOTO, Clarice Ehlers (Org.). In: **Família e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BELTRÃO, K. I. et al. **A constituição de 1988 e o acesso da população rural brasileira à seguridade social**. In: CAMARANO, A. A. (org.). Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60. Rio de Janeiro: IPEA, 2004. p. 321-51.

BELTRÃO, K. I; CAMARANO, A. A; MELLO, J. L. **Mudanças nas condições de vida dos idosos rurais brasileiros: resultados não - esperados dos avanços da Seguridade Rural**. Rio de Janeiro: IPEA, 2005.

BOLFARINE, H.; BUSSAB, W. O. **Elementos de Amostragem**. Edgar Blücher, São Paulo, 2005.

BERCOVICH, A. Características regionais da população idosa no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, Abep, v. 10, n. ½, p. 127, jan./dez.1993.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. Espaço Social e Espaço Simbólico. In: **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996, p. 13-33.

_____. **El baile de los solteros**. Barcelona: Anagrama, 2004.

_____. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2007.

_____. Estrutura, habitus e prática. In: **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BRANDÃO, C. R. “**No rancho fundo**”: espaços e tempos no mundo rural. Uberlândia: EDUFU, 2009.244p.

BRASIL. Conselho Nacional da Saúde. Legislação: deliberações. Resolução nº. 196 de 10 de outubro de 1996. **Define as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa em Seres Humanos**. Brasília, 1996. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/docs/Resolucoes/Reso196.htm>>. Acesso em 11 nov. 2013.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Atenção à saúde da pessoa idosa e envelhecimento**. Brasília: MS, 2010. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/volume12.pdf>> Acesso em 09 jun 2012.

BRITO, F. **A transição demográfica no Brasil**: as possibilidades e os desafios para a economia e a sociedade. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2007. Disponível em: <<http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20318.pdf>> Acesso em 09 jun 2012.

BRUMER, A. Previdência social rural e gênero. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 4, n 07, p.50-81. 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/soc/n7/a03n7.pdf> > Acesso em: 13 agosto 2010.

BURKE, P. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2003.

CAMARANO, A. A; ABRAMOVAY, R. Êxodo Rural, Envelhecimento e Masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos. **Rev. Bras. Estudos da População**, Brasília, 15 (2), 1998.

CAMARANO, A. A. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. Rio de Janeiro: IPEA, 2002.

CAMARANO, A. A.; GHAOURI, S.K.E. **Famílias com idosos**: Ninhos vazios? Rio de Janeiro: IPEA, 2003.

CANCLINI. N. G, **Culturas Híbridas**: Estratégias para entrar e sair da modernidade. 2.ed. São Paulo: Editora da USP, 1998.

CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1964.

CARVALHO, J. A. M; GARCIA, R. A. O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 19, p. 725-733, 2003. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/csp/v19n3/15876.pdf> Acesso em: 07 jun 2012.

COSTA, C.; FROEHLICH, J. M; CARPES, R. H. Masculinização rural: uma abordagem a partir da regionalização por sistemas agrários no Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v.30, n.2, p. 465-483, jul/dez. 2013.

DELGADO, G; CARDOSO Jr., J. C. **Principais resultados da pesquisa domiciliar sobre a previdência rural na região sul do Brasil** (Projeto Avaliação Socioeconômica da Previdência Social Rural). Rio de Janeiro: IPEA, 2000.

DELGADO, G. C.; CARDOSO Jr, J. C. O Idoso e a Previdência Rural no Brasil:A Experiência Recente da Universalização. In: CAMARANO, A. A. (Org.) Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA, 2004, p. 253-292.

DOMINGUES, J. M. **Ensaio de Sociologia**: teoria e prática. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

ENDLICH, A. M. Perspectivas sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, M. E. B.; WHITACKER, A. M. (org.). **Cidade e campo**. Relações e contradições entre urbano e rural. 2 ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010, 248p. p. 11-32.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas. 2010.159p.

INSTITUO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (2011). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/sinopse/default_sinopse.shtm> Acesso em 09 jun 2012.

INSTITUO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (2010). **Censo Demográfico 2010**: resultados gerais da amostra. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/default.php?cod1=3&cod2=316380&cod3=31&frm=piramide>> Acesso em 09 jan 2014.

LANDIM, F. L. P.; LOURINHO, L. A.; LIRA, R. C. M.; SANTOS, Z. M. S. A. Uma reflexão sobre as abordagens em pesquisa com ênfase na integração qualitativo-quantitativa. **RBPS**, v. 19, n.1, p. 53-58, 2006.

MARTINEZ, L. F; FERREIRA, A. I. **Análise de dados com SPSS**: primeiros passos. Escolar Editora: Lisboa, 2007.

MANNHEIM, K. O pensamento conservador. MARTINS, J. S. (Org) **Introdução crítica à sociologia rural**. 2 ed. São Paulo: HUCITEC, 1986. Cap. 3, p. 77-131

MINAYO, M. C. S; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cad. Saúde Pública**, v. 9, n.3, p. 237-248, 1993.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis (RJ.): Vozes, 2012.

MOTTA, A. B. da. **Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional**. In: PEIXOTO, C. E. (org.). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 109-144.

NASRI, F. O envelhecimento populacional no Brasil. **Revista Einstein**, v.6, n.1, p. S4-S6, 2008.

NICOMEDE, D; GODOI, M. P. Juventude dos anos 60-70 e envelhecimento: estudo de casos sobre feminização e direitos de mulheres idosas. **Rev. Ciênc. Ext.** v.6, n.1, p.40, 2010.

PAIVA, P.T.A. e WAJNMAN, S. Das causas às conseqüências econômicas da transição demográfica no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos da População**, vol. 22, n. 2, p.303-322, 2005.

PREVIDÊNCIA SOCIAL (2003). Disponível em <<http://www.previdencia.gov.br/a-previdencia/historico/>> Acesso em 18 fev 2014

QUEIRÓZ, B. L. **Os impactos da previdência rural na oferta de trabalho e nas condições de vida do setor rural no Brasil**. In: Mudança populacional : aspectos relevantes para a Previdência – Brasília: MPS, SPPS, 2008. 112 p. – (Coleção Previdência Social; v. 27).

RAMBAUD, P. **Société rurale et urbanisation**. 2 ed. (Francês). Paris: Editions du Seuil, 1973, 343 p.

SALGADO, C. D. S. Mulher idosa: a feminização da velhice. **Estud. interdiscip. envelhec**, v. 4, p. 7-19, 2002.

SANTOS, M. de F. de S. A velhice na Zona Rural. Representação Social e Identidade. In: NASCIMENTO-SHULZE, C. **Novas Contribuições para a teorização e pesquisa em representação social**. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia. 1993.

SANTOS, J. R. 332f. **Previdência rural e suas interações com a realidade local: impactos territoriais em São José do Norte – RS**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, 2006.

SCHNEIDER, R. H; IRIGARAY, T. Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia I**, v.4, n. 25, p.585-593, 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n4/a13v25n4.pdf> > Acesso em 09 jun 2012

SCHWARZER, H. **Impactos socioeconômicos do sistema de aposentadorias rurais no Brasil: evidências empíricas de um estudo de caso no Estado do Pará**. Rio de

Janeiro: IPEA, n. 729, 2000.

SETUBAL, M. A. **Vivências caipiras**: pluralidade cultural e diferentes temporalidades na terra paulista. São Paulo: CENPEC, 2005.144p.

SILVA, E. R. A. Efeitos da previdência rural sobre a questão de gênero. In: DELGADO, G; CARDOSO JR., J. C (Org.). **A universalização de direitos sociais no Brasil**: a previdência rural nos anos 90. Brasília: Ipea, 2000.

SOUZA, J. **A construção da subcidadania**: para uma sociologia política da modernidade periférica. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.

SOUZA, J. A gramática social da desigualdade brasileira. In: SOUZA, J. **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p.23-54

SPOSITO, M. E. B; WHITACKER, A. M. **Cidade e campo**. Relações e contradições entre urbano e rural. 2 ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010, 248p.

TONEZER, C. 167f. **Idosos Rurais de Santana da Boa Vista – Rio Grande do Sul**: efeitos da cobertura previdenciária. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, 2004.

TRIOLA, M. F. **Introdução à estatística**. Rio de Janeiro: LTC, 2005.

VASCONCELOS, E. M. **Complexidade e Pesquisa Interdisciplinar**: Epistemologia e Metodologia Operativa. Petrópolis, Vozes, 2002, 343p.

VEIGA, J. E. Destinos da ruralidade no processo de globalização. **Estudos Avançados** 2004, Vol. 51, n. 18, pp. 51-67.

WEBER, M. Ensaio de sociologia. Organização e introdução de H. H. Gerth e C.W. Mills.3.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

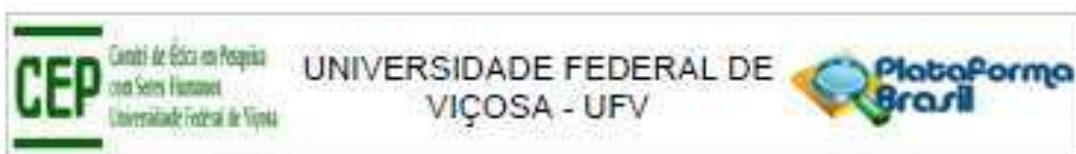
_____. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. 3ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000, 464p.

WELLER, W. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 25, n. 2, p.205 - 224, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922010000200004&script=sci_arttext> Acesso em: 02 jan 2013.

WERNECK VIANNA, M.L.T. **Seguridade social e combate à pobreza no Brasil**: o papel dos benefícios não-contributivos. ENAP, 2005. Disponível em <http://www.enap.gov.br/downloads/ec43ea4fprog_ nao_contri.pdf> Acesso em 23 abril 2014

WIRTH, L. O urbanismo como modo de vida. VELHO, O. G. (Org.). **O Fenômeno urbano**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1979.

ANEXO 1 - Parecer consubstanciado do CEP-UFV



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida das famílias com idosos que vivem no campo: uma análise dos pequenos municípios de Pirangá e São Miguel do Anta, Minas Gerais

Pesquisador: Ana Louise de Carvalho Fúza

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 13180713.1.0000.5153

Instituição Proponente: Departamento de Economia Rural

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 272.141

Data da Relatoria: 13/05/2013

Apresentação do Projeto:

Realizada anteriormente.

Objetivo da Pesquisa:

Apresentado anteriormente.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Descritos na apresentação original do Projeto.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Realizados anteriormente.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Projeto reanalisado pelo Colegiado que verificou a presença de toda documentação obrigatória, incluindo a autorização do Prefeito do Município de Piranga para que a pesquisa seja realizada, bem como a autorização do Prefeito do Município de São Miguel do Anta.

Recomendações:

Nenhuma

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto atende a todos os requisitos da Resolução 196/96, versão 2012 do CNS

Endereço: Campus de UFV Prédio da Divisão de Saúde
Bairro: Divisão de Saúde CEP: 36.571-000
UF: MG Município: VICOSA
Telefone: (31)3869-3783 Fax: (31)3869-3783 E-mail: cep@ufv.br



Comitê de Ética em Pesquisa
com Seres Humanos
Universidade Federal de Viçosa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
VIÇOSA - UFV



Continuação do Parecer: 272.141

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Ao término da pesquisa é necessária a apresentação do Relatório Final e após a aprovação desse, deve ser encaminhado o Comunicado de Término dos Estudos.

Projeto aprovado em reunião realizada no dia 13/05/2013.

VICOSA, 14 de Maio de 2013

Assinador por:
Patrícia Aurélla Del Nero
(Coordenador)

Endereço: Campus da UFV Prédio da Divisão de Saúde
Bairro: Divisão de Saúde CEP: 36.571-000
UF: MG Município: VICOSA
Telefone: (31)3899-3783 Fax: (31)3899-3783 E-mail: cep@ufv.br

Página 2 de 25

APÊNDICE 1 - Roteiro de Entrevista Semiestruturada

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Projeto de Mestrado:

Nome do projeto: **A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida das famílias com idosos que vivem no campo:** uma análise dos pequenos municípios de Piranga e São Miguel do Anta, Minas Gerais.

Data da entrevista: / / 2013

Responsável pela entrevista: Vanessa Aparecida Moreira de Barros

Número de identificação do Questionário:

Município: Piranga () São Miguel do Anta ()

Comunidade/nome do sítio:

PERFIL SOCIOECONÔMICO DA FAMÍLIA

1) Quadro 1

PERFIL UNIDADE DE PRODUÇÃO

2) Área total da propriedade: _____

3) A propriedade que o sr. (a) mora é?

() Casa própria () Alugada () Outra:

4) Com relação a casa, o sr. (a) pode me dizer como era “antigamente” e como é hoje em dia?

- Estrutura das Paredes

() Antigamente	() Hoje em dia	Barreada
() Antigamente	() Hoje em dia	Tijolo
() Antigamente	() Hoje em dia	Blocos de concreto
() Antigamente	() Hoje em dia	Madeira
() Antigamente	() Hoje em dia	Outro:

- Acabamentos das Paredes

() Antigamente	() Hoje em dia	Sem reboque
() Antigamente	() Hoje em dia	Rebocada sem pintar
() Antigamente	() Hoje em dia	Pintadas com barro branco ou colorido
() Antigamente	() Hoje em dia	Pintada com cal
() Antigamente	() Hoje em dia	Pintada com tinta

- Telhado

- | | | |
|--------------------------------------|--------------------------------------|--------------------|
| <input type="checkbox"/> Antigamente | <input type="checkbox"/> Hoje em dia | Sapé |
| <input type="checkbox"/> Antigamente | <input type="checkbox"/> Hoje em dia | Telha de barro |
| <input type="checkbox"/> Antigamente | <input type="checkbox"/> Hoje em dia | Telha colonial |
| <input type="checkbox"/> Antigamente | <input type="checkbox"/> Hoje em dia | Telha de Amianto |
| <input type="checkbox"/> Antigamente | <input type="checkbox"/> Hoje em dia | Lage |
| <input type="checkbox"/> Antigamente | <input type="checkbox"/> Hoje em dia | Lage com cobertura |
| <input type="checkbox"/> Antigamente | <input type="checkbox"/> Hoje em dia | Madeira |
| <input type="checkbox"/> Antigamente | <input type="checkbox"/> Hoje em dia | Zinco |
| <input type="checkbox"/> Antigamente | <input type="checkbox"/> Hoje em dia | Outro: |

- Piso

- | | | |
|--------------------------------------|--------------------------------------|---------------------|
| <input type="checkbox"/> Antigamente | <input type="checkbox"/> Hoje em dia | Terra socada |
| <input type="checkbox"/> Antigamente | <input type="checkbox"/> Hoje em dia | Cimento grosso |
| <input type="checkbox"/> Antigamente | <input type="checkbox"/> Hoje em dia | Cimento queimado |
| <input type="checkbox"/> Antigamente | <input type="checkbox"/> Hoje em dia | Assoalho de madeira |
| <input type="checkbox"/> Antigamente | <input type="checkbox"/> Hoje em dia | Cerâmica |
| <input type="checkbox"/> Antigamente | <input type="checkbox"/> Hoje em dia | Pedra |
| <input type="checkbox"/> Antigamente | <input type="checkbox"/> Hoje em dia | Taco |

- Banheiro

- | | | |
|--------------------------------------|--------------------------------------|---------------|
| <input type="checkbox"/> Antigamente | <input type="checkbox"/> Hoje em dia | Fossa negra |
| <input type="checkbox"/> Antigamente | <input type="checkbox"/> Hoje em dia | Fossa séptica |
| <input type="checkbox"/> Antigamente | <input type="checkbox"/> Hoje em dia | Banheiro |

5) Como o sr. (a) recebeu a terra da propriedade?

- através de herança
- compra de parentes
- compra de terceiros
- através de doação
- as terras são de posse provisória
- por atribuição (colonização, etc)
- outra: _____

6) Assinalar quem foram os herdeiros:

- o marido herdou a terra de sua família
- ambos, o marido e a esposa, herdaram partes que compõem a propriedade
- a esposa herdou a terra de sua família
- outra: _____

7) Idade e ano em que se o sr. (a) tornou proprietário: Idade _____ Ano _____

8) Qual (is) insumos o sr. (a) adquire para produção?

- Sementes
- Mudas
- Adubos
- Combustível
- Agrotóxicos
- Outros: _____

9) Em que local o sr. (a) e sua família compram a maior parte dos insumos da lavoura?

- Na própria comunidade onde residem
 No centro urbano da cidade a que pertence a localidade/distrito onde residem
 Na cidade pólo mais próxima (cidade maior da região)
 Outra localidade: _____

10) Quais os tipos de animais o sr.(a) já teve na propriedade e quais ainda têm?

11) Desse animais o que é produzido e utilizado pela família?

- | Já produziu | Ainda produz |
|--------------------------|------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> Leite |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> Carne suína |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> Carne de frango |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> Carne bovina |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> Ovos |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> Peixes |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> Mel |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> Outros: _____ |

12) Quais produtos já foram ou ainda são processados ou beneficiados na propriedade?

- | Já beneficiou | Ainda beneficia |
|--------------------------|--------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> Queijo |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> Banha |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> Doces em conserva |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> Rapadura |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> Manteiga |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> Pó de café |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> Sabão |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> Tempero caseiro |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> Outros: _____ |

13) Que tipos de atividades agrícolas foram e ainda são desenvolvidas na propriedade?

- | Já desenvolveu | Ainda desenvolve |
|--------------------------|-------------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> Agricultura |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> Pecuária/Gado de corte |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> Outros: _____ |

14) Que tipo de atividades não - agrícolas são desenvolvidas pela família na propriedade?

15) Quais produtos agrícolas o sr. (a) eram e/ou são cultivados?

- | Já cultivou | Ainda cultiva | |
|--------------------------|--------------------------|---------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Milho |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Feijão |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Café |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Hortaliças |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Legumes |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Frutas |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Outros: _____ |

16) Para quem o sr. (a) vendia e/ou ainda vende a maior parte da produção?

- | Vendia | Ainda vende | |
|--------------------------|--------------------------|-------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Na casa do consumidor |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Feiras livres |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Para cooperativa |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Empresa privada |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Para o intermediário – atravessador |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Para o poder público - município |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Entrega nos programas do governo federal |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Para o armazém da comunidade ou município |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Consumo próprio |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Outro _____ |

17) Em termos de renda, quais destas atividades agrícolas o sr. (a) considera mais importante?

18) Quais desse maquinários e equipamentos o sr. (a) têm na propriedade?

Quantos anos têm o(s) seu(s) equipamento (s)?

- | Tinha | Ainda têm | |
|--------------------------|--------------------------|------------------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Foice |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Cavadeira |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Enxada |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Machado |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Martelo |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Serrote |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Debulhador de milho |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Caminhão/veículo utilitário |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Mercedes |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Tração animal (boi, cavalo e mulas) |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Trator |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Microtrator |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Arado de tração animal |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Arado de tração mecânica |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Capinadeira de tração animal |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Grade aradora de tração animal |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Grade de tração mecânica |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Semeadora de tração animal |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Plantadoras de tração mecânica para o plantio direto |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Semeadora de tração animal |
| <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Ensiladora |

- Roçadeira
 Carreta agrícola
 Pulverizador costal
 Pulverizador costa motorizado
 Pulverizador costa manual
 Ordenhadeira
 Resfriador de leite
 Motor elétrico
 Bomba de água
 Engenho de cana
 Carroça
 Picador de Pasto (ferradeiras)
 Outros: _____

19) Que tipos de instalações ou benfeitorias o sr. (a) já teve e ainda tem na propriedade?

Já teve Ainda tem

- aviário (granja)
 - estábulo
 - paiol
 - monjolo
 - moinho de pedra
 - dínamo (usina de luz)
 - galinheiro
 - chiqueiro
 - poços artesanais
 - outros: _____

20) O sr. (a) utiliza as mesmas práticas e tecnologias que seu pai utilizava?

Sim Não

20.1) Se sim, como era (é) essas práticas? O que o sr (a) vê de diferente?

21) Quais os outros gastos o sr. (a) tem com a propriedade?

- ITR – Imposto territorial de terra
 Contribuição Sindical (mensalidade/anuidade)
 Água encanada
 Telefone para fins produtivo
 Arrendamento (pastos)
 Mão de obra
 Outros: _____

22) O sr. (a) ou os demais familiares já pegaram algum tipo de empréstimo em bancos/cooperativas/Governo (PRONAF) para investir na propriedade? Por quê?

Sim Não

23) Se sim, o(s) empréstimo(s) feito(s) foi (ram) para investir em que?

24) Se não, por que ninguém nunca quis pegar um financiamento?

- Por que nunca precisaram
 Por medo de não conseguir pagar
 Por que não gostam de pegar dinheiro emprestado
 Já tentaram mas não conseguiram porque o pedido não foi aprovado
 Outro: _____

PERFIL DA UNIDADE DOMÉSTICA

Atividades Domésticas

25) Quem faz as atividades da casa (limpeza, refeições, lavagem das roupas, etc.)?

- a esposa (o) filha (o) empregada faxineira Outro: _____

26) A comida é feita em que tipo de fogão?

- Fogão a lenha Fogão a gás Elétrico Outro. Especificar:

27) O(A) sr. (a) pode me contar com a comida era feitas “antigamente” e os principais alimentos que se consumia nas refeições?

28) Que tipo de alimento é utilizado como merenda? Quais desses o (a) sr. (a) fazia e agora não faz mais?

29) O(A) sr. (a) pode me contar como a roupa era lavada “antigamente”, que tipos de roupas e calçados eram usados?

30) E os cuidados com a higiene e beleza, como eram “antigamente”? O que mudou? Como é hoje em dia?

CONSUMO E BENS MATERIAIS

31) Quais desses objetos “antigos” o (a) sr. (a) já teve ou ainda têm?

Já teve Ainda tem

- pilão
 - macebo
 - ralo de doce feito com lata furada
 - panela de ferro
 - panela de pedra
 - Cuia
 - Coite
 - Roletador de feijão feito com lata “amassada”
 - Copos feitos com latas reaproveitadas com “alça” de lata amassada
 - Pá (colher de pau de madeira mais bruta)
 - Lata de óleo usada para guardar gordura (banha)
 - Bacia de esmaltado
 - Candeeiro
 - Lamparina
 - Lampião
 - Chuveiro baiano

- () () - Peneira de taquara
 () () - Moinho de moer café
 () () - Moinho de moer carne
 () () - Outros: _____
 () () _____
 () () _____
 () () _____
 () () _____
 () () _____
 () () _____
 () () _____
 () () _____

32) Que tipos de moveis eram utilizados “antigamente”?

33) Gostaríamos de saber os bens que a família possui e dos investimentos que ela fez nos últimos anos...

Item que possui	Possui?			Tempo de aquisição do bem	
	Sim	Não	Nº	Depois da Aposentadoria	Adquiriu a quanto tempo
Sofá					
Televisão					
Aparelho de DVD					
Aparelho de Som					
Rádio					
Vídeo Cassete					
Antena parabólica					
Telefone Celular					
Telefone Fixo					
Fogão à gás					
Refrigerador					
Freezer					
Liquidificador					
Batedeira					
Microondas					
Tanquinho					
Máquina de lavar roupas					
Ventilador					
Ferro elétrico					
Máquina de costura					
Mesa de jantar					
Cama					
Armário de cozinha					
Guarda-roupa					
Cômoda					
Estante/Rack					

Acesso a internet					
Outros					

PERFIL DA VELHICE E DO BENÉFICIO

34) Diante da idade que o Senhor (a) têm hoje, como o Senhor (a) se vê? O que o Senhor (a) acha da velhice? O que o sr (a) vê de positivo e de negativo?

35) Aposentado (a) à quanto tempo? _____

36) Tipo de Benefício?

- Aposentadoria Rural por idade
- Aposentadoria Rural por invalidez
- Pensão por morte do cônjuge
- Renda Mensal Vitalícia – BPC
- Outro: _____

37) A vida do sr. (a) mudou depois da aposentadoria?

- Melhorou muito
- Melhorou pouco
- Ficou igual
- Piorou um pouco
- Piorou muito

38) Como o sr. se sente depois da aposentadoria? O que a aposentadoria representou para o sr. (a)?

39) Depois da aposentadoria o senhor continuou responsável pela unidade de produção?

- Sim Não Que é o novo responsável? _____

40) Quais investimentos foram feitos após a aposentadoria rural?

- Aquisição de terras
- Aquisição de veículos (utilitários)
- Aquisição de equipamentos ou máquinas
- Aquisição de terreno na cidade
- Construção e reforma da casa
- Construção e reforma das benfeitorias da propriedade
- Outros investimentos (especificar)

APLICAÇÃO DA RENDA BENEFICIÁRIA

41) Com quais itens abaixo o senhor gasta mais de sua renda da aposentadoria?

(Elencar em ordem de prioridade)

- Despesas da casa
- Compra moveis e eletrodomésticos
- Faz reforma na casa
- Compra roupas
- Guarda o dinheiro em uma poupança
- Investe em equipamentos agrícolas para a propriedade
- Paga os atendimentos privado para consultas com médicos
- Compra de medicamentos
- Outros: _____

42) Com qual frequência o senhor se desloca para a (s) cidade (s)?

- uma vez por semana
- mais de uma vez por semana
- uma vez por mês
- mais de uma vez por mês

43) Para quais cidades o senhor costuma ir?

- Ervália
- Viçosa
- Ponte Nova
- Porto Firme
- Mariana
- Diogo de Vasconcelos
- Conselheiro Lafaiete
- Outra: _____

44) Por qual motivo o senhor costuma ir essa (s) cidade (s)?

- Para receber o benefício
- Saúde
- Compras
- Visitar os parentes
- Outros: _____

45) Meio de transporte utilizado?

- carro próprio
- moto própria
- taxi
- paga os vizinhos para leva-los
- ônibus escolar
- ônibus de linha
- Charrete
- “montado a cavalo”
- a pé
- bicicleta
- outro:

46) O sr (a), possuía conta bancária antes da aposentadoria?

Sim

Não

47) O sr. (a) pode descrever como é a rotina do dia de receber a aposentadoria na cidade?

48)O que representa a renda da aposentadoria comparada com outras fontes de renda?

menos de 25% de 25% a 50% de 50% a 75% Mais de 75%

Quase 100%

ATIVIDADES DE LAZER

49) O sr. (a) descansa do trabalho no fim de semana? Sim Não

49. 1. Se não, por quê?

50) O sr. pode me contar com eram as atividades de lazer “antigamente”? O que costumavam fazer? Onde iam? E hoje? (lembrar das festas da cidade, na comunidade)

51) Quais programas de TV o sr. (a) gosta de assistir?

Jornal Novela Programas religiosos Programas agropecuários e de assistência técnica Outros: _____

52) Vocês participam de algum grupo na comunidade ou na cidade?

Sindicato de Trabalhador Rural

Sindicato de Produtor Rural

Associação ligada ao turismo

Reuniões e Encontros da Emater

Associações ligadas a Igreja

Outros: _____

53)Para desenvolver a sua religiosidade, você costuma ficar na própria comunidade ou vai à cidade para praticá-la?

Na comunidade Na cidade Outro:

RELAÇÃO COMO O CAMPO

54) Em relação à época em que seus pais trabalhavam na agricultura, o Senhor considera que o período atual. Por quê?

Melhorou muito

Melhorou pouco

Ficou igual

Piorou um pouco

Piorou muito

55) Qual é o grau de satisfação do sr. e de sua família em relação À ATIVIDADEAGRÍCOLA (explorar aspectos do trabalho e produção)?

- Muito satisfeito
- Satisfeito
- Nem satisfeito, nem insatisfeito
- Insatisfeito
- Muito insatisfeito

56) Qual é o grau de satisfação do sr. e de sua família em relação ao campo (a roça)?

- Muito satisfeito
- Satisfeito
- Nem satisfeito, nem insatisfeito
- Insatisfeito
- Muito insatisfeito

57) Alguém de sua família gostaria de mudar para a cidade?() Sim () Não

57.1) Se sim, apontar a razão pela qual o (s) membro (s) pretende (m) mudar para cidade:

APÊNDICE 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA

TÍTULO DO PROJETO: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida das famílias com idosos que vivem no campo: uma análise dos pequenos municípios de Piranga e São Miguel do Anta, Minas Gerais.

Coordenador da pesquisa (pesquisador responsável):

Nome: Ana Louise de Carvalho Fiúza

Departamento: Economia Rural tel: (31) 3899-1313 e-mail: louisefiuza@gmail.com

Equipe de pesquisa

Nome: Vanessa Aparecida Moreira de Barros

Departamento: Economia Rural tel: (31) 3899 – 2214 e-mail: vanessabarrosec@gmail.com

Você está sendo convidado (a) para participar do projeto de pesquisa acima identificado. Todas as informações necessárias sobre a pesquisa encontram-se relacionadas abaixo e caso existam dúvidas, favor esclarecê-las antes da assinatura do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA (VOLUNTÁRIO)

Nome:

Data de nascimento:

Sexo:

Nacionalidade:

Estado Civil:

CPF:

RG:

Telefone: e-mail:

Endereço:

1. Da justificativa e dos objetivos para a realização desta pesquisa:

A pesquisa é importante para observarmos como as pessoas que moram na roça passam a mudar seus costumes ou não, depois de receber a aposentaria e com o objetivo queremos ver se a aposentadoria trouxe coisas boas para o idoso e o restante da família.

2. Do procedimento para a coleta de dados

Para chegarmos aos dados precisamos que o Senhor (a) responda a perguntas relacionadas com a família, a casa e a aposentadoria. Depois da entrevista, se o Senhor (a) permitir a pesquisadora vai tirar fotos, se o Senhor (a) concordar, se sim, peço que assine o termo de autorização de uso de imagem e depoimentos.

3. Da utilização, armazenamento e descarte dos dados

Os dados que o Senhor (a) informar na entrevista serão armazenado no banco de dados da pesquisadora e não será utilizado o nome e nem o endereço, no lugar do nome será identificado com número e quando necessário será utilizado nomes falsos.

4. Dos potenciais riscos e o incômodo que a pesquisa possa acarretar

O incômodo que a pesquisa oferece é com relação ao tempo de duração entrevista e caso o Senhor (a) se sentir incomodar é só falar durante a entrevista. Pode ficar a vontade.

5. Da assistência

Caso o Senhor (a) tenha alguma necessidade de assistência, será comunicados aos técnicos do PSF pela pesquisara.

6. Das despesas

“A minha participação como voluntário na presente pesquisa não resultará qualquer despesa e estou ciente de que não receberei pagamento para fornecer as informações que são necessárias”

7. Da garantia de sigilo

Durante a pesquisa e a divulgação dos dados não será divulgado de forma alguma o nome do Senhor (a), nem o endereço e nenhuma outra informação pessoal. A imagens registradas só divulgadas no trabalho se o Senhor (a) permitir, como falei anteriormente.

8. Da garantia de recusar, desistir ou revogar o consentimento.

“Tenho a garantia de recusar, desistir ou interromper a colaboração na pesquisa a qualquer momento, sem a necessidade de explicar o motivo, todavia, me obrigo a formalizar o meu desejo por escrito”.

Declaro que fui informado (a) dos objetivos do estudo “**A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida das famílias com idosos que vivem no campo:** uma análise dos pequenos municípios de Piranga e São Miguel do Anta, Minas Gerais”, de maneira clara e detalhada e esclareci as minhas dúvidas. Estou informado de que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desse estudo, que recebi uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e em caso de dúvidas não esclarecidas de maneira adequada pelo pesquisador responsável, de discordância com procedimentos ou irregularidade de natureza ética posso buscar auxílio junto ao **Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa – CEP/UFV** no seguinte endereço e contatos:

Divisão de Saúde, *campus* da Universidade Federal de Viçosa-UFV

Telefone: (31) 3899-3783

e-mail: cep@ufv.br

site: www.cep.ufv.br

_____, ____, _____ e 2013.

Pesquisador Responsável pelo Projeto

Sujeito da pesquisa e/ou responsável

APÊNDICE 3 - Termo de Autorização de uso de Imagem e Depoimentos

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores (Vanessa Aparecida Moreira de Barros [pesquisadora] e profa. Ana Louise de Carvalho Fiúza [orientadora]) do projeto de pesquisa intitulado “A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida das famílias com idosos que vivem no campo: uma análise dos pequenos municípios de Piranga e São Miguel do Anta, Minas Gerais” a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N° 3.298/1999, alterado pelo Decreto N° 5.296/2004).

_____, ____ de _____ de 2013

Pesquisador responsável pelo projeto

Sujeito da Pesquisa

APÊNDICE 4 - Pedido de autorização para a realização da pesquisa de campo encaminhado aos prefeitos dos municípios pesquisados



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL**

Campus Universitário – Viçosa, MG – 36570-000 – Telefone e Fax: (31)3899 – 2214 – E-mail:ext@ufv.br

Viçosa, 30 de janeiro de 2013

Ao Excelentíssimo Senhor Prefeito de Piranga
Sr. Carlos de Araújo Silva

Prezado Sr. Prefeito Carlos,

Venho por meio desta carta pedir a sua autorização, enquanto representante legal do município de Piranga/MG, para a realização de uma pesquisa de caráter científico e acadêmico no município. A pesquisa em questão será realizada pelo Programa de Pós Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Viçosa, a nível de mestrado e conta com o apoio da EMATER. O estudo intitulado de A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida das famílias com idosos que vivem no campo: uma análise dos pequenos municípios de Piranga e São Miguel do Anta, Minas Gerais, tem o objetivo principal de verificar as possíveis mudanças nos modos de vida das famílias dos idosos rurais a partir do recebimento da aposentadoria rural. As entrevistas serão aplicadas as famílias do município que tenha pelo menos um de seus membros beneficiado com a aposentadoria rural, sendo que a participação é voluntária e o entrevistado tem direito de recusar-se a participar ou retirar-se do estudo a qualquer momento, sem prejuízo ou justificativa. Além disso, acredita-se que essa pesquisa possa contribuir para iniciar uma maior discussão sobre a realidade dos idosos que moram no campo e assim oferecer dados para a elaboração de futuros programas e projetos que carecem de informações para serem planejados e que poderão ser utilizados pela própria prefeitura. Por fim me coloco a disposição para o esclarecimento de qualquer dúvida. Desde já agradecemos pela atenção,

Atenciosamente,

Vanessa Aparecida Moreira de Barros
Mestranda em Extensão Rural
Universidade Federal de Viçosa
e-mail: vanessabarrosecd@gmail.com

Prof. Dra. Ana Louíse C. Fiúza
Orientadora da pesquisa
Universidade Federal de Viçosa
e-mail: louisefiuza@gmail.com



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL

Campus Universitário – Viçosa, MG – 36570-000 – Telefone e Fax: (31)3899 – 2214 – E-mail:ext@ufv.br

Viçosa, 30 de janeiro de 2013

Ao Excelentíssimo Senhor *Prefeito de São Miguel do Anta*

Sr. Cristiano Moreira Machado

Prezado Sr. Prefeito Cristiano,

Venho por meio desta carta pedir a sua autorização, enquanto representante legal do município de *São Miguel do Anta /MG*, para a realização de uma pesquisa de caráter científico e acadêmico no município. A pesquisa em questão será realizada pelo Programa de Pós Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Viçosa, a nível de mestrado e conta com o apoio da EMATER. O estudo intitulado de **A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida das famílias com idosos que vivem no campo**: uma análise dos pequenos municípios de *Piranga e São Miguel do Anta, Minas Gerais*, tem o objetivo principal de verificar as possíveis mudanças nos modos de vida das famílias dos idosos rurais a partir do recebimento da aposentadoria rural. As entrevistas serão aplicadas as famílias do município que tenha pelo menos um de seus membros beneficiado com a aposentadoria rural, sendo que a participação é voluntária e o entrevistado tem direito de recusar-se a participar ou retirar-se do estudo a qualquer momento, sem prejuízo ou justificativa. Além disso, acredita-se que essa pesquisa possa contribuir para iniciar uma maior discussão sobre a realidade dos idosos que moram no campo e assim oferecer dados para a elaboração de futuros programas e projetos que carecem de informações para serem planejados e que poderão ser utilizados pela própria prefeitura. Por fim me coloco a disposição para o esclarecimento de qualquer dúvida.

Desde já agradecemos pela atenção,

Atenciosamente

Vanessa Aparecida Moreira de Barros
Mestranda em Extensão Rural
Universidade Federal de Viçosa
e-mail: vanessabarrosecd@gmail.com

Prof. Dra. Ana Louíse C. Fiúza
Orientadora da pesquisa
Universidade Federal de Viçosa
e-mail: louisefiúza@gmail.com

APÊNDICE 5 - Declaração de apoio do Escritório da EMATER de Piranga e São Miguel do Anta para a realização da pesquisa de campo.



Autorização

O escritório local da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (EMATER/MG) de Piranga – MG, representado pelas técnicas Rita Maria Brumano Oliveira e Maisa Faustina de Paula Santos Paiva, na condição de mediadores entre os moradores do campo e as instituições públicas, declaram para os devidos fins que apoiam a realização da pesquisa com o objetivo de levantar dados para o estudo desenvolvido pelo Programa de Pós-graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Viçosa, intitulado: **A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida das famílias com idosos que vivem no campo: uma análise dos pequenos municípios de Piranga e São Miguel do Anta, Minas Gerais** e permitem a utilização dos dados das pessoas que utilizam o serviço da instituição. Tendo ciência de que se trata de um trabalho acadêmico sério e que contribuirá para o conhecimento da realidade de nossa região.

Para todos os fins de direito, firmo a presente.

Piranga, 19 de março de 2013

Rita Maria Brumano Oliveira

Maisa Faustina de Paula Santos Paiva

Autorização

O escritório local da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (EMATER/MG) de São Miguel do Anta – MG, representado pelas técnicas Cormarie Alecreche de Almeida e Janaina Marques de Miranda Lisboa, na condição de mediadores entre os moradores do campo e as instituições públicas, declaram para os devidos fins que apoiam a realização da pesquisa com o objetivo de levantar dados para o estudo desenvolvido pelo Programa de Pós-graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Viçosa, intitulado: **A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida das famílias com idosos que vivem no campo: uma análise dos pequenos municípios de Piranga e São Miguel do Anta, Minas Gerais e permitem a utilização dos dados das pessoas que utilizam o serviço da instituição. Tendo ciência de que se trata de um trabalho acadêmico sério e que contribuirá para o conhecimento da realidade de nossa região.**

Para todos os fins de direito, firmo a presente:

São Miguel do Anta, 21 de março de 2013.



Cormarie Alecreche de Almeida



Janaina Marques de Miranda Lisboa

APÊNDICE 6 - Autorização dos Prefeitos de Piranga e São Miguel do Anta para a realização da pesquisa de campo



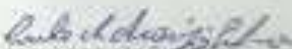
**PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRANGA
ESTADO DE MINAS GERAIS**

Autorização

Eu, CARLOS DE ARAÚJO SILVA na condição de prefeito do município de Piranga no estado de Minas Gerais, declaro para os devidos fins que autorizo a realização da pesquisa com objetivo de levantar dados para o estudo desenvolvido pelo Programa de Pós-graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Viçosa, intitulado: *A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida das famílias com idosos que vivem no campo: uma análise dos pequenos municípios de Piranga e São Miguel do Anta, Minas Gerais. Tenho ciência de que se trata de um trabalho acadêmico sério e que contribuirá para o conhecimento da realidade de nossa região.*

Para todos os fins de direito, firmo a presente.

Piranga, 31 de janeiro de 2013.


CARLOS DE ARAÚJO SILVA
Prefeito Municipal de Piranga-MG

Rua Benedito Valadarez, nº 09 – Centro – Piranga – MG | CEP: 36480-000
Tel: (31) 3746-1251 | Fax: (31) 3746-1056 |
Email: gabinetepiranga@yahoo.com.br



PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MIGUEL DO ANTA
ESTADO DE MINAS GERAIS

Autorização

Eu, CRISTIANO MOREIRA MACHADO, na condição de prefeito do município de São Miguel do Anta no estado de Minas Gerais, declaro para os devidos fins que autorizo a realização da pesquisa com o objetivo de levantar dados para o estudo desenvolvido pelo Programa de Pós-graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Viçosa, intitulado: A aposentadoria rural e as mudanças nos modos de vida das famílias com idosos que vivem no campo: uma análise dos pequenos municípios de Piranga e São Miguel do Anta, Minas Gerais. Tenho ciência de que se trata de um trabalho acadêmico sério e que contribuirá para o conhecimento da realidade de nossa região.

Para todos os fins de direito, firmo a presente.

São Miguel do Anta, 19 de fevereiro de 2013

CRISTIANO MOREIRA MACHADO
Prefeito Municipal de São Miguel do Anta/MG

Cristiano Moreira Machado
Prefeito Municipal de
São Miguel do Anta
CPF: 805.443.398-48